

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

PRISCILA GHELLERE



**UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E
SUA HISTÓRIA, A NOSTRI BAMBINI (VILA
FLORES/RS, 1999 - 2019)**

**NOVA PRATA
2023**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

PRISCILA GHELLERE

**UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA HISTÓRIA, A *NOSTRI
BAMBINI* (VILÁ FLORES/RS, 1999 – 2019)**

**Nova Prata
2023**

PRISCILA GHELLERE

**UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA HISTÓRIA, A *NOSTRI
BAMBINI* (VILA FLORES/RS, 1999 – 2019)**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul como requisito final para o título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientadora: Dr. Terciane Ângela Luchese.

**NOVA PRATA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

G412i Ghellere, Priscila

Uma instituição de educação infantil e sua história, a *Nostrì Bambini*
(Vila Flores/RS, 1999-2019) [recurso eletrônico] / Priscila Ghellere. – 2023.
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2023.

Orientação: Terciane Ângela Luchese.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Educação de crianças - Vila Flores (RS) - História. 2. Escolas de
ensino pré-escolar - Vila Flores (RS) - História. 3. Cultura. 4. Infância. 5.
Brincadeiras. I. Luchese, Terciane Ângela, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 373.2(816.5)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

**“Uma Instituição de Educação Infantil e sua História, a
Nostri Bambini (Vila Flores/RS 1999-2019)”**

Priscila Ghellere

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 08 de dezembro de 2023.

Dra. Terciane Ângela Luchese (presidente - UCS)

Dr. José Edimar de Souza (UCS)

Participação por videoconferência

Dra. Magda Carmelita Sarat Oliveira (UFGD)

Sem viagem não há conhecimento. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento.

(NÓVOA, 2015, p. 14)

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Antigo seminário.....	45
Figura 02: Integrantes de um grupo que conserva a cultura dos filós em Vila Flores/RS.....	47
Figura 03: Mapa territorial de Vila Flores/RS.....	49
Figura 04: Fachada da EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , 2022.....	54
Figura 05: Cerimônia de inauguração da EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , no ano de 1999.....	58
Figura 06: Reportagem sobre a inauguração e funcionamento da EMEI <i>Nostrì Bambini</i>	59
Figura 07: Reinauguração da Escola <i>Nostrì Bambini</i> , 2014.....	69
Figura 08: – Ata sobre novo funcionamento na EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , após implantação da creche, 2014.....	72
Figura 09: Ata sobre demanda de matarias/brinquedos na EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , 2016.....	75
Figura 10: Gráfico ilustrando a demanda de crianças matriculadas na EMEI <i>Nostrì Bambini</i> de 1999 a 2019.....	77
Figura 11: Área externa da Escola Municipal de Educação Infantil <i>Nostrì Bambini</i> , em 2001.....	80
Figura 12: Primeira fachada da Escola Municipal de Educação Infantil <i>Nostrì Bambini</i> , em 2000.....	82
Figura 13: Membros do primeiro CPM da escola no pátio da <i>Nostrì Bambini</i>	83
Figura 14: Primeira turma da Pré-Escola da EMEI <i>Nostrì Bambini</i> em sala cedida, 2009.....	87
Figura 15: Fachada da EMEI <i>Nostrì Bambini</i> após o prédio passar por reformas.....	89
Figura 16: Parte da obra de construção da creche, 2013.....	91
Figura 17: Reforma de ampliação do prédio da EMEI <i>Nostrì Bambini</i> para implantar a creche, em 2013.....	92
Figura 18: Mobiliário que constituía parte de um dormitório de bebês na EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , no ano 2014.....	95
Figura 19: Parte interna do solário, em 2014.....	106
Figura 20: Crianças e professoras brincando na lama.....	108
Figura 21: – Registro de proposta pedagógica realizada por uma turma da EMEI <i>Nostrì Bambini</i>	112

Figura 22: Crianças segurando um painel com dizeres relacionados ao comportamento, em 2001.....	115
Figura 23: Painel com roupas de bebês.....	120
Figura 24: Confraternização de páscoa com alunos da EMEI <i>Nostrì Bambini</i>	132
Figura 25: Gincana de integração em homenagem ao Dia dos Pais da Escola Municipal de Educação Infantil <i>Nostrì Bambini</i> , 2008.....	134
Figura 26: Apresentação junina de uma turma da EMEI <i>Nostrì Bambini</i>	136
Figura 27: Apresentação natalina das crianças da EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , 2013.....	137
Figura 28: Primeira turma a concluir seus estudos na EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , 1999.....	140
Figura 29: Modelo de diploma e convite confeccionados para as cerimônias de formatura da EMEI <i>Nostrì Bambini</i>	143
Figura 30: Espetáculo teatral encenado por crianças de Pré-Escola da EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , 2009.....	144
Figura 31: Crianças da Pré-Escola recebendo seus diplomas de formatura, no ano de 2009.....	145
Figura 32: Evidências principais dos espaços e tempos e culturas infantis presentes na EMEI <i>Nostrì Bambini</i> , 1999 – 2019.....	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trabalhos acadêmicos – teses e dissertações.....	18
Quadro 2: Artigos e Publicações em Eventos.....	25
Quadro 3: Entrevistados.....	38
Quadro 4: Ex-prefeitos de Vila Flores/RS, no período de 1999 a 2019.....	50
Quadro 5: Professoras que passaram pela direção e vice direção da <i>Nostris Bambini</i> , no período de 1999 a 2019.....	65
Quadro 6: Ex-secretários de educação de Vila Flores/RS, no período de 1999 a 2019.....	76
Quadro 7: Principais festividades na EMEI <i>Nostris Bambini</i> , no período de maio de 2005 a dezembro de 2019.....	130
Quadro 8: Relação dos primeiros alunos a frequentar a Escola Municipal de Educação Infantil <i>Nostris Bambini</i> , 1999.....	141

LISTA DE SIGLAS

BDTD- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola

CPM – Círculo de Pais e Mestres

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP – Projeto Político Pedagógico

PUC/MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SUS – Sistema Único de Saúde

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFG – Universidade Federal do Goiás

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNOPAR – Universidade Norte do Paraná

AGRADECIMENTOS

Ao findar este percurso, que foi de intensa dedicação, aprendizado e conhecimento, me inundo de gratidão. “Sinto-me grata e feliz por tudo que vivi e aprendi no decorrer desta caminhada”.

Ao longo deste caminho, que foi repleto de trocas, experiência, diálogos, descobertas, fui agraciada com diferentes indivíduos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que eu chegasse ao final do percurso me constituindo pesquisadora na área da educação. Com isso, sinto-me privilegiada e feliz em poder agradecer e dedicar esta conquista!

Antes de mais nada, minha gratidão a Deus, por possibilitar essa linda oportunidade em minha vida. Agradeço por me conceber saúde, discernimento, energia e vitalidade. Muito obrigada por me conduzir pelo melhor caminho, colocando pessoas especiais no meu percurso e me permitindo chegar ao final com o coração leve e muito feliz!

Ao meu companheiro, Junior, por toda sua paciência, incentivo, compreensão e colaboração. Muito obrigada por entender as minhas ausências, e dar todo o suporte preciso a nossa filha e às demandas cotidianas.

A minha querida filha, Valentina, que, apesar da pouca idade, hoje com quatro anos, compreendeu a minha ausência. Mesmo diante de suas necessidades de criança, colaborou dando tempo e espaço para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos. Sempre que possível engajei ela nas propostas, até porque, eu acredito que educamos com o exemplo.

A minha amada mãe, que desde sempre me conduziu para o caminho do bem e me ensinou que as adversidades existem para nos tornar mais resilientes, sendo que desistir não resolve e não nos leva a caminho algum.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Terciane Ângela Luchese, a quem me refiro carinhosamente como Profe Tercei, por toda sua dedicação, auxílio, respeito às minhas ideias e ajuda prestados. Sempre muito compreensiva, me instigou a pensar criticamente, refletir minha escrita e lapidar as ideias. Muito obrigada por acreditar no meu trabalho, me apoiando e sempre tendo palavras de incentivo e superação nos momentos mais críticos que vivenciei ao longo do caminho. Minha infinita gratidão à senhora!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, por todas as contribuições presentes neste estudo. Aos Professores Doutores Marta e José Edimar, por terem aceito, prontamente, o convite para compor a banca e estarem contribuindo criticamente a esta pesquisa.

Aos entrevistados, um agradecimento especial por contribuírem com a história da educação com suas memórias e vivências relatos, e aos colegas da EMEI *Nostris Bambini*, por permitirem o acesso e proporcionarem o devido auxílio na pesquisa documental nos arquivos da escola.

Aos meus colegas do Mestrado em Educação da UCS (2022), em especial, aos do Campus de Nova Prata, muito obrigada pelos momentos de partilha das angústias, dúvidas, bem como conquistas e sucesso.

Por fim, muito obrigada a todos que, de alguma forma, me ajudaram, contribuíram para que eu chegasse até aqui, com êxito.

Minha sincera e autêntica gratidão!

RESUMO

A presente dissertação tem como referência a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, localizada no município de Vila Flores/RS, sobre a qual pesquisei a trajetória educacional e histórica. O recorte temporal, o período de 1999, quando a escola iniciou seus trabalhos, até 2019, ano que antecede um expressivo movimento de modificação em sua proposta pedagógico-metodológica, o qual acarreta significativas transformações nas culturas escolares e infantis, além de ser o período anterior à Pandemia de COVID-19. O objetivo foi pesquisar como se deu o processo de formação histórica, no período já mencionado, da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, no município de Vila Flores/RS. O suporte teórico foi auferido na História Cultural vinculada à História da Educação, tendo, contribuições de Burke (1992, 2005), Magalhães (2004), Chartier (2010), além de Halbwachs (1990), Pesavento (2008, 2013), Luchese (2018), Décio Gatti (2016). A problemática expressa no questionamento que movimentou a investigação foi: Como se deu o processo de formação histórica e institucional da Escola Municipal *Nostris Bambini* de Vila Flores/RS, desde a sua inauguração em 1999 até 2019, levando em conta as culturas infantis que constituíram e ainda constituem esse educandário? A metodologia foi embasada na História Oral, que possibilitou a realização de 12 entrevistas, com ex-gestores, professores, ex-alunos, pais de ex-alunos e moradores de Vila Flores/RS. Depois das transcrições das entrevistas, os documentos da escola, além de fotografias foram analisados minuciosamente, embasados pela Análise Documental Histórica. A análise dos documentos foi cotejada com teoria e autoria, resultando na estrutura analítica apresentada. O município de Vila Flores, predominantemente habitado por descendentes de italianos, foi emancipado em 1988. Vila Flores fundou a primeira escola municipal de Educação Infantil no ano de 1999. Como resultados, considera-se as culturas infantis, as práticas pedagógicas, bem como os espaços, tempos e sujeitos. Com isso, pode-se afirmar que na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* emergiram diferentes culturas infantis, evidenciadas através de brincadeiras de faz-de-conta, cantigas de roda, encenações teatrais, práticas pedagógicas embasadas em contações de histórias, propostas com tintas, papéis rasgados, materiais de largo alcance etc. Além dessas, culturas de celebrar datas comemorativas como Páscoa, Natal, Cerimônias de Formatura, buscando unir família e escola, marcaram os tempos no educandário. Outro fator a ser destacado é a rotina diária presente na referida EMEI, que, afim de garantir um bom funcionamento, seguia horários pré-estabelecidos. Somando-se a isso, há expressivas modificações estruturais ocorridas na escola. Com relação aos espaços físicos, realizaram-se diversas e significativas reformas de ampliação do prédio, visando comodidade e conforto aos indivíduos. Tais apontamentos puderam ser notados por meio das lembranças narradas por profissionais e demais sujeitos que fizeram parte da história da escola. Por fim, é possível afirmar que a instituição pesquisa vivenciou períodos delicados, em virtude, especialmente, de sua estrutura física. Contudo, conseguiu dar conta das demandas existentes, com os recursos disponíveis naqueles momentos, garantindo o desenvolvimento integral das crianças que lá estiveram matriculadas.

Palavras chaves: Culturas infantis. História da Educação Infantil. Infâncias. Tempos e espaços. Práticas pedagógicas, Brincadeiras e Festividades.

ABSTRACT

This dissertation has as its reference the Municipal School of Early Childhood Education Nostri Bambini, located in the municipality of Vila Flores/RS, about which I researched the educational and historical trajectory. The time frame, the period from 1999, when the school began its work, until 2019, the year that precedes a significant movement of modification in its pedagogical-methodological proposal, which brings about significant transformations in school and children's cultures, in addition to being the period prior to the COVID-19 Pandemic. The objective was to research how the historical formation process took place, in the period already mentioned, of the Municipal School of Early Childhood Education Nostri Bambini, in the municipality of Vila Flores/RS. Theoretical support was obtained from Cultural History linked to the History of Education, with contributions from Burke (1992, 2005), Magalhães (2004), Chartier (2010), in addition to Halbwachs (1990), Pesavento (2008, 2013), Luchese (2018), Décio Gatti (2016). The problem expressed in the question that led to the investigation was: How did the historical and institutional formation process of the Nostri Bambini Municipal School of Vila Flores/RS take place, from its inauguration in 1999 to 2019, taking into account the children's cultures that constituted and still constitute this educational system? The methodology was based on Oral History, which made it possible to carry out 12 interviews, with former managers, teachers, former students, parents of former students and residents of Vila Flores/RS. After the interviews were transcribed, the school documents, in addition to photographs, were analyzed in detail, based on Historical Documentary Analysis. The analysis of the documents was compared with theory and authorship, resulting in the analytical structure presented. The municipality of Vila Flores, predominantly inhabited by Italian descendants, was emancipated in 1988. Vila Flores founded the first municipal Early Childhood Education school in 1999. As results, children's cultures, pedagogical practices, as well as the spaces, times and subjects. With this, it can be said that at the Municipal School of Early Childhood Education Nostri Bambini different children's cultures emerged, evidenced through make-believe games, nursery rhymes, theatrical performances, pedagogical practices based on storytelling, proposals with paints, torn papers, wide-ranging materials, etc. In addition to these, cultures of celebrating commemorative dates such as Easter, Christmas and Graduation Ceremonies, seeking to unite family and school, marked times in education. Another factor to be highlighted is the daily routine present in the aforementioned EMEI, which, in order to guarantee smooth operation, followed pre-established schedules. In addition to this, there are significant structural changes that have occurred at the school. Regarding physical spaces, several significant renovations were carried out to expand the building, aiming for convenience and comfort for individuals. Such notes could be noted through the memories narrated by professionals and other subjects who were part of the school's history. Finally, it is possible to state that the research institution experienced delicate periods, especially due to its physical structure. However, it managed to meet existing demands, with the resources available at those times, ensuring the integral development of the children who were enrolled there.

Keywords: Children's cultures. History of Early Childhood Education. Childhoods. Times and spaces. Pedagogical practices, games and festivities.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	18
2. CONTEXTO HISTÓRICO E EDUCACIONAL DE VILA FLORES/RS	41
2.1 EDUCAÇÃO EM VILA FLORES/RS	50
3. A ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL NOSTRI BAMBINI E SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO	55
3.1 “A GENTE FAZIA TUDO NA ESCOLA”: OS PRIMEIROS TEMPOS DA ESCOLA INFANTIL <i>NOSTRI BAMBINI</i>	55
3.2 ESPAÇO E ESTRUTURA FÍSICOS QUE ACOLHE AS CRIANÇAS NA <i>NOSTRI BAMBINI</i>	77
4. ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL <i>NOSTRI BAMBINI</i> E SEU PROCESSO PEDAGÓGICO.....	98
4.1 AS CULTURAS INFANTIS PERMEADAS POR BRINCADEIRAS PRESENTES NA <i>EMEI NOSTRI BAMBINI</i>	98
4.2 “ERA UTILIZADA UMA METODOLOGIA MAIS TRADICIONAL”: O PROCESSO PEDAGÓGICO DA <i>NOSTRI BAMBINI</i>	109
4.3 “TÍNHAMOS QUE MOSTRAR PARA OS PAIS ALGO QUE ESTAVA NA CULTURA DA NOSSA CIDADE”: AS FESTIVIDADES NA <i>NOSTRI BAMBINI</i>	127
4.3.1 A cultura escolar presente na tradição das formaturas da <i>EMEI Nostr Bambini</i>.....	138
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
6. REFERÊNCIAS.....	155
7. ANEXOS.....	161

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2014, p. 16)

O presente trabalho tem como referência a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, localizada no município de Vila Flores/RS, sobre a qual aprofundei meu conhecimento na trajetória educacional e histórica, motivada pelo fato de fazer parte desse contexto, desde 2017 – quando assumi uma nomeação como professora de educação infantil no educandário – e por querer saber como a escola nasceu e deu seu funcionamento. Para isso analiso a história da instituição, seus aspectos físicos, estruturais, com os sujeitos, as práticas escolares, bem como as culturas infantis presentes no contexto escolar, as quais fizeram parte dessa trajetória. Cabe ressaltar que, por mais de 20 anos, a EMEI *Nostris Bambini* foi a única escola de Educação Infantil de Vila Flores/RS.

Fica delimitado como recorte temporal, o período de 1999, quando a escola iniciou seus trabalhos, até 2019, ano que antecede um expressivo movimento de modificação em sua proposta pedagógico-metodológica, o qual acarreta significativas transformações nas culturas escolares e infantis, além de ser o período anterior à Pandemia de COVID-19. O suporte teórico da pesquisa é a História Cultural vinculada à História da Educação. Um dos focos de análise são as diversas mudanças ocorridas naquele educandário, concentrando-se especialmente no impacto disso nas culturas das infâncias vividas naquele espaço/tempo escolar, bem como nos sujeitos escolares e nas práticas pedagógicas.

Considero que a proposta de pesquisa é relevante, pois verificou-se que não há estudos concluídos na área da história da educação no município de Vila Flores/RS, e temos o fato de a Escola *Nostris Bambini* ser a primeira¹ escola e a única instituição de Educação Infantil por mais de 20 anos naquele município.

Minha motivação para pesquisar sobre esta temática vincula-se ao meu fazer cotidiano como docente e pedagoga. Foram as inúmeras curiosidades e

¹ Atualmente o município de Vila Flores/RS conta com duas Escolas Municipais de Educação Infantil.

questionamentos que me ocorreram e ainda ocorrem, quanto educadora da referida instituição, que despertaram em mim o anseio por compreender algumas práticas culturais no dia a dia da instituição. Constatei que alguns costumes e rotinas pedagógicas foram construídos com a convivência e com a vivência, mesmo que não fossem, necessariamente, regras. Apenas existiam e iam se repetindo, passando por todos os sujeitos que iniciavam suas atividades naquela escola. Outro ponto que me gerava inquietação era compreender como se deu o funcionamento da EMEI *Nostri Bambini* no período em que as professoras tinham distintas funções, a exemplo de merendeira, faxineira, secretária, além de desempenhar seu papel de educadora. Questionava-se quem eram os alunos, como se distribuía as turmas nos espaços e quais eram as condições, entre outras problemáticas investigadas.

A presente pesquisa contribui com a história do próprio educandário, da educação infantil, bem como com a história da educação do município de Vila Flores. Além disso, esse registro acadêmico serve de suporte a outros estudos relacionados ao campo da Educação e contribui para com a história da educação gaúcha e, conseqüentemente, a educação brasileira.

A problemática se dá em torno da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, no município de Vila Flores – RS. A Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini* foi instituída no ano de 1999, com o Decreto nº 1043, de 3 de maio. A criação e o funcionamento do educandário eram reivindicações da população vilaflorense naquela época.

O prédio inicial da escola tinha capacidade para atender apenas 50 crianças. À frente da instituição, assim como a própria rua, não havia calçadas. Existia somente uma pequena grade que servia como proteção para a escola e para os alunos. A escola recebeu melhorias e ampliações no decorrer dos anos, e abriga os alunos até hoje no mesmo prédio em que iniciou suas atividades. O prédio foi especialmente construído para ser Escola de Educação Infantil na época.

O recorte temporal tem como ponto de partida o ano de 1999, ano da inauguração da escola, e estende-se até 2019, ano antes de um expressivo movimento que visa modificar sua proposta pedagógico-metodológica, e que acarreta significativas transformações nas culturas escolares e infantis, além do período em que antecedeu a Pandemia de COVID-19. Depois do que foi dito, a **problemática** central pode ser dada a partir do questionamento: Como se deu o processo de

formação histórica e institucional da Escola Municipal *Nostris Bambini* de Vila Flores/RS, desde a sua inauguração em 1999 até 2019, levando em conta as culturas infantis que constituíram e ainda constituem esse educandário?

Entendo que culturas escolares abrange diferentes contextos, por isso, partindo dele, pergunto: Quem foram os sujeitos que participaram do processo de construção histórica da escola? Como se deu o uso do espaço e tempo no referido educandário? Quais as mudanças e permanências na prática pedagógica desde o início de seu funcionamento até 2019? Quais materiais/brinquedos eram usados no início? E quais são usados hoje? Quais rotinas nesse tempo/espaço da instituição escolar e que culturas infantis foram vividas?

Essa pesquisa tem como **objetivo geral** pesquisar o processo de formação histórica, no período de 1999 até o ano de 2019, da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, no município de Vila Flores/RS, considerando as culturas infantis, as práticas pedagógicas, bem como os espaços, tempos e sujeitos.

Com base no objetivo geral, podemos citar como **objetivos específicos**: (a) entrevistar quem fez e faz parte desse processo de construção histórica da instituição escolar; (b) pesquisar o acervo documental relacionado ao objeto de investigação na própria instituição, na Secretaria da Educação e em acervos pessoais; (c) contextualizar as mudanças ocorridas no decorrer do período investigado, levando em consideração as culturas infantis produtoras e produzidas pelos sujeitos escolares; (d) fazer um levantamento sobre o panorama histórico de Vila Flores/RS no período de 1999 a 2019.

A pesquisa justifica-se pelo fato de a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* ser a instituição de educação infantil mais antiga de Vila Flores e a única, por mais de 20 anos. A escola foi criada por meio de um decreto, fruto de reivindicações da comunidade local.

A “*Nostris*”, como é carinhosamente chamada a EMEI *Nostris Bambini*, fez e ainda faz parte da minha trajetória profissional. Desde o ano de 2017 atuo na referida instituição como docente. Esse foi um dos fortes motivos que me fizeram pesquisar sobre esse educandário, pois aliada à minha vida profissional está a curiosidade em conhecer historicamente a trajetória da educação infantil e conseqüentemente as infâncias no município de Vila Flores/RS.

É importante frisar que uma escola de Educação Infantil se constitui de fato por causa dos sujeitos presentes no contexto, em especial as crianças com suas vivências e com suas culturas infantis, juntamente das práticas escolares, por isso analisarei os sujeitos e as práticas adotadas na referida instituição. Isso tudo contribuirá com a história da educação do município de Vila Flores/RS.

Ressalto que a realização deste estudo se dá pelo fato de não haver pesquisas na área da história da educação em Vila Flores/RS. Por esse motivo me propus a pesquisar e contribuir para o contexto histórico Educacional Infantil, especialmente, para o referido município e, em consequência, para a educação do nosso estado e país.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

[...] o historiador, enquanto produtor de um texto, e também o público leitor, consumidor de História, devem assumir a dúvida como um princípio de conhecimento de mundo (PESAVENTO, 2008, p. 115).

Ao realizar uma pesquisa, é de suma importância e necessidade o conhecimento de outros pesquisadores que tenham realizado estudos cujo tema se assemelhe ao da presente dissertação. Sabendo disso, realizei uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Google Acadêmico, tendo como base os seguintes descritores e palavras chaves: Infâncias, Cultura Infantil, Cultura Escolar, História da Educação Infantil, Institucionalização da Educação Infantil no Brasil, Memórias/ex-alunos, Memórias. A busca se deu nos meses de maio a junho de 2022.

Com a realização dessa busca, foi possível localizar estudos sobre o tema pesquisado. Os trabalhos, que eu julguei ter maior relevância para fundamentar a pesquisa, estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Trabalhos acadêmicos – teses e dissertações

<i>Portal/site</i>	<i>Descritor/Palavra chave</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Autor</i>	<i>Instituição</i>	<i>Nível</i>
Google Acadêmico	Infâncias	Concepções de criança, infância e	2013		UCDB	

		educação dos professores de educação infantil		Janaína Nogueira Maia		Mestrado em Educação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Infâncias	Das infâncias naturalistas à infância histórica: um estudo à luz da crítica de L. S. Vigotski à psicologia infantil	2019	Anderson de Brito Rodrigues	UFG	Mestrado em Psicologia
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Cultura infantil	Crianças, infâncias e culturas infantis: epistemologias e subjetividades em narrativas fotoetnográficas	2018	Fernanda Mendes Cabral Albuquerque Coelho	UFPB	Doutorado em Educação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Cultura Infantil/ Cultura escolar	Eu gosto de brincar com os do meu tamanho: culturas infantis e cultura escolar - entrelaçamentos para o pertencimento etário na instituição escolar	2008	Cynthia Votto Fernandes	UFRGS	Mestrado em Educação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Cultura Infantil	O brincar e a constituição social das crianças e de suas infâncias em contexto de educação infantil	2015	Andréa Simões Rivero	UFSC	Doutorado em Educação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	História da Educação Infantil	A construção do sujeito histórico na educação infantil	2010	Rutinéia Cristina Martins Silva	UNESP	Mestrado em História
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Institucionalização da Educação Infantil no Brasil	A obrigatoriedade da educação infantil: governamentalidade e refinamento das técnicas de governo	2014	Késia Pereida de Matos de Almeida	UERJ	Doutorado em Políticas Públicas
Biblioteca Digital Brasileira de	Memórias/ex-alunos	Experiências escolares de infância: a Escola	2015	Ana Cristina Araújo Schiavo	PUC/MG	Doutorado Educação

Teses e Dissertações		Balão Vermelho de Belo Horizonte na perspectiva de seus ex-alunos				
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Memórias	Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação	2019	Keila Maria de Araujo Silva	UERJ	Mestrado em Educação

Fonte: organizado pela autora.

No quadro 1, elenquei estudos que se relacionam com o objeto da presente pesquisa. Dentre as buscas na BDTD, pesquisei com o Descritor “História da Educação em Vila Flores/RS”, mas não obtive resultados. Com isso é possível concluir que Vila Flores provavelmente está tendo um estudo inédito, em nível de mestrado, na área da educação do município.

Com o objetivo de facilitar a compreensão do referido estudo, procurei organizar os resultados em grupos, de acordo com a problemática da pesquisa. Sendo assim, os grupos subdividem-se em: estudos relacionados às Infâncias, Cultura infantil, Cultura Escolar, História e trajetória de Educação Infantil no Brasil, A Institucionalização da Educação Infantil e estudos que buscam conceituar a Memória, dentro da pesquisa histórica.

No que diz respeito aos estudos relacionados às Infâncias, Maia (2012) realizou uma dissertação de mestrado referente ao tema. Maia trabalhou no objetivo de analisar as concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil da Rede Pública em um município do interior do Mato Grosso do Sul. A autora usou como metodologia coleta de dados e pesquisas semiestruturadas. Com isso ela coletou dados suficientes para contribuir nas pesquisas relacionadas às infâncias de maneira contextualizada, pois segundo ela, analisando o significado de infância, na concepção das professoras entrevistadas, foi percebido que elas idealizaram algo que não é o que, de fato, encontra-se na prática. Maia (2012) complementa ainda dizendo que a infância é carregada de vivências, lembranças, história de vida. Portanto, na escola de Educação Infantil encontramos diferentes infâncias, pois cada ser que lá se encontra tem suas próprias experiências vividas nesta etapa da vida.

Santos (2019), em sua dissertação, buscou investigar como as concepções de infância se relacionaram com a Psicologia no momento de sua constituição como disciplina científica. Para isso a autora buscou entender as razões e os processos históricos que fizeram com que as sociedades definissem a infância. Para tanto, ela buscou realizar uma pequena pesquisa histórica sobre a trajetória da criança e constatou que a infância, propriamente dita, se dá a partir do momento em que a criança passa a ser vista e respeitada como sujeito perante a sociedade. Antes disso a criança nada mais era que um “adulto em miniatura”. Isso fez com que ela vivesse, durante muitos anos, sem ser vista como sujeito de deveres e direitos e com isso sem ter infância.

Já dentro do tema Cultura Infantil, Coelho (2018) realizou, em sua tese de doutorado, uma pesquisa com base em narrativas etnográficas. Sua metodologia consistiu numa abordagem interpretativa e método fotoetnográfico, realizando uma pesquisa documental e uma pesquisa fotoetnográfica autobiográfica de uma criança, cuja idade era de 6 anos na época, residente na cidade de João Pessoa/PB. Com seu estudo, Coelho (2018) pôde analisar as interferências das mídias tecnológicas na formação da cultura infantil. A autora frisa também que, em cada tempo histórico e contexto cultural, é possível perceber mudanças significativas na formação da cultura infantil e relaciona isso à influência das tecnologias midiáticas.

Fernandes (2008) realizou uma dissertação de cunho qualitativo, com o objetivo de investigar a interferência das relações sociais, de crianças da mesma idade e faixas etárias diferentes, dentro do contexto escolar, as quais influenciam na sua maneira de pensar, agir e como se cria assim a cultura infantil dentro da escola, formando, dessa maneira, a cultura escolar. Para isso, a autora observou e entrevistou 29 crianças, sendo de educação infantil e séries iniciais, entre cinco e nove anos de idade, respectivamente, de uma mesma escola, no município de Porto Alegre/RS. Fernandes (2008) pôde, assim, observar diferentes maneiras de pensar e agir na escola, de acordo com cada faixa etária. Com isso ela percebeu que existem semelhanças nas formas de agir e entender a escola, mesmo com crianças de idades diferentes, o que gera o protagonismo cultural infantil e constitui a cultura escolar dentro do mesmo ambiente. Ela frisa que em cada nível etário, as crianças recebem estatutos diferentes, o que implica na maneira de agir e pensar no contexto escolar. Para a autora, a idade constitui um estatuto social que condiz com a forma da criança se relacionar com

outras da mesma idade e com crianças de faixas etárias diferentes da sua, e até mesmo com adultos.

Rivero (2015) buscou trazer aspectos das culturas infantis dentro do contexto da educação infantil e também no ambiente familiar, na sua tese de doutorado. Para isso ela analisou os espaços-tempos do brincar, objetivando evidenciar quais relações intersubjetivas existem e quais são as práticas sociais intrínsecas nas relações de pares na escola. Ou seja, o que cada criança carrega de cultura familiar e como ela se comporta num ambiente coletivo, e de que forma os pares se interrelacionam nesse contexto educativo. Para isso, a autora pesquisou uma instituição de educação infantil pública municipal, localizada num pequeno distrito de Florianópolis, chamado Barra da Lagoa. No estudo, foi analisado um grupo de 17 crianças, na faixa etária entre 1 e 6 anos de idade, e duas profissionais da Educação Infantil, sendo as referidas crianças suas principais informantes. Rivero (2015) utilizou uma metodologia etnográfica e participativa. Para isso ela procedeu realizando observações, anotações de campo, entrevistas, registros fotográficos, gravações de vídeos e áudios. Os pais ou mães, das crianças participantes da pesquisa, também foram ouvidos, através de entrevistas. A autora evidenciou que as crianças trazem para o contexto escolar costumes, falas e maneiras de agir oriundos do âmbito familiar. Ela constatou que as interrelações, na instituição escolar, propiciam maneiras de interpretar as brincadeiras de formas particulares, e propicia aos docentes considerar um ressignificar sobre a sua proposta pedagógica, pois se faz necessário levar em consideração as diferentes culturas infantis inseridas no determinado contexto educacional, respeitando, assim, as trajetórias coletivas e individuais das crianças.

Para um entendimento maior, busquei pesquisadores que já investigaram sobre A História da Educação Infantil, e encontrei uma dissertação que vinha bem de encontro com o que eu estava buscando. Trata-se de uma dissertação de mestrado, defendida no ano de 2010, por Rutinéia Cristina Martins Silva.

Silva (2010) se propôs a investigar como pais e professores fazem cumprir um artigo descrito na Declaração dos Direitos da Criança, que se refere ao direito à brincadeira e recreação. Para isso, a autora precisou fazer uma análise sobre o referido tema na escola e na casa das crianças. Essa pesquisa foi realizada com crianças da Educação Infantil matriculadas na Rede Pública Municipal do Município de Franca. Silva (2010) procurou estudar a história da educação infantil no Brasil e juntou

aspectos relacionados à importância do brincar. Após essa etapa, a pesquisadora visitou as escolas de educação infantil do município citado anteriormente a fim de realizar uma pesquisa de campo. Ela também usou, como ferramentas metodológicas, entrevistas com as crianças, respectivas professoras e mães. A partir da análise das entrevistas, que tinham como propósito maior investigar a importância do brincar, sob a óptica de cada categoria entrevistada, e em especial, para as professoras, buscou compreender quais condições eram ofertadas para as crianças desenvolverem o ato de brincar, de fato. Por fim, fica evidente que as educadoras (só mulheres participaram da entrevista) procuram fornecer diferentes contextos para que os pequenos brinquem, mas, infelizmente, essas condições são cercadas de limites, o que impede a criança de exercer, muitas vezes, seu papel social, sua autonomia e o protagonismo, que são elementos fundamentais na construção do sujeito na amplitude histórica.

Para compreender como se deu a institucionalização da Educação Infantil no Brasil, Almeida (2014) analisa em sua tese a obrigatoriedade dessa modalidade de ensino no nosso país. Para isso a autora busca correlacionar aspectos da infância, da própria educação, vinculando-os com questões governamentais e técnicas de governo. Ela utiliza uma análise genealógica, a partir dos estudos de Michel Foucault e a análise institucional de acordo com Lourau, como metodologias, e defende que a institucionalização da educação infantil anda pelo viés do comportamento padrão. Segundo a autora, a escola procura “emparelhar” as crianças num mesmo nível de conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento sem, muitas vezes, respeitar suas infâncias. Para Almeida (2014) se faz necessário diminuir a padronização das crianças nas instituições de Educação Infantil e perceber as potencialidades individuais de cada pequeno indivíduo.

Outro ponto a ser tratado na pesquisa é a memória dos ex-alunos da EMEI *Nostris Bambini*, para isso encontrei dois trabalhos que, na minha percepção, estavam de acordo com o entendimento de memória.

Schiavo (2019) defendeu sua tese em Educação em 2019. Com o objetivo de relacionar a proposta pedagógica da Escola Barão Vermelho, no município de Belo Horizonte/MG, buscou discutí-las e entrelaçá-las com a experenciação da vida escolar dos ex-alunos do educandário nas suas respectivas infâncias. A autora elegeu, para tanto, uma abordagem qualitativa, por meio da qual buscou diferentes fontes informativas, como fotografias, conversas formais e informais, relatos de ex-alunos,

documentos institucionais, entre outros. Vale ressaltar que, segundo a autora, em diversos momentos, os participantes da pesquisa explicitaram suas experiências, baseando-se na memória. No decorrer de sua pesquisa, Schiavo (2019) destaca o fato de que o campo da infância sofreu várias mudanças, ao ser relacionado ao contexto histórico do educandário pesquisado. Ela constatou que o fato de a criança ser vista e respeitada como sujeito histórico de direitos e deveres é algo muito recente, assim como o fato de a Educação Infantil ser a primeira etapa da educação básica brasileira. Schiavo (2019) diz que o relato feito pelos ex-alunos da Escola Barão Vermelho, sobre suas vivências e experiências na infância dentro do contexto escolar, foram repletas de sentimentos e sentido. A autora conclui que, na intuição pesquisada, a criança foi e é respeitada como sujeito social. Lugar onde respeitam suas histórias, suas infâncias e consideram o protagonismo infantil como peça chave no desenvolvimento integral do sujeito. Isso nos faz acreditar e esperar a educação infantil.

Silva (2019) apresenta em sua dissertação de mestrado uma proposta um pouco diferente, pois ela não traz as memórias relacionadas às infâncias no contexto escolar propriamente dito, mas, sim, as memórias de ex-moradores do Morro do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Busquei essa pesquisa, pois é de grande valia quando nos remetemos à infância, às experiências, às vivências e às consequências futuras relacionadas à maneira como 'lidamos' com as crianças hoje. A autora buscou mostrar o quão importantes são as experiências e as lembranças de infâncias de antigos moradores do referido local, levando em conta o fato de que, segundo Silva (2019), o Morro do Alemão é um local de pouco investimento e assistência governamental.

Para a autora, a memória faz parte da identidade pessoal e coletiva do ser humano, e ela buscou pesquisar ex-crianças daquele local a fim de mostrar para o público infantil, que reside atualmente lá, a importância de colorirem seu presente, no sentido de viverem de fato suas infâncias com brincadeiras, com inocência, com faz de conta, para guardarem na memória esses momentos e futuramente lembrarem com carinho e amor suas vivências atuais. Para isso, Silva (2019) focou, como metodologia, na história oral de moradores que passaram suas respectivas infâncias no Morro do Alemão, levando em conta seus processos formativos e de escolarização. Então, através de uma pesquisa de campo, a autora buscou possibilidades de

repensar a infância e conseqüentemente a Educação Infantil, bem como o direito a ela, na referida favela, na atualidade.

Com a revisão das dissertação e teses acima descritas, pude perceber a importância da leitura, interpretação e estudos vinculados ao assunto retratado em cada um dos trabalhos, pois é necessário muito conhecimento para embasar argumentações consistentes e coerentes ao logo do texto. Além disso, identifiquei os pontos relevantes na construção de um texto acadêmico, bem como a importância de uma linguagem formal e ao mesmo tempo clara, para que o leitor possa compreender o que está querendo ser dito no contexto.

Além de dissertações e teses, as quais foram mencionadas anteriormente, localizei publicações em formato de artigos, publicados em periódicos e/ou apresentados em eventos relacionados à área de pesquisa, os quais podem somar à pesquisa.

Quadro 2 - Artigos e Publicações em Eventos

Descritor	Artigo	Autor	Publicado em:
História da educação no Brasil	Criança e infância: contexto histórico social	Andréa Lemes Lustig et al.	IV Seminário de Grupos de Pesquisa Sobre Crianças e Infâncias-Ética e Diversidade na Pesquisa, Goiânia: Cegraf, 2014.
Infância no Brasil	A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola	Célia Maria Magalhães	Revista Linhas Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 81 - 142, 2017
Infância no Brasil	A história da educação infantil no brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional	Jaqueline Delgado Paschoal e Maria Cristina Gomes Machado	Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95, mar.2009 - ISSN: 1676-2584
Historiador em educação	As muitas facetas de um historiador da educação	Marcus Aurélio Taborda Oliveira	Revista Brasileira de História da Educação, 2022.
Memórias da infância	Representações da infância em memórias e autobiografias- Minas Gerais (1900-1960)	Simone Aparecida Neves e Ana Maria De Oliveira Galvão	Revista Brasileira de História da Educação, v. 20, p. 259-280, 2016.

História da Educação	História da Educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita.	Luciane Sgarbi Santos Grazziotin e Eduardo Cristiano Hass da Silva.	Revista de História da Educação da ASPHE, v. 24, 2020.
----------------------	---	---	--

Fonte: organizado pela autora.

Lustig (2014) traz aspectos importantes na construção histórica da identidade da criança desde a Idade Média. Nesse cenário, a criança era vista como um ser incapaz de ser ouvido e expressar seus sentimentos. No contexto da igreja católica, a criança passou a ser doutrinada e disciplinada dentro dos cuidados de higiene e saúde. Aos poucos a criança foi ganhando espaço e voz, deixando, assim, de ser vista como um adulto em miniatura. Segundo a autora, após a criança se tornar dever do Estado, além da família, ela começou a ter acesso a outras esferas sociais, como escola, família, entre outras. Outro ponto importante destacado por Lustig (2014) é o fato de que existem, entre as crianças, diferentes infâncias, da mesma forma que existem diferentes religiões, diferentes classes sociais, por exemplo, nas quais essas crianças estão inseridas.

Magalhães (2017) e Paschoal; Machado (2009) nos contam, em seus artigos, que a educação, inicialmente, foi abraçada pelos jesuítas, na forma de catequização de indígenas e tinha cunho religioso apenas. Isso porque esses padres viam as crianças como folhas em branco que poderiam ser moldadas de acordo com os costumes, crenças e interesses da igreja católica, sempre zelando, é claro, pela disciplina e obediência. Aos poucos, foram surgindo outras demandas, como filhos de escravos e criados, os quais precisavam ser cuidados para os pais poderem trabalhar. Depois disso, vieram as fábricas que também necessitavam de mão de obra, tanto feminina quanto masculina. Assim, como explica Magalhães (2017) e Paschoal e Machado (2009), surgem as primeiras creches, com cunho assistencialista apenas, justamente para amparar crianças, de modo a saciar a fome e outras necessidades básicas. Somente na década de 90, como explicitam as autoras, é que as creches e Pré-Escolas são reconhecidas como parte da educação básica brasileira e de cunho obrigatório a partir dos 6 anos de idade. Cabe ressaltar que hoje é obrigatória a inserção de crianças na primeira etapa da educação básica, a partir de 4 anos de idade, no nível de Pré-Escolar.

Oliveira (2022) traz em seu escrito importantes maneiras de como nós, enquanto pesquisadores em história da educação, podemos abordar, registrar e

transcrever a história. O autor enfatiza, por exemplo, a responsabilidade moral do historiador, pois é necessário que ele recrie cronologicamente fatos e faça uso da sua interpretação, de acordo com os objetivos a serem alcançados com o estudo, sempre procurando desmistificar o passado. Oliveira (2022) aborda a questão da memória, como sendo fonte na pesquisa e exemplifica o caderno de registros como patrimônio documental nesse tipo de pesquisa. O autor também fala sobre como os novos macetes do historiador em educação podem contribuir positivamente para esses estudos, sempre conectando o contexto social, político e cultural do objeto historiado.

No artigo escrito por Neves e Galvão (2016), é realizada uma análise das experiências vividas na infância, através de autobiografias e memórias de doze pessoas que experienciaram essa fase da vida entre os anos de 1900 e 1960. O objetivo desse estudo, segundo as autoras, foi analisar a influência de que aspectos econômicos, sociais, étnicos, entre outros, causam na maneira que se constrói representativamente a infância. Neves e Galvão (2016) enfatizam que os aspectos anteriormente citados influenciam e determinam as múltiplas infâncias e suas respectivas culturas infantis.

Grazziotin e Silva (2020) abordam uma série de conceitos e mudanças epistemológicas que fazem nascer um novo olhar aos historiadores. Essas alterações, ao longo do tempo, modificaram a escrita da história. Segundo os autores, aspectos como sensibilidades, patrimônio e cultura escrita são temas imprescindíveis e indispensáveis em estudos relacionados à História da Educação.

Noto um relevante e significativo número de estudos e publicações relacionados ao presente objeto de estudo, os quais proporcionam uma ampla visão contextual e possibilitam diferentes intersecções e conexões com a proposta a ser investigada no presente trabalho. Ressalto que, no entanto, nenhum dos estudos relacionados, tem referência específica ao objeto proposto nesta pesquisa.

Dito isso, ressalto considerar a História Cultural como aporte, objetivando narrar o processo histórico da educação de Vila Flores, dando ênfase à Educação Infantil, que contemplou diversas culturas infantis na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, entre os anos de 1999, quando a referida escola foi fundada, até o ano de 2019. Narro aspectos relacionados à infância, culturas infantis, sujeitos, narrativas das infâncias de ex-alunos da instituição, baseando-se na memória e nas

práticas escolares, relacionados nos tempos e espaços. Portanto, um estudo que vincula História Cultural e História da Educação.

Nesse sentido, Pesavento (2013) afirma que, de maneira geral, a História Cultural seria uma representação do passado através da interpretação feita pelo historiador, buscando assemelhar-se às formas de discurso pela qual os indivíduos expressaram a si mesmos e o mundo. A autora diz ainda que fica claro que esse processo é complexo, pois o historiador vai se esforçar a fim de fazer a leitura de fatos ocorridos em outros tempos, o que pode tornar-se um processo complicado, se levar em consideração os contrapontos que o passado apresenta. Para Pesavento (2013) esta seria a grande provocação e o desafio para a História Cultural.

Nesse contexto, Burke (2005) nos faz entender ainda mais o conceito de Nova História, com a seguinte afirmação:

A nova história é a história escrita como uma relação deliberada contra o “paradigma” tradicional, aquele germe útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn. Será conveniente descrever este paradigma tradicional como “história rankeana”, conforme o grande historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886), embora este estivesse menos limitado por ele que seus seguidores. (Assim como Marx não era um marxista, Ranke não era um rankeano). Poderíamos também chamar este paradigma de a visão do senso comum da história, não para enaltece-lo, mas para assinalar que ele tem sido com frequência – com muita frequência – a maneira de fazer história, ao invés de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado (BURKE, 2005, p.10).

Para uma escrita coerente e uma narrativa plausível, é necessário pesquisa, escuta, interpretação e coerência. Por isso é importante afirmar que: “Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos” (PESAVENTO, 2013, p. 59).

Considerando a narrativa da história, que leva em conta acontecimentos passados, está claro que não é o passado, mas a narrativa a partir de documentos sobre este passado. Pensando nisso, Chartier (1990) nos faz refletir ao afirmar:

Por outro lado, esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que adotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a escrita, a crítica tinham a obrigação de identificar – dirigir-se as práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo (CHARTIER, 1990, p. 27).

Em função disso, é necessário que tenhamos claro que, ao pesquisar a história, estaremos representando o que já foi vivido, de fato. Então, para Pesavento (2013):

Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois a da substituição, que recoloca uma ausência e toma sensível uma presença (PESAVENTO, 2013, p. 40).

É necessário pensarmos que ao estudar a história, fazemos uma ligação necessária do passado com o presente. Partindo desse pressuposto, é relevante que o historiador pesquise atentamente, use diferentes fontes e junte o máximo de evidências possíveis, a fim de fundamentar seus estudos e referenciar o que está sendo dito. Assim nos diz Halbwachs (1990):

Certamente, um dos objetivos da história poder ser, exatamente, lançar uma ponte entre o passado e o presente, e reestabelecer essa continuidade interrompida. Porém, como recriar correntes de pensamento coletivo que tomam impulso no passado, quando só podemos tratar o presente? Os historiadores, através de um trabalho minucioso, podem encontrar e colocar em dia uma quantidade de fatos grandes e pequenos que julgaríamos definitivamente perdidos, sobretudo se tiverem a oportunidade de descobrir memórias inéditas (HALBWACHS, 1990, p. 81).

Assim, como afirma Pesavento (2013), o pesquisador em história tem que trabalhar com evidências deixadas pelo que já passou, buscar descobrir de que forma o fato aconteceu, o que envolve montar, selecionar, excluir. Isso quer dizer que nós, enquanto historiadores, estamos lidando constantemente com o imutável e ao mesmo tempo abstrato aos nossos olhos. É preciso sensibilidade, lealdade e muita dedicação para reconstruir e contar acontecimentos os quais não vivenciamos. Portanto, “[...] o historiador é um narrador, e o texto, um meio de traduzir um Outro ao destinatário, que é o leitor. Mas a leitura, como diz Chartier, ‘é rebelde e vagabunda’” (PESAVENTO, 2013, p. 60). Pensando dessa maneira, Burke (1992, p. 15) afirma que:

Segundo o paradigma tradicional, a História é objetiva. A tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos, ou, como apontou Ranke em uma frase muito citada, dizer “como eles realmente aconteceram”. Sua modesta rejeição das intenções filosóficas foi interpretada pela posteridade como um presunçoso manifesto à história sem tendências viciosas. Em uma famosa

carta a seu grupo internacional de colaboradores da *Cambridge Modern History*, publicada a partir de 1902, seu editor, Lord Acton, insistiu com eles que o nosso Waterloo deve ser tal que satisfaça do mesmo modo a franceses e ingleses, alemães e holandeses” e que os leitores deveriam ser incapazes de dizer onde um colaborador iniciou e outro continuou.

Com base no que foi dito, surge o papel do pesquisador de (re)produzir uma narrativa convincente, com base nas evidências construídas no decorrer da pesquisa, o que, provavelmente, em outras circunstâncias, seria interpretado de outra maneira, por outro pesquisador. Diria Pesavento (2013, p. 36): “O texto do historiador tem, pois, uma pretensão à verdade e refere-se a um passado real, mas toda a estratégia de refigurar essa temporalidade já transcorrida envolve representação e reconstrução”.

Escrevemos história com e por meio de documentos, evidências de traços do passado. É com Burke (1992, p. 24-25) que permanece o alerta: “Um foco de atenção para os historiadores sociais poderia ser o processo de interação entre os acontecimentos importantes e as tendências por um lado, e as estruturas da vida cotidiana por outro”.

Pensando o pesquisador e o pesquisar a história, é relevante mencionar o papel da cultura dentro desse processo de construção, interpretação, contação e escrita. Por isso deve-se levar em consideração que, segundo Pesavento (2013, p. 15),

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações, e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já é um significado e uma apreciação valorativa.

Na sequência, apresento algumas reflexões sobre o conceito de memória, também importante para o estudo que proponho.

Durante muitos anos, história e memória eram explicados com proximidade conceitual. Na medida em que se compreende que história e memória não são a mesma coisa, foi necessário que os historiadores considerassem as divergências, a forma como os grupos sociais se relacionam com o fato ocorrido no passado, e concluir que faz parte de memórias coletivas. Nesse sentido, Pesavento (2013) diz que:

Ao estabelecer uma aproximação entre História e Memória, apresento-as como discurso de representação do passado, Ricouer diz que, à História, estaria negada a pequena alegria do reconhecimento preservada à Memória. Aquele que evoca, chega à identificação da lembrança com o acontecimento,

objeto da rememoração: foi ele, foi lá, foi então, foi assim! A Memória atinge assim a veracidade da evocação. Já no caso da História, em que as ações passam por fora da experiência do vivido e, portanto, do não-verificável, a narrativa opera-se por critérios de plausibilidade e verossimilhança (PESAVENTO, 2013, p. 55).

Ao considerarmos que existem diferentes grupos sociais, e que um mesmo sujeito pode participar de diversos deles, a memória deste torna-se um misto de experiências e influências vivenciadas por ele tendo um resultado que é pessoal. Com isso, é possível explicar o fato de alunos matriculados numa instituição de ensino não terem a mesma memória desse lugar e das vivências que ocorreram ali.

Com base no que foi dito, os demais grupos sociais em que o aluno está inserido, como a família, o grupo de dança, etc, influenciarão seus registros de memória individual, pois resultarão num conjunto de memórias coletivas.

Partindo desse pressuposto, Halbwachs (1990, p. 54), complementa e nos faz compreender a memória individual do indivíduo:

Consideramos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também: mas esses limites não são os mesmos. Eles podem ser mais restritos, bem mais remotos também (...).

Neste sentido, é possível compreender que a memória é relativa e não é estática. Pois nossas lembranças ficam registradas de uma maneira subjetiva na memória, não necessariamente os fatos narrados, com base na memória, aconteceram exatamente tal e qual. Mas isso não quer dizer que as nossas narrativas, com base na memória, não sejam verídicas, só apenas que poderão ocorrer algumas alterações, conforme como sentimos as experiências vividas.

Entre o lembrar e o esquecer, entre o vivido e o apreendido por meio da convivência com o outro, a memória individual e coletiva se constitui. Neste sentido, Pesavento (2013) diz que o pesquisador de história, que realiza seus registros baseados na memória, sendo por escrita ou na história oral, necessita considerar o fato de que suas fontes sofreram diferentes mediações no decorrer do processo. Pois,

como vimos, cada um registra em sua memória os fatos de acordo com suas próprias emoções e sentimentos, além de sofrer influências externas, o que podemos chamar de memória coletiva. Então, é possível afirmar que não conseguimos fazer o registro fiel de como as coisas ocorreram, de fato, em tempos passados.

Para melhor explicar a afirmação acima, Pesavento (2013, p. 95) diz que:

[...] cabe dizer que a contrapartida da Memória é o esquecimento. Não é possível tudo lembrar, pois a Memória é seletiva, tal como a matéria do esquecimento também é objeto de processos que ultrapassam a escala do inconsciente.

Nesse sentido, assim como diz Pesavento (2013), quando estudamos memória, automaticamente mencionamos lembranças representativas destas memórias, isso se relacionarmos as semelhanças e diferenças em ambas as maneiras de representar o passado e como se correlacionam com a realidade. “ A História apresenta, diz Ricoeur, uma problemática específica de representação, para cumprir este pacto com a verdade do acontecido, próprio da disciplina” (PESAVENTO, 2013, p. 96).

Por fim, quando utilizamos a memória para realizar a história oral, estamos produzindo documentos. Documentos esses com a metodologia de história oral. Para melhor compreendermos segue, no texto, o conceito e algumas contribuições acerca do documento, no contexto do presente trabalho.

Cabe ressaltar que, com a Nova História, o conceito de documento ficou mais abrangente. Outros indícios, além dos documentos escritos ou manuscritos, merecem visibilidade e credibilidade nas pesquisas de história. Conforme afirma Luchese (2014, p. 149), o conceito de documento, a partir da Nova História, permite compreender que todo vestígio ou produção humana venha constituir um documento histórico:

[...] o trabalho do historiador não é o de juntar documentos e escrever a partir deles a História. Todos os documentos que nos chegam do passado são plenos de relações, de jogos de sentido e significação, construídos e preservados no tempo para as gerações futuras. Memórias fragmentadas de um tempo que não conseguimos jamais tomá-lo em sua totalidade. Assim, documentos precisam ser tomados como monumentos para marcar a diferença na atribuição do sentido, no tratamento dispensado a eles.

Desse modo, documentos são registros daquilo que já passou, são espécie de vestígios, trechos de tempos passados que vem até nós, produção humana no

tempo e que o pesquisador, a partir do seu objeto de estudo, elege para pensar e escrever uma História. Em função disso, esses registros fazem parte de uma descoberta, que trazem sentido coerente na resolução de alguma demanda preestabelecida na pesquisa.

Para que isso tudo ganhe sentido, dependemos do trabalho do pesquisador em história, pois é esse estudo que faz com que o historiador construa um processo com sentido, objetivo e significado coerentes. Assim, é possível afirmar que o documento é uma pista de um acontecimento passado, estudado e pesquisado pelo historiador na atualidade, embasado na teoria elegida. Nesse sentido, Pesavento (2013, p. 66) afirma que:

Não se trata apenas, como o nome pode sugerir, de descrever o objeto minuciosamente, mas sim de aprofundar a análise do mesmo, explorando todas as possibilidades interpretativas que ele oferece, o que só poderá ser dado por meio de um intenso cruzamento com os outros elementos, observáveis no contexto ou mesmo fora dele.

O documento é considerado em diferentes possibilidades e o pesquisador em história tem a possibilidade de construir suas fontes por meio da história oral. Sabemos que existe diferença entre o que é dito (história oral) e o que é registrado. Mas, mais que as diferenças, são as singularidades desse contexto, assim como explica Chartier (1990, p. 125), que fazem a diferença:

É grande a diferença entre o relato pronunciado e a escrita impressa. Contudo, ela não deve fazer esquecer que são numerosos os seus laços. Por um lado, levam a inscrição, nos textos destinados a um vasto público, das fórmulas que são precisamente as da cultura oral.

Com a ampliação da noção de documento, surgiram necessidades novas e modificaram-se alguns rituais de pesquisa, mudando e proporcionando diferentes matrizes historiográficas. Esse processo foi especialmente relevante na historiografia da educação, ou seja, a partir desta constatação foi possível pensar numa diversidade de possibilidades para os estudos históricos em educação.

Dentro da historiografia, a história das instituições escolares é uma possibilidade inovadora, tendo um vasto campo de investigação. Os referidos estudos abarcam temas centrais muito importantes acerca da cultura escolar, da formação e qualificação do professor, das práticas educativas e escolares, de questões

relacionadas a gênero, sobre a infância propriamente dita e como já mencionadas, sobre as instituições escolares. Nesse sentido, Luchese (2018, p. 55-56) diz que:

A escola é um espaço de estudo privilegiado na área da Educação e, especialmente, da História da Educação. Tem sido tema recorrente de pesquisas em nível de dissertação e tese. E nesse sentido, compreender a complexidade de uma instituição escolar em seu processo histórico requer um olhar atento e fundamentado em procedimentos teórico-metodológicos que sustentem a investigação científica.

Após realizar uma pequena síntese sobre o referido campo de estudo, é necessário planejar e executar uma pesquisa com consistência e coerência, para corresponder às exigências de um estudo científico e acadêmico. Considero relevante a densidade histórica presente no objeto de estudo, para que seja viável uma análise ampla. Com isso, defendo que a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini* responde aos requisitos sendo que a essa instituição está em funcionamento há mais de 20 anos e sofreu significativas modificações.

Conforme Magalhães (2004, p. 58), é preciso apropriar-se da história da instituição educativa pesquisada, analisando os diferentes âmbitos da instituição, tais como funcionamento, tradição, memórias, práticas, entre outros. A materialidade corresponde às estruturas físicas, o processo de construção, os sujeitos e o objetivo da escola, propriamente dito, enquanto a simbologia corresponde ao processo de construção educacional. Falamos, então, que as circunstâncias históricas são fundamentais para que se possa compor, de maneira subjetiva, o resultado eficiente de uma pesquisa.

Por isso, torna-se essencial reunir o máximo de documentação possível e, para tanto, fez-se necessário visitar os arquivos da escola, da secretaria municipal de educação e da prefeitura municipal, além de complementar criando novas fontes com realização de entrevistas e questionários. Com a reunião dos documentos referentes à instituição, pode-se criar categorias de análise, tais como: materiais pedagógicos, currículo, normas, o tempo, os espaços, os sujeitos, dentre muitas outras que poderão dar consistência para o objeto de estudo.

Nessa proposta, Magalhães (2004, p. 153) nos coloca:

A construção do arquivo de uma instituição, sendo uma contribuição fundamental para a identidade e a representação institucional, é uma fase determinante da historiografia das instituições educativas, [...]. Enquanto tarefa interdisciplinar, não pode deixar de contar com o saber técnico e

credenciado de arquivistas, com uma intervenção representativa e autorizada por parte da instituição, no que se refere aos órgãos produtores de informação e ao conhecimento orgânico-funcional da mesma, e com a participação de historiadores.

É necessário evidenciar a identidade da instituição analisada, relacionando-a com seu contexto. Desse modo, entendo o processo de identidade como único em cada instituição, pois, por mais que haja semelhanças entre diferentes instituições educativas, quem as compõem são sujeitos singulares. Compreende-se, assim, que cada educandário cria sua própria cultura escolar.

Outro ponto importante a se destacar é que ao analisar, estudar e pesquisar uma instituição educativa, não se faz julgamentos e nem se expressa opiniões, mas, sim, deve-se buscar compreender o contexto e colocar-se frente a ela, revisitando o passado, contextualizando-o com o presente. Luchese (2018, p. 56) afirma:

Quando se trata de investigar a escola como objeto histórico é preciso suspender nossas experiências – como alunos e, também, se for o caso, como professores – para que sejamos capazes de questionar as culturas, os modos de organizar e vivenciar a escola em outros tempos/espacos. Não podemos naturalizar práticas, saberes – nada que está na escola ‘sempre foi assim’. São processos de constituição, de negociação, de permanência e transformação que se conjugam no tempo e resultam no movimento que faz as escolas – dinâmicas, complexas e plurais.

Ao se tratar da instituição educativa a ser pesquisada por mim, posso afirmar, até o momento, que a EMEI Nostri Bambini, primeira instituição de educação infantil do município de Vila Flores, já atendeu e acolheu diferentes gerações da mesma família. Muitas das então crianças atendidas na instituição tornaram-se profissionais e atuam em diferentes áreas, no município e fora dele também. Essas crianças vivenciaram, no cotidiano escolar, diversas transformações históricas, políticas e sociais no município, no estado e no país, o que refletiu diretamente no sistema de ensino, no currículo, nos costumes e nas culturas escolares e infantis.

Desse modo, Luchese (2018, p. 56) afirma que fica registrado na memória de todos aqueles que compõem a escola em determinado momento de suas vidas, as vivências e experiências, o que nos permite recordar “o tempo de escola”. É no compasso e dia a dia da vida escolar que podemos comparar as escolas, nos mesmos tempos/espacos, por suas singularidades e também torná-las únicas por suas divergências na maneira de ser e conduzir determinadas situações cotidianas.

Para que entendamos a história da educação, ou mesmo de que maneira se constituíram as escolas na atualidade e, portanto, refletir sobre o nosso papel quanto sociedade, torna-se indispensável entender a importância e a influência das escolas na formação social e civil na infância e na juventude. É relevante compreender quais foram as instituições socializadoras e civilizadoras da infância e da adolescência.

Magalhães (2004, p. 62) nos traz a seguinte afirmativa:

As instituições educativas, de forma particular e na sua dimensão sistêmica, são realidades dentro de uma outra realidade. São instâncias que, sendo diferentes na sua natureza, finalidades e dimensões organizacionais, se identificam num mesmo processo de institucionalização. [...]. A historiografia das instituições é uma condição básica para a sua interrelação e tomada de decisões.

Júnior (2016) defende que, para que se obtenha sucesso ao pesquisar as instituições escolares, na linha da história, é preciso ter habilidade de análise, enquanto historiador, em conhecer o contexto histórico e social do educandário, bem como o funcionamento de uma escola, além de colher depoimentos, documentos, registros, para compreender a realidade pedagógica existente na instituição pesquisada.

Permitir a produção de uma análise entre as práticas pedagógicas que surgem como fruto da tensão entre a realidade imposta e o que de fato se vive, das culturas escolares que se evidenciam nesse contexto, vivenciadas pelos sujeitos que compõem essa instituição, só poderá se tornar viável se considerarmos os contrapontos mencionados até aqui.

Percebo que, por mais que cada escola tenha sua particularidade, de acordo com o contexto em que está inserida, ela não é isolada, e sim parte da sociedade. Poder ultrapassar os muros de uma instituição de ensino é um fato muito importante, porém não podemos deixar de considerar seu entorno, pois ambos são vinculados e um é reflexo do outro.

Interpretar a escola como um ambiente dinâmico, onde se compreendem diferentes perspectivas de tempos e espaços que a assemelha a outras instituições de ensino, ao mesmo tempo que se difere delas, não é tarefa fácil, porém torna-se possível ao contar com o olhar minucioso do historiador. Entre o semelhante e o distinto, entre o coletivo e o singular, é necessário que estejamos atentos, ao pesquisar uma instituição, aos acontecimentos dentro e fora dela (Luchese, 2018).

Por isso Magalhães (2004, p. 113) afirma que:

Na relação entre a análise institucional e histórica das instituições escolares e das práticas educativas podem verificar-se indefinições, cuja explicitação é um desafio ao aprofundamento da análise, pois, pela sua especificidade, a instituição não corresponde a uma extensão ou a uma aplicação direta da matriz conceitual e metodológica da análise institucional. Deste modo, há na história das instituições escolares e das práticas educativas uma sensibilidade à divergências no âmbito da cultura escolar, apesar do reconhecimento da integração institucional de saberes e de saber-fazer, e da extensão à realidade sistêmica. No entanto, só uma hermenêutica complexa, crítica, aberta, quanto aos critérios, aos atributos e aos quadros temporais, permite integrar as apropriações subjetivas, construir identidades, valorizar os contextos geográficos, sociais, culturais.

Percebo, a partir das pesquisas realizadas, que deve existir uma reciprocidade entre três pilares fundamentais para o bom andamento da sociedade como um todo, sendo a escola, a família e a comunidade onde a instituição escolar está inserida, sempre considerando os valores, as crenças e o respeito mútuo. Noto, pelos estudos, serem estas as categorias decorrentes no tempo histórico, mas sempre presentes no cotidiano escolar. É partindo das vivências, trocas e experiências vividas no dia a dia na escola que nasce uma cultura identitária da escola, e essa está indissociável ao seu funcionamento.

Para tanto, Luchese (2018, p. 65) escreve que:

As possibilidades de produzir um mapeamento cultural da escola, inventariando as práticas escolares, os fazeres ordinários, os sujeitos escolares, os tempos e espaços envolvidos no processo tem sido um viés de análise muito presente na produção historiográfica da educação brasileira nas últimas décadas.

A metodologia utilizada se embasou na análise documental dos arquivos encontrados na secretaria da escola *Nostris Bambini* e no acervo pessoal de uma professora entrevistada, além da história oral, registrada por meio das entrevistas realizadas com diferentes sujeitos que participaram da história da instituição. Assim vai se constituindo a proposta da pesquisa. Nesse sentido:

O historiador escolheu um tema, formulou uma pergunta, construiu seu tema como objeto a partir dessa questão e dos pressupostos teóricos com os quais pensou resolvê-la, foi aos arquivos, selecionou fontes e com elas armou uma rede de significados que expôs por meio de um texto, onde buscou dar a ver o passado numa versão, plausível, possível, que aspira a ser tomada como a mais próxima possível do real acontecido. Ele buscou traduzir como as

“pessoas de um outro tempo agiam, pensavam, se expressavam” (PESAVENTO, 2013, p. 61).

Para Pesavento (2013, p. 63): “Falar de método é falar de um como, de uma estratégia de abordagem, de um saber-fazer. Formulada a pergunta, que constrói o tema como objeto a partir de um referencial teórico dado, como trabalhar os indícios ou traços que chegam desde o passado.”

A presente pesquisa é de cunho qualitativo. Portanto, realizei a análise qualitativa dos indicativos coletados. A proposta está voltada ao empirismo, sendo que a atenção aos detalhes, nas análises, foi de suma importância para uma pesquisa de qualidade. Nesse sentido, vale ressaltar que para tal feito é fundamental fazer uma análise de documentos minuciosa e adequada, levando em consideração três fatores importantes, quanto à produção de tais documentos: contexto social, cultural, político e econômico.

Para tanto, foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas, além da coleta e análise de outros documentos. O Quadro 3 apresenta os sujeitos entrevistados, atores fundamentais para que fosse possível narrar a história da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, no município de Vila Flores/RS.

Quadro 3 - Entrevistados

<i>Nome completo</i>	<i>Idade</i>	<i>Lugar social</i>
Andressa Bristot	Não informado	Ex aluna da escola
Camila Daros	36 anos	Diretora da EMEI <i>Nostris Bambini</i> (2017 a 2021)
Dalva Rochelen Picoli Simonetto	55 anos	Atual Diretora da EMEI <i>Nostris Bambini</i> e professora na mesma instituição no período de 1999 e 2000
Elene Graciela Carbonera Bristot	43 anos	Professora
Maria de Lurdes Picetti Frata	56 anos	Monitora de educação infantil
Mariza Conte	42 anos	Monitora de educação infantil
Miraci de Lourdes Rastelli Detogni	63 anos	Primeira diretora da EMEI <i>Nostris Bambini</i>
Lenara Montagna Boccalon	48 anos	Mãe de ex aluna da escola
Lino Lidyo Simonato	96 anos	Morador do município de Vila Flores

Lucinda Comaquio Rigon	87 anos	Moradora do município de Vila Flores
Marilene Dal Magro Peruzzo	53 anos	Professora
Vilmor Carbonera	66 anos	Ex prefeito de Vila Flores/RS

Fonte: Organizado pela autora

As entrevistas foram realizadas por mim, com gravação de áudio para posterior transcrição. Ressalto que, para que as entrevistas, as perguntas e os materiais pessoais que foram mencionados nesta dissertação pudessem ser usados, cada indivíduo que participou do trâmite, assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a divulgação dos dados, nomes, imagens.

Assim sendo, a partir da fundamentação teórica e eleição das metodologias utilizadas, o caminho da pesquisa, então concretizado neste estudo, demandou escolhas. No primeiro capítulo, intitulado *Considerações Iniciais*, situo o leitor sobre o assunto/tema que trata esta dissertação, apresentando outros estudos na área da educação, bem como base teórica para este trabalho.

Seguindo a estrutura desta dissertação, no segundo capítulo, “Contexto histórico e educacional de Vila Flores/RS”, apresento, primeiramente, o contexto histórico do município de Vila Flores/RS, fazendo relações do presente com o passado, ainda quando o lugar era distrito, considerando a colonização italiana e os costumes dos primeiros tempos. Em seguida será narrado processo de emancipação e conseqüente desenvolvimento, considerando o processo de escolarização, o processo organizacional das instituições, atentando para a educação infantil, e conseqüente criação da *Nostris Bambini*.

No terceiro capítulo, intitulado “A Escola de Educação *Nostris Bambini* e seu processo histórico-institucional”, a análise procura compreender, antes, como se deu a movimentação para criar a primeira escola de educação infantil em Vila Flores/RS, bem como a forma que deu seu funcionamento, além de compreender os espaços físicos do educandário e as melhorias estruturais ocorridas ao longo das primeiras duas décadas de atividade.

Já no quarto capítulo, “Escola de Educação Infantil *Nostris Bambini* e seu processo pedagógico”, discorre-se acerca da notoriedade das culturas infantis e culturas escolares presentes naquele educandário, por meio das brincadeiras. Somando-se a isso, analisa-se as práticas pedagógicas em relação às propostas

curriculares e, por fim, as culturas e tradições evidenciadas nas festividades, imbricadas no contexto escolar.

Finalmente, nas “Considerações Finais”, reverenciam-se os principais pontos de cada capítulo, além de delinear outros possíveis estudos relacionados à presente pesquisa. Concluo convidando o caro leitor a permear a narrativa que segue, a fim de conhecer o desenlace deste processo investigativo.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E EDUCACIONAL DE VILA FLORES/RS

Narrar historicamente um Município é um desafio prazeroso, pois possibilita mergulhar em contextos e memórias que significaram não apenas o local, mas os coletivos humanos, e, disso, também, se faz a História.

(Barella; Tessari ; Xerri, 2020, p. 9)

Partindo de tal pressuposto, abre-se esse capítulo, pois contar e contextualizar uma trajetória de lutas, conquistas, desafios e superação precisa, necessariamente, dialogar com vivências, experiências e memórias de um povo. Assim, constitui-se a história de Vila Flores/RS. É preciso, analisando as entrelinhas, decifrar o presente que se constitui como resultado das ações e escolhas do passado.

Tendo essa intencionalidade, configura-se este capítulo investigativo, com a temática voltada ao processo histórico da educação de Vila Flores, em especial à educação infantil. Para melhor compreensão, faz-se necessário contextualizarmos esse processo com o município mencionado. Portanto é muito importante entendermos a situação atual de Vila Flores, bem como uma breve retomada histórica desde a colonização, ainda quando o referido município era Distrito de Alfredo Chaves (atual Veranópolis).

Além disso, será mencionado como se deu os primeiros movimentos de escolarização, a forma organizacional e o desenvolvimento escolar em Vila Flores/RS, atentando para a educação básica, mais especificamente para o primeiro nível dela, a Educação Infantil.

Com isso torna-se viável compreender a trajetória histórica e educacional, juntamente de suas particularidades, que constituem Vila Flores, contextualizando o objeto analítico deste estudo.

Localizado na Encosta Superior do Nordeste, o município de Vila Flores abrange uma área de 107.652 km², onde está distribuída uma população estimada em 4 mil habitantes. Vila Flores está, aproximadamente, a 180 km da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. O referido município faz limite com os municípios de Nova Prata, Antônio Prado, Veranópolis, Fagundes Varela e Protásio Alves, na serra gaúcha.

A história de Vila Flores é parte dos processos de ocupação territorial que se associam à chegada de imigrantes – em sua maioria, nessa região, saídos da

península itálica – e que se estabeleceram a partir da criação da antiga colônia Alfredo Chaves em 1884.

Segundo Longhi; Rigo (1981, p. 15) “A colonização italiana em Pinheiro Seco, atual Vila Flores, no município de Veranópolis, só será bem entendida se for vista dentro do contexto da imigração italiana no Rio Grande do Sul”. Por isso vale ressaltar que:

O movimento oficial de colonização italiana no Rio Grande do Sul teve início no ano de 1875 e estendeu-se até, mais ou menos, 1910. Porém, houveram várias etapas no estabelecimento dos imigrantes. A 1ª etapa abrange as colônias de Caxias do Sul (nova Milano), Dona Isabel (Bento Gonçalves), Conde d'EU (Garibaldi) e Silveira Martins e vai de 1875 a 1884.

Após a ocupação de toda parte leste do Rio das Antas, inicia a 2ª fase da colonização:

[...] que compreende as colônias Antônio Prado e Alfredo Chaves (Veranópolis), que ficam do outro lado do Rio das Antas. Esta etapa vai de 1884 a 1894. Antônio Prado, situada entre os rios das Antas e da Prata, recebe os primeiros imigrantes no mês de abril de 1887. Alfredo Chaves, antiga “Roça Reúna”, assim chamada por ser um local de parada e descanso para os tropeiros que iam de Lagoa Vermelha a Monte Negro, foi fundada em 1884 pelo Dr. Júlio da Silva Oliveira, chefe da comissão para a divisão das terras. A esta colônia pertencia Pinheiro Seco (Vila Flores) (LONGHI; RIGO, 1981, p. 16).

Por mais que a história que nos é narrada a respeito dos imigrantes europeus no final do século XIX e início do século XX diga respeito à fome, à precariedade, à miséria e aos conflitos por terras, houve aqueles que se sobressaíram e trouxeram consigo recursos financeiros. Recursos esses que potencializaram e geraram renda para os que fizeram parte da Região de Colonização Italiana, como foi o caso em Vila Flores/RS. Pois, com a vinda dessas famílias ‘mais abastadas’, a vila foi crescendo, tendo início o empreendedorismo no local, tais como serraria, gado de leite e corte, armazém, etc.

Desse modo, a narrativa do atual município de Vila Flores passa a ter representações que eram sinônimos de progresso, o que motivou a vinda de mais imigrantes e seus descendentes. Sendo prioridade ainda na infância, o trabalho era considerado primordial para a maioria dos imigrantes e seus descendentes. Além de razões financeiras e econômicas, ele exercia um valor moral nas famílias.

Vale ressaltar que no início da colonização, o trabalho era dividido e organizado de acordo com o gênero. Isso porque, nas famílias patriarcais, como eram a maioria naquele período, os homens e as mulheres exerciam papéis distintos, sendo o homem aquele que instituía o lar financeiramente. Já as mulheres eram, em sua maioria, donas de casa, fazendo comida e cuidando dos filhos, do marido e da casa em si. Mas existiam algumas ressalvas, por parte do público feminino, situações em algumas delas tinham a possibilidade de se tornarem 'donas do próprio negócio'. Em Vila Flores também funcionou assim, houve mulheres que se tornaram famosas costureiras na cidade, por exemplo.

Quando os imigrantes chegaram, não havia moinhos para a produção de farinha, por exemplo, e o mais próximo da região de Vila Flores ficava localizado no município de Bento Gonçalves. Aos poucos, e com o empreendedorismo de algumas famílias, a prestação desse serviço passou a ser oferecida em Vila Flores. Essa atividade de moagem foi proporcionada pela família do Seu Lino Lidyo Simonato, na atafona², que ficava na propriedade da família.

Outra prática de cultivo agrícola que caracterizou Vila Flores foi o cultivo de erva-mate. Ela era produzida de maneira artesanal por diversas famílias, logo após a instalação dos imigrantes. Além disso, houve outro empreendimento que se destacou no setor econômico antes da emancipação do município de Vila Flores, a *Brazília*, que consistia numa fundição de ferro e fornecia equipamentos destinados à agricultura para o Estado do Rio Grande do Sul. A empresa contava com cerca de 70 funcionários diretos, além de colaboradores.

No que tange às atividades econômicas e de trabalho em Vila Flores, desde a época em que ainda era distrito de Alfredo Chaves (atual cidade de Veranópolis), destacam-se as pedreiras e olarias, as quais ainda existem no município e são responsáveis pelo sustento de diversas famílias da comunidade vilaflorense.

Vila Flores tem como base econômica atividades do setor primário e secundário. Na agricultura destaca-se o milho, o trigo, a soja, as pastagens e os hortigranjeiros. O principal produto produzido na pecuária é a criação de aves para corte, além da produção leiteira e suína. No setor secundário, a principal geração de fonte de renda são as empresas produtoras de válvulas e microfusão de peças,

² Segundo o dicionário atafona é um engenho de moer grãos, manual ou tocado por animais (www.dicio.com.br).

metalúrgicas, pedreiras, com extração de basalto, olarias e agroindústrias (BACCA, 2020, p. 314).

Não posso deixar de mencionar a relevante importância dos freis capuchinhos para a economia do município. Os membros da ordem vieram para Vila Flores por volta de 1946 e, assim que se instalaram, já firmaram parceria com uma família proprietária de uma olaria, a fim de produzirem tijolos para a construção do seminário. Além disso, os freis se destacaram pela ajuda e incentivo na agricultura, especialmente na produção de parreiras. Outro grande feito pelos freis capuchinhos foi a árdua luta para que as comunidades de interior passassem a ter rede de energia elétrica, hoje indispensável em qualquer propriedade rural. (BARELLA; TESSARI; XERRI, 2020)

É possível afirmar que Vila Flores é um município economicamente promissor. Conta com indústrias de diferentes ramos, agricultura familiar, além de apostar fortemente no turismo local, cujo cenário predominante é inspirado na cultura italiana. O município cultiva e preserva o patrimônio histórico e arquitetônico do período imigratório, valorizando sua memória e tradição, desde o final do século XIX até os dias de hoje.

Outra forma de organização da economia do município, foca no cooperativismo, tendo a Emater uma atuação muito forte em Vila Flores. Além disso, o referido município ganha destaque no comércio local também. Um exemplo é a Casa Fiori, uma antiga prestadora de serviços para a comunidade vilaflorense. No comércio há uma tradicional padaria no centro da cidade que tem como tradição sempre ser passada de sogra para nora. Com isso, fica claro que as mulheres empreendedoras vilaflorenses também fazem parte de um cenário nacional associado às expressivas modificações sociais que marcaram a segunda metade do século XX.

Já o setor industrial ganha espaço em Vila Flores por se destacar na produção demandada em nível nacional e internacional, garantindo emprego e renda para o município. Esse setor passou a se destacar a partir da emancipação do município, pois as empresas, que antes tinham a família como mão de obra, foram crescendo, tornaram-se potência na economia local, e tiveram que buscar novos profissionais, além de promoverem melhorias nas tecnologias da produção.

Na saúde, desde a Constituição de 1988, quando foi criado o Sistema Único de Saúde (SUS), Vila Flores, a exemplo de todos os Municípios do país, recebeu

recursos a fim de investir especialmente na criação e instalação de Unidades Básicas de Saúde. Esses avanços na área, que vem sendo mantidos nas últimas décadas, são valorizados e preservados pela comunidade local. Pois antes disso, durante a imigração, e logo após, não havia uma estrutura na área, e muitos antepassados vieram ao mundo com a ajuda de parteiras leigas.

Os freis capuchinhos, já mencionados anteriormente, fazem parte de um aspecto muito importante da cultura de Vila Flores: a religiosidade. Vale ressaltar que, de acordo com Longhi; Rigo (1981), o seminário existente no município contou com o apoio da comunidade local para a sua construção e abrigava na época em torno de sessenta seminaristas. Ainda, segundo os autores, no dia 29 de novembro de 1956, houve a inauguração de um monumento bastante conhecido no município, que faz parte da cultura religiosa: Santo Antônio de Pádua.

Na Figura 01, podemos observar a imagem do antigo seminário:

Figura 1 – Antigo seminário



Fonte: Comissão de Estudos Municipais – no livro: Vila Flores - 1988

Atualmente, o antigo seminário de Santo Antônio abriga um complexo com águas termais, tendo um poço de 1.000 metros de profundidade, com água que chega a 46 graus celsius. Além disso, conta com trilhas e caminhadas pelas vinícolas e cantinas, permitindo contemplar as videiras, conhecer e acompanhar o processo de produção vinícola, além oportunizar a degustação das mais variadas bebidas

fabricadas no local (BACCA, 2020, p. 315). Vale ressaltar a presença de uma pousada que hospeda turistas de todo o país.

A religião católica, uma das tradições cultivadas pelos colonos da região, é bem evidente no município de Vila Flores e pode ser vista a partir das instalações de capitéis, além da construção da capela. A religião se tornou um dos mais fortes fatores que integraram e ainda integram a população do município. Podemos citar, como exemplos da presença marcante da religiosidade entre os moradores, a preservação dos capitéis e capelas como patrimônio histórico municipal.

Conforme Longhi; Rigo (1981), inicialmente, Vila Flores, distrito de Alfredo Chaves, tinha apenas uma capela, onde pessoas da religião católica reuniam-se para rezar o terço e realizar outras atividades de fins religiosos. Esta capela era denominada “Pinheiro Seco”, devido a uma grande araucária que existia naquela localidade e resistiu a um incêndio proposital. No ano de 1920, Pinheiro Seco passou a se chamar Vila Flores, como forma de homenagear uma das principais famílias italianas que influenciaram na época, a família Fiori. Cabe ressaltar que Fiori vem do italiano “Fior”, que significa flor:

A partir de 1920, Pinheiro Seco, passou a denominar-se Vila Flores, em homenagem à família Fiori, uma das primeiras famílias de imigrantes italianos a estabelecer-se na localidade. A palavra ‘fiori’, em italiano, é plural de ‘fior’, que significa flor. Portanto Vila Flores seria uma tradução do sobrenome da família Fiori = flores. Não se refere a flores de jardim, mas a ‘flores’ de família. A família Fiori foi a primeira flor da península italiana que levou sua contribuição cultural, religiosa e política à localidade, assumindo destacada liderança até o presente (LONGHI; RIGO, 1981, p. 21).

Em outra obra, Bacca (2015) contribui ao acrescentar elementos sobre o contexto histórico do município, contando que tal cidade é constituída por centenárias construções, tombadas como patrimônio-histórico cultural, dentre elas: igrejas, campanários, além da Cruz de Ferro e Sinos de Nossa Senhora de Caravaggio. O município é conhecido pela sua farta gastronomia, tipicamente italiana, e por seu povo hospitaleiro, tendo como grande atrativo suas tradicionais festas e jantares de capela, onde o visitante pode encontrar comidas e bebidas típicas italianas, música ao vivo, danças, jogos e sorteio de brindes.

Por fim, mas não menos importante, destaco uma expressiva prática de lazer entre os moradores de Vila Flores, o tradicional *filó*. Os *filós* eram (e ainda continuam sendo para muitos moradores de Vila Flores) momentos de confraternização entre os

moradores de uma capela. Nesses encontros, carregados de hospitalidade, as pessoas davam uma pausa na rotina de trabalho árduo. Geralmente realizados nos finais de semana, os filós serviam para as famílias realizarem trocas de vivências e experiências presenciadas por eles no decorrer da semana.

Nesses encontros, as famílias tinham a tradição de pôr sobre a mesa uma diversidade grande de alimentos, tipicamente da cultura italiana (bem presente na região), como salame, polenta, copa, queijo, além de bebidas como vinho e a gasosa, que consiste numa espécie de refrigerante artesanal. Atualmente, os filós se tornaram eventos abertos à comunidade e se configuram, portanto, como um atrativo turístico. É possível afirmar que os filós, hoje, são expressivos eventos culturais do município de Vila Flores.

Abaixo, na Figura 2, é possível observar a representação do filó atualmente:

Figura 2 - Integrantes de um grupo que conserva a cultura dos filós em Vila Flores/RS



Fonte: arquivo pessoal da senhora Lucinda Comaquio Rigon

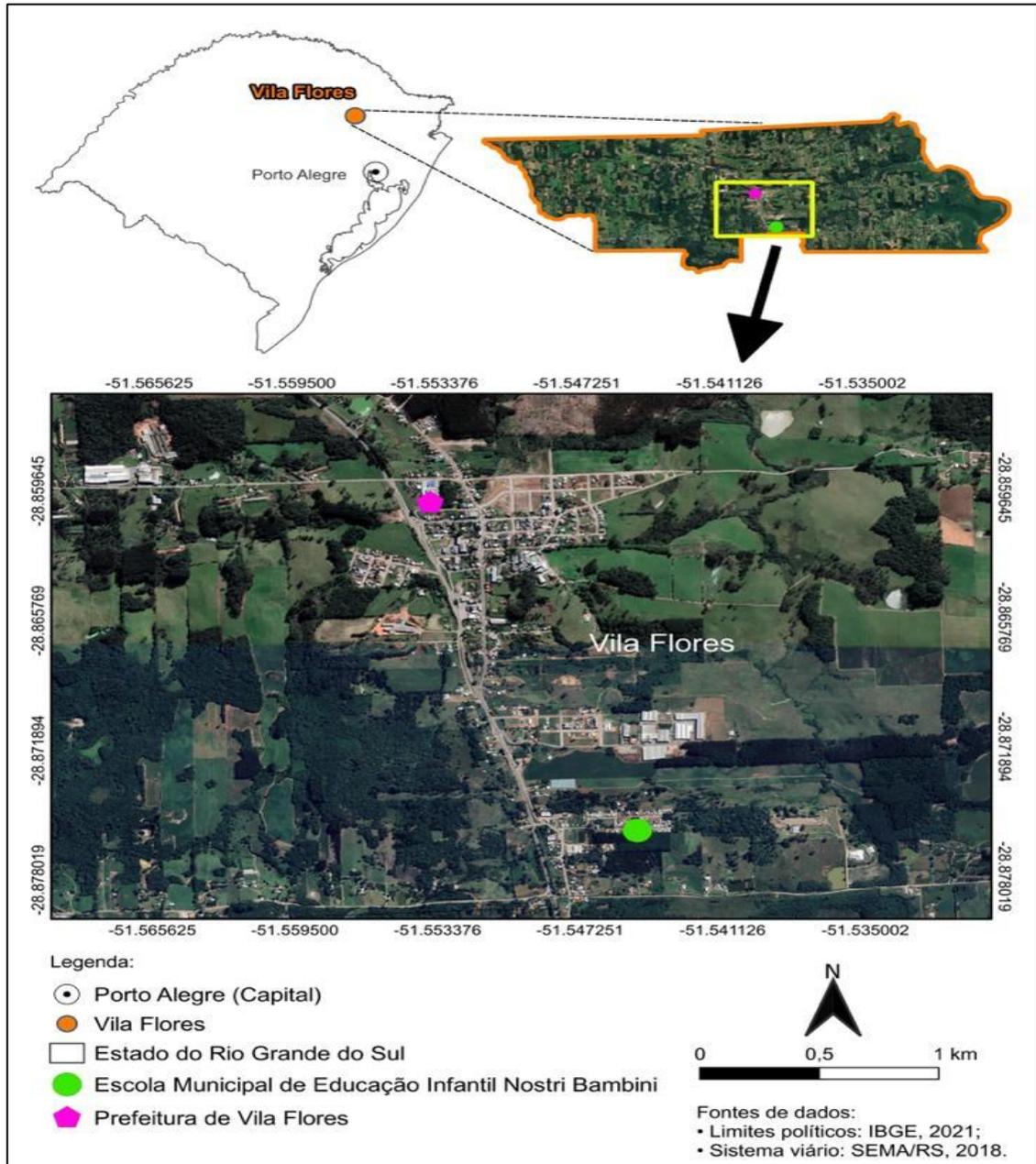
Por volta de 1987, surge a pretensão de emancipação de Vila Flores, do município de Veranópolis. Após luta, organização política e consulta popular, em 12 de maio de 1988, pela Lei Estadual número 8.267, é criado o Município de Vila Flores.

[...] em outubro de 1987, surge a ideia de emancipação. Lançada a ideia, começou a haver a divulgação perante a comunidade. Os trabalhos iniciaram e com o apoio da comunidade, a Comissão Emancipacionista, obteve da Assembleia(sic) Legislativa do Estado a autorização para realizar sua consulta plebiscitária, realizada em 10 de abril de 1988, com a vitória do 'SIM'. Houve a ameaça de ser impetrado de um mandado de segurança, mas a questão foi superada através da negociação. Em 12 de maio de 1988, pela lei Lei Estadual nº. 8.267, é criado o Município de Vila Flores. (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, Novos Municípios Gaúchos, Vila Flores, s/a, p. 17)

As reivindicações, segundo moradores, que uniram a população do então distrito de Alfredo Chaves eram o sentimento de exclusão, por parte de Alfredo Chaves e a falta de comunicação, pois não tinham telefone. Só contavam com uma espécie de central telefônica no Seminário, com o apoio dos freis. Com essa motivação, algumas lideranças do então Pinheiro Seco mobilizaram os moradores e reuniram mais de 100 assinaturas a favor da emancipação.

Depois de enfrentar manifestações contra e a favor a emancipação, no dia 10 de abril do ano de 1988, nas dependências do Cartório Eleitoral de Veranópolis, na presença do Dr. Juiz Eleitoral, Vila Flores foi proclamado um Município independente. Para que isso fosse possível, foi organizado, naquele dia, uma espécie de votação, que contava com a presença da população de Pinheiro Seco. Ao todo, segundo fontes da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, se inscreveram 1.608 eleitores. Desses, 1.432 votaram de fato. Dentre esses, 1.052 votaram a favor da emancipação, 364 votaram contra, 06 votaram em branco e 10 nulos.

Figura 3 - Mapa territorial de Vila Flores/RS



Fonte: Luan Carlos Tomé dos Reis

A partir de então Vila Flores passa a ser um município independente. Com isso, foi preciso eleger seus representantes legais, como podemos conferir no quadro abaixo:

Quadro 4 - Ex-prefeitos de Vila Flores/RS, no período de 1999 a 2019

<i>Nome</i>	<i>Partido</i>	<i>Período</i>
Vilmor Carbonera	PFL	1997-2000
Gessi José Brandalise	PMDB	2001-2004
Gessi José Brandalise	PTB	2005-2008
Jair Pedro Morello	DEM	2009-2012
Vilmor Carbonera	PFL	2013-2016
Vilmor Carbonera	PFL	2017-2020

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Vila Flores/RS.

A seguir, proponho-me a descrever como se deu o processo de ensino no município de Vila Flores, desde o período em que o referido município ainda era distrito, pertencente a Alfredo Chaves, a atual cidade vizinha Veranópolis.

2.1 EDUCAÇÃO EM VILA FLORES/RS

Conforme Rech; Luchese (2018), desde que se iniciou o processo de imigração, se pensou em organizar espécies de instituições escolares, sendo essas denominadas pelos autores de “escolas étnico-comunitárias locais”, escolas étnico-comunitárias mantidas por “Associações de Mútuo-Socorro” e “escolas ligadas a uma congregação religiosa”. Ainda, de acordo com a pesquisa dos autores, no ano de 1908, em Alfredo Chaves (atual Veranópolis), havia quatorze escolas italianas mistas, as quais constavam com 317 alunos e 250 alunas matriculados. Os espaços físicos das referidas escolas encontravam-se em situação precária e improvisada, além de não contar com professores com formação adequada, sendo eleito um próprio imigrante, leigo, considerado mais “sábio”.

Longhi; Rigo (1981) nos contam que no ano de 1900 foi criada a primeira escola em “Pinheiro Seco”, que se chamava Escola Governativa. Levava esse nome por ter sido construída com recursos do governo. Ali, além de lecionar, os professores, que vinham de outras cidades, também moravam.

Naquele período em que Vila Flores ainda era um distrito, a educação era bem precária, porém com muita luta das famílias, houve um professor que ensinava as crianças da comunidade. De acordo com os autores, o primeiro professor foi o senhor Luiz Carbonera, que lecionava em língua italiana e adaptou parte de sua casa para fornecer uma espécie de escola para as crianças. Passado algum tempo, a

comunidade recebeu seu primeiro professor público, o senhor Zoraido Arizzi. (LONGHI; RIGO 1981, p. 55).

A escola e o tempo de permanência eram limitados. A demanda do trabalho e da sobrevivência se impunha. Como podemos perceber na fala do seu Lino Lidyo Simonato, 96 anos, registrada na entrevista:

Na verdade, a única coisa que eu sempre reclamei do meu pai foi que ele não me deu estudo. Nem para mim e nem para um dos meus irmãos, já falecido. Então meu pai hospedou a professora na nossa casa, que lecionava na estrada que tem a Cruz de Ferro, que era onde tinha uma escolinha. [...] Mas na escola mesmo eu só fui 3 dias, lá em Vila Flores (centro). A minha professora se chamava Dozolina Boff. Ela era uma mulher severa. Nós, quatro irmãos fomos para a escola juntos. Dois deles continuaram frequentando, mas eu e um dos meus irmãos não. Meu pai disse que eu tinha que parar de estudar para ajudar no trabalho, porque estava na época de preparar a terra para plantar milho, mandioca, batata inglesa, batata doce, além de trabalhar na atafona... Nessa época eu tinha entre 9 e 10 anos. Às vezes, quando eu voltava cedo da roça, a professora que parava durante a semana lá em casa me dava umas aulas.

Com esse relato, podemos perceber que, para as famílias naquele período, a prioridade era trabalhar, conquistar terras e ser bem sucedido. Uma criança estudando, significava mais despesas, uma mão de obra a menos e transtorno, pois os colonos só falavam o dialeto italiano, o que também era considerado empecilho.

É possível reafirmar o que foi narrado no trecho a seguir:

[...] pode-se perceber que o imigrante tinha preocupações imediatistas: seu problema era o cultivo da terra e a aquisição de novas propriedades. Além disso, a escola tinha também o problema da linguagem, pois os colonos e seus filhos falavam o italiano, ou pelo menos o dialeto italiano das províncias de origem, e precisavam aprender a língua portuguesa (LONGHI; RIGO, 1981, p. 29).

Outra questão a ser destacada é a moradia dos professores naquele tempo. Alguns moraram na casa de famílias do então distrito, outros, como o caso já mencionado do senhor Luiz Carbonera, que adaptou parte de sua casa para transformar em 'escola'. Também houve uma professora, que era natural de Veranópolis, a qual residia na escola, lugar onde havia uma repartição que contava com dois quartos e uma cozinha.

A escola em que lecionava a professora Dozolina Boff levava seu nome e, segundo relato escrito no livro "História, desenvolvimento e projeção de Vila Flores" (BARELLA; XERRI; TESSARI, 2020, p. 21), a escola era de madeira, e havia uma

única turma, multisseriada. A professora separava as crianças por série, de acordo com a faixa etária, até a 5ª série (equivalente ao ensino fundamental hoje) e dava aula para todos.

Realidade como a citada acima, com turma única para alunos de diferentes níveis de ensino e atendidos por um único professor, era muito comum antigamente, especialmente nas comunidades de interior.

Outra escola citada no livro “História, desenvolvimento e projeção de Vila Flores” (BARELLA; XERRI; TESSARI, 2020, p. 25 e 26) é a Evaristo da Veiga, localizada na comunidade Nossa senhora do Carmo – Piquete. Na referida escola lecionava a professora Rosalina Tonin Morello.

Anos mais tarde, por volta de 1973, parte do salão paroquial da comunidade de Vila Flores/RS precisou de adaptação e abrigou salas de aulas de todo o 1º grau, devido ao aumento no número de alunos que procuravam a escola e também com a implantação das 6ª e 7ª séries (LONGHI; RIGO, 1981, p. 31).

A maioria dos jovens, da época narrada, não puderam continuar seus estudos por ter que, ou trabalhar na roça, ou ajudar em casa, na criação dos irmãos, cuidando da casa e das refeições de suas famílias. Mas houve uma minoria que pôde dar continuidade aos seus estudos. Para esses, geralmente, o destino era o seminário, quando do sexo masculino, e, no caso das meninas, a formação complementar era por meio do magistério, a fim de serem futuras professoras (uma das únicas profissões que acolhia mulheres), ou, além disso, muitas iam para conventos.

É possível observar, com o que foi apresentado até o momento, que a infância antigamente em Vila Flores era compartilhada entre escola e trabalho. Sendo o trabalho escolhido como prioridade, na maioria das vezes. Vários fatores influenciavam na escolha, uma vez que, além da necessidade de garantir o sustento da família, muitas vezes ir à escola se tornava difícil, pois as crianças, que moravam, na sua maioria, nas comunidades do interior, precisavam percorrer longos trajetos a pé, dada a inexistência de locomoção na época.

As mudanças legais nos processos escolares começaram a ocorrer dentro do século XX, num contexto que também foi modificando e alterando a sociedade. Podemos citar, a partir da emancipação, a Constituição de 1988, que trouxe consigo alguns traços de mudança como a instalação de estabelecimentos de ensino em prédios de alvenaria, que afetou também Vila Flores/RS. Outro ponto que merece

destaque, ao se tratar da educação, foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no ano de 1996, a partir da qual muitas escolas do interior dos Municípios foram fechadas, devido ao expressivo êxodo rural.

As referidas modificações que ocorreram na educação, ao longo do século XX, podem ser contextualizadas assim:

Desta forma, podemos apontar que a constituição da percepção da infância escolarizada no Brasil, ou o processo de educação das crianças brasileiras aconteceu em meio a mudanças nos processos sociais de constituição do Estado, transformações do sistema produtivo, constituição de novos arranjos familiares, reorganização social que o país esteve imerso em finais do século XIX e início do século XX. Portanto, não foi de forma linear, sem tensões, ou conflitos entre grupos que formavam a sociedade do período (CRUZ; SARAT, 2015, p. 25).

Com isso, os alunos foram remanejados para outras escolas, onde havia uma estrutura melhor, que atendia mais alunos e contava com mais profissionais da educação. Em Vila Flores isso não foi diferente. Além da nucleação, o município passou por uma readequação na estrutura física dos prédios, além de reformas elétricas e outras reformas exigidas pelas normas técnicas e de segurança.

Atualmente, a rede municipal de ensino de Vila Flores conta com três escolas, sendo a Doze de Maio, escola de ensino fundamental, que atende crianças do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, e duas escolas de educação infantil, *EMEI Nostrri Bambini*, que atende crianças de nível pré-escolar e a *EMEI Quintal das Crianças*, que atende crianças de nível de creche, ou seja, de 4 meses a 3 anos de idade. Vale ressaltar que *EMEI Quintal das Crianças* entrou em funcionamento em fevereiro de 2022.

Além dessas, a comunidade vilaflorense conta ainda com uma escola estadual, de nível médio, Dozolina Boff, que atende somente alunos do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, e um Polo Universitário de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O município de Vila Flores/RS possui diversas comunidades de interior, onde residem vários alunos que compõem o quadro de estudantes do município, alocados nas escolas municipais e também na escola estadual de ensino médio. Para o deslocamento desses estudantes, o município oferece transporte público gratuito.

Dentre as escolas do município de Vila Flores/RS, vou destacar a Escola Municipal de Educação infantil *Nostrri Bambini*, sobre a qual será narrada sua história,

desde sua criação, no ano de 1999, até o período de 2019, com o objetivo de contextualizar as infâncias, a educação infantil e a institucionalização da educação infantil no referido município.

Podemos observar como está a referida escola atualmente.

Figura 4 - Fachada da EMEI *Nostris Bambini*, 2022



Fonte: registro realizado pela autora

À medida que o número de habitantes foi crescendo, conseqüentemente o número de matrículas na Escola Infantil *Nostris Bambini* também. Com isso, a administração municipal precisou tomar medidas para realizar ampliações e melhorias na referida escola, a fim de atender à crescente demanda, assim como contratar novos profissionais na área da educação para atuar no educandário.

No capítulo seguinte, apresento a análise da comunidade escolar nos aspectos relacionados à criação e ao funcionamento da EMEI *Nostris Bambini*. Também me debruço a escrever sobre o aumento de profissionais, bem como sobre as mudanças ocorridas nos espaços físicos da escola, para melhor atender as crianças e as dificuldades enfrentadas para atender toda a demanda escolar existente na educação infantil do município de Vila Flores/RS.

3. A ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL NOSTRI BAMBINI E SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Todos nós recordamos a escola como um espaço metafórico da vida, em que operam ancoragens afetivas que transformam a experiência vivida em fonte essencial de nossa própria identidade narrativa.
(Augustín Escolano Benito, 2021, p. 18)

Por meio de memórias narradas, atreladas à análise documental, constitui-se a presente parte da pesquisa. Contando com a participação de diferentes sujeitos, imergidos em suas emoções e recordações, que contribuíram, cada qual à sua maneira, para a consolidação da primeira instituição infantil pública de Vila Flores/RS, a *Nostri Bambini*.

Desse o modo, o capítulo que segue tem como objetivo apresentar o processo de criação, bem como o funcionamento da primeira escola de Educação Infantil do município de Vila Flores – RS, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, objeto desta investigação. Além disso, apresento a comunidade escolar, os desafios enfrentados pelos profissionais, famílias e as próprias crianças no decorrer de 20 anos, com as diversas ampliações, locações e mudanças estruturais no educandário.

Visto dar início à narrativa sobre esse assunto, julgo relevante pontuar que, durante muitos anos, a infância, cuidados e sua educação eram dever apenas da família. Aos poucos, a Educação Infantil foi ganhando espaço no Brasil. Na medida em que o país foi se desenvolvendo, a mulher foi conquistando seu lugar no mercado de trabalho e, com isso, surgiu a necessidade de ‘terceirizar’ o cuidado e a educação de seus filhos pequenos.

Nesse contexto, Cruz; Sarat (2015, p. 29) ressaltam que:

[...] o surgimento e expansão das instituições de atendimento educacional a infância de zero a 6 anos passa a ser percebida como proposta inovadora, símbolo da modernidade, exaltação do progresso e da indústria no país. As instituições são difundidas para educabilidade das crianças, mas também, como mecanismo de combater o abandono, sendo percebidas muitas vezes como um ‘mal necessário’, pois a difusão especialmente das creches para a infância pobre brasileira colocava em conflito a capacidade da família no cuidado e educação das crianças, e questionava principalmente o papel materno idealizado para as mulheres. Diga-se, de passagem, uma idealização que favorecia as classes mais abastadas, e não condizia com as condições de mulheres pobres.

Outro fator que foi se consolidando ao longo dos anos é a garantia, bem como a frequência e permanência da criança na escola de Educação Infantil. Isso, segundo Almeida (2014, p. 18), se deu por meio

(...) da Emenda Constitucional 059/09 (EC 059/09) (BRASIL, 2009a), regulamentada pela Lei 12796/13 (BRASIL, 2013), que coloca como dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na Educação Básica a partir dos quatro anos de idade, tornando compulsória a matrícula na educação infantil. Assim, a regulamentação da Constituição Federal de 1988, a educação infantil como direito e também opção da família – de modo que a criança pode ou não a frequentar – passa a referir-se apenas às crianças de até três anos, idade prevista para creches.

Assim, foi se tornando cada vez mais necessárias as Escolas de Educação Infantil, e, com isso, aumentou a responsabilidade e pressão sobre o poder público em proporcionar esses estabelecimentos de ensino para todas as crianças, de forma gratuita. Essa afirmativa se dá por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/94), estabelecendo o ensino obrigatório a partir da pré-escola e advertindo a obrigação dos pais quanto ao cumprimento da lei:

Art. 4º

I - Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) pré-escola;
- b) ensino fundamental;
- c) ensino médio

[...] Art. 6º

É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na Educação Básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade (BRASIL, 2013).

O direito à educação e ao atendimento das crianças em Escolas de Educação Infantil, mesmo que como conquista recente e ainda em curso no país, trouxe mudanças significativas para a educação. No caso específico de Vila Flores, a existência de uma instituição destinada exclusivamente para esse público foi instituída em 1999. Essa instituição foi criada dentro do contexto de expansão de escolas infantis que começa a acontecer naquele período temporal em todo o país, como já mencionado.

3.1 “A GENTE FAZIA TUDO NA ESCOLA”: OS PRIMEIROS TEMPOS DA ESCOLA INFANTIL *NOSTRI BAMBINI*

Evocando a fala da professora Elene (2023), “a gente fazia tudo na escola” como subtítulo desta seção, apresento os primeiros movimentos que afirmaram o início do funcionamento institucional, desde a inauguração.

Os primeiros deslocamentos oficiais em direção à construção de uma escola de Educação Infantil, no município citado, se deram no ano de 1999, com o Decreto nº 1043³, de 3 de maio, na administração de Vilmor Carbonera, prefeito na época. Sua criação, bem como seu funcionamento, se deu através de reivindicações da comunidade vilaflorense, que viam a necessidade de ter um espaço onde pudessem deixar seus filhos estudarem, por mais que não fosse obrigatório o ingresso de crianças pequenas (menores de 6 anos de idade) na escola. Somado a isso, existia o fato de os municípios, em geral, estarem sendo responsabilizados a financiar esse atendimento.

Assim relata o prefeito da época, Vilmor Carbonera:

Uma motivação foi a reivindicação da população, juntamente de algumas mudanças de lei, a nível federal, que passou uma maior responsabilidade sobre a educação para os municípios. E essa escola já estava prevista no nosso plano de governo, sendo que o prédio que abriga a *Nostri Bambini* já estava em construção, ainda na gestão anterior (CARBONERA, 2023).

Partindo da fala do ex-prefeito, nota-se que Vila Flores estava prestes a dar um passo bem importante para a história da educação do município, além de atender uma reivindicação da população local. Segundo o prefeito, a EMEI *Nostri Bambini* vinha sendo planejada pela administração anterior a sua, fato que veio a ser oficializado em 03 de maio de 1999, com a criação do educandário. Para a ocasião, houve um ato solene que marcou o início do funcionamento daquela escola.

Ao vasculhar os arquivos da EMEI *Nostri Bambini*, encontrei uma figura que registra a solenidade de inauguração da escola:

³ Tal decreto encontra-se em anexo, para possível consulta.

Figura 5 – Cerimônia de inauguração da EMEI *Nostrì Bambini*, no ano de 1999



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*.

Na Figura 5, observa-se o prefeito daquele período, Vilmor Carbonera, bem à esquerda da fotografia. Na outra extremidade da foto encontra-se um padre. O pároco estava ali, provavelmente, para dar uma benção ao novo educandário. Os demais presentes são autoridades que compunham o poder legislativo e executivo da época, além de representantes da comunidade vilaflorense. Nota-se que a inauguração acontece com a presença de pessoas consideradas de referência da comunidade. Sendo marca identitária e cultural do município, com uma maioria de católicos, se celebra a inauguração com um padre, o qual conduz, de certo modo, a solenidade, abençoando a escola.

O início do funcionamento daquele educandário se tornou notícia. Nos arquivos pessoais da professora Elene Graciela Carbonera Bristot, localizei a figura de uma reportagem de jornal, que evidencia os acontecimentos da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*.

Figura 6 – Reportagem sobre a inauguração e funcionamento da EMEI *Nostrì Bambini*



Fonte: Arquivo pessoal da professora Elene Graciela Carbonera Bristot.

Deduz-se que a reportagem foi realizada no ano de inauguração da escola e relata que o início das atividades escolares se deu em 15 de março, bem como a faixa etária das crianças atendidas no educandário. Com isso, conclui-se que as crianças vieram a frequentar a EMEI *Nostrì Bambini* antes mesmo do decreto que oficializou a instituição, visto que o documento oficial é de 3 de maio de 1999. A reportagem evidencia o feito da Administração em atender uma reivindicação dos moradores, o que se subentende que esse tenha sido o motivo que levou a efetivação daquele educandário, fato que foi constatado na fala do prefeito da época, já mencionada.

A notícia informa ainda que o prédio tinha capacidade para atender 50 crianças. Na fotografia, podemos observar a presença de 25 crianças, com faixa etária entre 4 e 5 anos, as quais, segundo o que nos informa o texto, eram a totalidade de crianças que frequentavam o educandário naquele ano. Isso leva a crer que a escola, no primeiro ano de implantação, funcionava com cinquenta por cento de sua capacidade total. Outro ponto de destaque é que no título da reportagem, bem como no corpo do texto, não é mencionado o nome da Instituição. Isso porque, até aquele momento, a escola não havia sido “batizada” com um nome.

Ressalto que o recorte da reportagem, a qual relatei ter encontrado nos arquivos pessoais de uma professora da escola, estava tal como qual escaneado. Com isso, não foi possível ter certeza se o contexto da publicação trazia mais informações. Também não tenho exatidão de quando a matéria foi publicada, bem

como em que jornal ela pode ser encontrada, visto que a professora Elene não se recorda de onde retirou a reportagem.

Segundo as lembranças de Elene, O nome “*Nostrì Bambini*” foi dado à escola de educação infantil do município, em abril de 1999, através de um concurso realizado para a comunidade escolar. A vencedora foi a aluna da EMEI, Rubiane Antonioli Fiorentin, elegendo a nomenclatura que a escola carrega até os dias atuais. Assim nos conta a professora:

Recordo-me que teve um concurso, também nesse primeiro ano de funcionamento da escola, que mandamos para casa um formulário para eles escolherem o nome da escola, lembro que quem ganhou foi a Rubiane Fiorentin, que morava próximo da escola (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023).

Com relação ao nome da referida instituição, não foi possível encontrar registro que possibilitasse maiores detalhes sobre como se deu, de fato, a escolha. O único documento localizado é uma espécie de nota informativa⁴, a qual orientava as famílias das crianças que frequentavam a escola naquele momento (abril de 1999). A nota, que comunicou a abertura de um concurso para o nome fantasia da instituição, dizia: “Senhores pais! Estamos lançando o concurso para a escolha do Nome Fantasia da Escola Municipal de Educação Infantil. Como seu filho faz parte da primeira turma, estamos oportunizando a sua participação nesta escolha.” (Vila Flores, 1999).

Somando-se a isso, temos o decreto, já citado, que oficializou o educandário. O documento foi emitido em maio de 1999 e já se referia à *Escola Municipal de Educação Infantil Nostrì Bambini*. Isso reforça a tese da professora Elene (2023), que diz ter ocorrido a escolha em abril de 1999.

A *Nostrì Bambini* foi construída para atender crianças pequenas. Esse atendimento, nos primeiros anos, não era feito em turno integral, assim como não exigia obrigatoriedade daquela faixa etária. No início do seu funcionamento, “A escola funcionava apenas no turno da tarde. As crianças usavam o transporte, assim como feito hoje.” (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023). Além disso, no ano de 1999, a escola contava, em seu quadro funcional, com apenas uma professora e uma auxiliar de educação infantil. A primeira professora daquele educandário foi Elaine Carbonera Trintinaglia.

⁴ O referido documento encontra-se em anexo, para possível consulta.

Eu comecei como auxiliar, tinha uma profe só, que era minha irmã. Ela foi a primeira profe, porque tinha uma turma só. Depois se viu que era melhor separar as crianças que tinham 5 anos e as crianças que tinham 4 anos. Eu não lembro direito, mas acho que depois de uns 3 meses. Assim eu passei a ser profe. A partir daí eu sempre trabalhei como professora (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023).

Segundo o que foi dito por Elene, percebe-se que, no ano de 1999, pelo menos, quando a escola entrou em funcionamento, não havia uma pessoa designada para a limpeza da escola, nem para o preparo do lanche das crianças. O educandário também carecia de uma diretora para responder burocraticamente pela escola.

Diante disso, a demanda e a responsabilidade por parte da professora e da auxiliar eram grandes, pois, além de preocuparem-se em atender as crianças, precisavam administrar a alimentação de todos e cuidar da limpeza do prédio. “Como eu era auxiliar, eu ajudava ela na parte da merenda, que era bem mais simples: bolacha, biscoito, iogurte, bolo... A gente fazia tudo na escola: limpava, preparava o lanche, ...” (Elene Graciela Carbonera Bristot). Isso reforça a importância da função de todos os profissionais que compõem um educandário.

Após alguns meses do início das atividades na *Nostri Bambini*, a professora Eliane foi substituída pela professora Dalva Simonetto. Isso se deu porque Eliane precisou se afastar da escola por motivos particulares. Dalva (2022) recorda que durante os dois anos em que ela esteve na escola (1999 e 2000), o educandário contava apenas com “duas professoras e uma auxiliar de serviços gerais.” A 1ª doméstica⁵ concursada, Isabel P. Cristianetti, chegou à escola em julho de 2000.

Quem se recorda com carinho dos lanches da escola é a então aluna Andressa (2023): “Eu gostava muito de comer mingau de chocolate, e teve um dia que a ‘Tia Izabel’ deixou a gente mexer o creme [...]”.

Segundo o Projeto Político Pedagógico⁶ (2003), o primeiro que encontrei registros do referido educandário, naquele ano a escola contava com 60 crianças

⁵ Doméstica é um termo usado para se referir a auxiliar de serviços gerais. A qual tinha a função, dentro do contexto, de preparar os lanches das crianças e realizar a limpeza do prédio.

⁶ O Projeto Político Pedagógico é um documento exigido e amparado pela Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/96), que diz: Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I - elaborar e executar sua proposta pedagógica; Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de: I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; (BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.).

matriculadas, com faixa etária entre 4 e 5 anos de idade, separadas por turmas de níveis de Maternal e Jardim de Infância. Nesse mesmo período, segundo o documento já citado, o corpo docente era composto por quatro professoras com Nível Superior Incompleto, abrangendo os cursos de Matemática, Pedagogia e Letras. Consta também que três das quatro professoras estavam frequentando o Curso de Educação Infantil, sendo que a quarta já o havia concluído.

Analisando o PPP (2003), podemos perceber que até então não era exigido formação específica para ingressar, como docente, no referido educandário infantil. Porém, as profissionais atuantes buscavam uma espécie de aperfeiçoamento, através de cursos. Vale ressaltar que, naquele ano (2003), além do corpo docente já citado, a escola contava também com uma supervisora, acadêmica do Curso de Pedagogia e com curso de Educação Infantil. Essa profissional atuava na escola sob regime de 4 horas semanais e desempenhava o papel relativo ao de um secretário de escola. A supervisora pertencia ao quadro funcional da SMEC.

Então, desde de 1999 até o ano de 2003, já podemos perceber movimentações positivas ocorrendo no corpo docente da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*. A escola, que iniciou suas atividades com apenas uma professora, 4 anos depois já contava com quatro profissionais no ramo, além de uma supervisora escolar, em seu quadro funcional. Isso justifica-se também pelo fato da crescente demanda que houve no período. A escola, que em 1999 tinha 25 crianças matriculadas, em 2003 contava, segundo consta no Projeto Político Pedagógico daquele ano, com 60 matriculados. Um aumento superior a 100% desde a sua fundação.

Com base nos dados acima, juntamente com a informação contida na reportagem de jornal analisada, a qual dizia que o prédio da EMEI *Nostris Bambini* tinha capacidade para atender 50 crianças, conclui-se que, no ano de 2003, a escola funcionava excedendo o total permitido. Isso ocorreu, de fato, se considerarmos que todos os inscritos frequentaram o educandário no período. Acredito que essa tenha sido uma preocupação da administração pública municipal, a qual motivou a primeira reforma de ampliação física, que aconteceu no ano seguinte na escola.

Em meados de 2004, a EMEI *Nostris Bambini* permanecia com seu funcionamento em apenas um turno. Como vimos, nesse período, a escola já havia incorporado alguns profissionais no seu quadro funcional, porém ainda carecia de

profissionais para preencher algumas funções na escola. Pode-se citar, como exemplo, a falta de um secretário de escola. Esse profissional era de fundamental importância para a escola, visto que “(...) precisávamos atender telefone e os pais. Não tinha ninguém responsável pela secretaria da escola, então nós tínhamos que encaminhar algumas questões burocráticas para a secretaria de educação.” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023).

O relato da professora Marilene nos conta como estava sendo, de fato, o funcionamento administrativo da EMEI *Nostris Bambini* naquele período. A demanda estava acarretando sobrecarga para as professoras, pois, além de desempenharem seu trabalho com as crianças, tinham que se preocupar com a parte burocrática e administrativa do educandário. As professoras contavam com o apoio apenas da supervisora da SMEC, que atuava na escola sob regime de 4 horas semanais, o que, segundo Marilene, não era suficiente para suprir a demanda existente na escola.

Marilene (2023) recorda: “Quando iniciei eram somente duas turmas, sendo uma de jardim e outra de pré-escola. Eu lembro que tinha mais ou menos 15 alunos em cada turma, tínhamos uma merendeira.” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023). A professora, que iniciou suas atividades na *Nostris* em 2004, como estagiária do CIEE, menciona pontos importantes sobre o funcionamento da escola. Ela conta que a escola tinha somente duas turmas, sendo uma delas de Pré-Escola. Isso gera estranhamento, visto que, naquele ano, a escola não atendia oficialmente a Pré-escola. Na época, eram ofertadas vagas para esse nível nas escolas estaduais.

Diante do relato da professora, verifiquei o Projeto Político Pedagógico do ano de 2004 da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*. Lá informava que: “Atualmente, encontram-se matriculadas 15 crianças na turma do Maternal, 30 crianças nas turmas do Jardim A e B e 21 crianças na turma da Pré-Escola.” (Projeto Político Pedagógico, 2004). Com isso, constata-se que, em 2004, o educandário atendia turmas com crianças de diferentes faixas etárias juntas, pois a professora citada afirma ter apenas duas turmas quando ingressou no educandário, em 2004, enquanto o PPP (2004) cita 4 turmas diferentes.

Além disso, o documento informa haver 21 crianças na turma da Pré-Escola. Isso traz contradições aos demais registros oficiais do educandário, que relatam o fato de que a primeira turma oficial de Pré-Escola que houve na instituição foi no ano de

2009. Isso ocorreu quando o município assumiu a primeira etapa obrigatória da educação básica, a Educação Infantil, no nível Pré-Escolar.

A primeira diretora da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, Miraci (2023), nos conta como funcionava a escola, com relação ao quadro restrito de profissionais e aos desafios enfrentados, enquanto gestora, no período:

Eu lembro de ter sido um desafio muito grande, mas com o apoio e o comprometimento das professoras que trabalhavam comigo e da funcionária (doméstica), realizamos um bom trabalho e conseguimos “tocar” a escola. (...) mas o que mais sentia falta era de uma equipe composta por uma coordenadora pedagógica e, também, de uma secretária, para colaborar, principalmente, na organização (Miraci de Lourdes Rastelli Detogni, 2023).

Miraci ingressou na escola, como gestora do educandário, no ano de 2004 (até então a escola não tinha tido diretora), convidada pela secretária de educação do período, Sra. Alide Gallina Luzzatto. A então diretora era acadêmica do curso de Pedagogia e atuava na EMEI *Nostri Bambini* sob regime de 30 horas semanais.

É importante considerarmos que cada instituição carrega sua própria história, o que a torna única e define sua identidade. Como afirmam Araújo e Junior,

percebe-se que a história das instituições educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e aprendizagem, por meio da busca da apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer dos tempos (ARAÚJO; JUNIOR, 2022, p. 20).

Cabe aqui ressaltar a importância da gestão de uma escola. São muitas as atribuições direcionadas ao cargo diretivo, como tomar decisões sobre o andamento e bom funcionamento do educandário. Na EMEI *Nostri Bambini* também foi assim.

Segundo o Regimento Escolar (2010), no seu Artigo 5º: “O diretor é o profissional que representa legalmente a Escola e exerce a função administrativa e pedagógica do estabelecimento, respeitadas as disposições legais.” Junto a essa responsabilidade, veio a demanda de uma escola que já estava em funcionamento há 5 anos, sem direção. A chegada de uma diretora no referido educandário foi considerada um marco para a instituição, pois “A partir deste marco, a escola passou a expedir seus documentos, a formalizar atas, a constituir CPM, e responder pelos seus passos” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023).

Desde a fundação, muitos foram os profissionais que deixaram sua marca nesta instituição de ensino:

Quadro 5: Professoras que passaram pela direção e vice direção da *Nostris Bambini*, no período de 1999 a 2019

Diretora	Período administrativo	Observação
Miraci de Lourdes Rastelli Detogni	02/2000 a 03/2004	
Maria do Carmo de Conto Carnevali	02/2005 a 12/2008	
Marilene Dal Magro Peruzzo	01/2009 a 12/2012	
Lenara Montagna Boccalon	01/2013 a 05/2014	Ficou na direção da escola até o momento que a EMEI inicia suas atividades em período integral, ou seja, no funcionamento de 40 horas semanais.
Solange Roncatto Tesaro	05/2014 a 12/2016	Auxiliada pela até então diretora Lenara, que passa a ocupar o cargo de vice diretora. Em 2016, Camila Daroz, também passa a assumir o cargo de vice diretora, 20 horas.
Camila Daroz	01/2017 a 12/2021	Neste período, a escola teve como vices Nelsi Maria Frata Faganello, Solange Ronatto Tessaro e Kamille Orso.

Fonte: arquivos da Secretaria Municipal de Educação de Vila Flores

Com base no quadro acima, nota-se que nesses primeiros 20 anos de funcionamento da EMEI *Nostris Bambini*, o educandário contou com seis diretoras. Dessas, segundo o que consta nos documentos que regem⁷ a instituição no período citado, três delas possuíam, no tempo em que atuaram na gestão da escola, formação em nível superior no curso de Pedagogia, uma era acadêmica do curso anteriormente citado e as outras duas gestoras possuíam a titulação acadêmica em Licenciatura Plena em Geografia e Licenciatura Plena em Letras, respectivamente.

Cabe ressaltar aqui que, segundo o Regimento Escolar (2010) da EMEI *Nostris Bambini*, para atuar na direção da escola, era preciso, como requisito básico, ter Licenciatura em Pedagogia ou Pós-Graduação em Educação⁸. Tendo em vista essa

⁷ Documentos que regem a *Nostris Bambini*, de 1999 a 2019, são O Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico.

⁸ Título II – Da Organização Administrativa – Capítulo I – Da Direção – Art. 6º: A Direção é exercida por profissional formado em curso de graduação em Pedagogia ou em nível de pós-graduação em Educação com orientação da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. (Regimento Escolar da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, 2010).

informação, surgem dúvidas se, de fato, o Regimento da Escola – redigido no ano de 2010 - foi respeitado por pelo menos uma das diretoras que atuou na gestão do educandário. A docente, que esteve na direção após o ano de 2010, possuía graduação em Licenciatura Plena em Letras (o que não a habilitaria para tal função) e não constava registros no PPP daquela época de que a professora teria Pós-Graduação em Educação, o que a tornaria inapta ao cargo.

Outras duas professoras estiveram na direção da escola e, assim como a profissional anteriormente citada, não tinham Licenciatura em Pedagogia, nem fora discriminado nos respectivos PPPs que possuíam Pós-Graduação em Educação, no período em que exerceram a função de gestoras da *Nostris Bambini*. Isso torna possível a inaptidão legal das duas profissionais para atuarem frente à direção da escola. Dito isso, friso a inviabilidade de afirmar que violaram, de fato, as normas pré-estabelecidas para ocupar tal cargo, visto que ambas atuaram anos antes ao primeiro registro do documento legal localizado. Salvo que, o mais antigo Regimento Escolar da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, a que tive acesso, foi o do ano de 2010.

Com base no Quadro 9, intitulado “*Professoras que passaram pela direção e vice direção da Nostris Bambini, no período de 1999 A 2019*”, destaca-se o fato de que a escola, até o ano de 2014, enquanto atendia apenas crianças com idade pré-escolar, contava, em sua direção, com apenas um membro, a gestora. Isso porque o educandário atendia somente em um único turno, à tarde, e funcionava com poucas turmas, o que tornava viável sua administração por apenas uma profissional.

Assim que a escola passou a ter direção, no ano de 2004, alguns avanços ocorreram. A partir dali a parte burocrática passou a ser realiza pela diretora e nesse mesmo período foi criado o CPM (Círculo de Pais e Mestres) da EMEI *Nostris Bambini*, o que já estava apontado como necessidade da escola, no PPP (2004). A participação e o envolvimento de diferentes sujeitos no processo de organização da escola é algo relevante e significativo.

Toda a instituição de ensino necessita de conselhos, como o caso do CPM. Isso está previsto em lei, como podemos ver, citado a seguir na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/94):

Art. 14. Lei dos respectivos Estados e Municípios e do Distrito Federal definirá as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

II – participação das comunidades escolar e local em Conselhos Escolares e em Fóruns dos Conselhos Escolares ou equivalentes.

§ 1º O Conselho Escolar, órgão deliberativo, será composto do Diretor da Escola, membro nato, e de representantes das comunidades escolar e local, eleitos por seus pares nas seguintes categorias:

I – professores, orientadores educacionais, supervisores e administradores escolares;

II – demais servidores públicos que exerçam atividades administrativas na escola;

III – estudantes;

IV – pais ou responsáveis;

V – membros da comunidade local. (BRASIL, 2013)

A EMEI *Nostris Bambini* compôs seu CPM com pais, professores e direção da escola.

No ano de 2010, quando a professora Camila ingressou na referida escola, lembra que ainda havia apenas duas turmas na *Nostris Bambini*, sendo uma de Pré-Escola e outra de Jardim de Infância. “Na verdade, eram duas turmas juntas, porque tinham crianças de diferentes idades juntas. Quando me chamaram, a *Nostris Bambini* só atendia turmas de Jardins e Prés.” (Camila Daros, 2022)

A lembrança da professora reforça a tese de que nos primeiros anos de funcionamento, a referida escola não separava as crianças por faixa etária. Isso se dava, certamente, pela falta de espaço físico no educandário. Talvez essa falta de separação por faixa etária tenha dificultado o planejamento e o bom andamento das aulas, pois é notória a evolução que a criança adquire, no seu processo de cognição, de um ano para outro.

Nesse sentido, Fernandes (2008) nos traz uma reflexão bastante oportuna sobre essa questão:

A separação etária, instituída como forma de organização, provoca mudanças no tempo e no espaço escolar capazes de produzir marcas culturais que subjetivam os relacionamentos e práticas sociais das crianças. Com a mudança de idade, ou seja, de um ano para o outro, ocorrem mudanças na forma como as crianças são e estão na escola, recebendo estatutos diferenciados. A idade, portanto, é um estatuto social que configura a maneira como a criança se relaciona socialmente com as outras crianças e com os adultos, como também é fator relevante para a construção de propostas curriculares, de concepções pedagógicas, além de influenciar as políticas públicas⁹ para a educação (FERNANDES, 2008, p. 14).

⁹ As políticas públicas na educação correspondem às medidas tomadas no âmbito governamental para desenvolver o sistema pedagógico em todos os seus níveis. Disponível em <https://fia.com.br/blog/politicas-publicas-na->

Essa reflexão de Fernandes nos faz perceber a importância do agrupamento. Pois são dessas interações sociais que nasce o conhecimento e se gera a aprendizagem na criança.

A *Nostris Bambini*, por motivos de infraestrutura e pessoal, por vezes, precisou abrir mão da separação de turmas de acordo com sua faixa etária. O que, para as professoras, se tornava uma questão delicada, tendo em vista que as crianças possuem níveis de aprendizado que se relacionam à idade, no geral. Porém, a heterogeneidade é permitida e justificada no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, como podemos observar no trecho a seguir:

As diferenças que caracterizam cada fase de desenvolvimento são bastante grandes, o que leva, muitas vezes, as instituições a justificar os agrupamentos homogêneos por faixa etária. Esta forma de agrupamento está relacionada muito mais a uma necessidade do trabalho dos adultos do que às necessidades da criança. Se, de um lado, isto facilita a organização de algumas atividades e o melhor aproveitamento do espaço físico disponível, de outro, dificulta a possibilidade de interação que um grupo heterogêneo oferece (1998. p. 72).

Tendo como base os relatos das professoras, nota-se que, por mais de 10 anos, a Escola pesquisada não agrupou as crianças de acordo com a faixa etária dos alunos e essa prática, por mais que provoque estranhamento, é possível em turmas que atendem a primeira etapa da educação básica brasileira, a Educação Infantil.

Em 2014, no ano que a Escola Municipal de Educação *Nostris Bambini* completa seus 15 anos de funcionamento, ocorre a implantação da 1ª creche municipal. Esse espaço foi projetado para proporcionar segurança e conforto às crianças, cujas famílias necessitavam deixar seus filhos, desde bebês, para poderem ingressar no mercado de trabalho. Até então, as crianças, que compreendem a faixa etária de creche (anteriormente citada), eram levadas às cidades vizinhas para receber esse atendimento (sendo essa oferta paga em creches particulares de Veranópolis/RS e Nova Prata/RS). De outro modo, os pais simplesmente não podiam trabalhar.

[educacao/#:-:text=O%20que%20s%C3%A3o%20as%20pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%3F,-Pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20para&text=As%20pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20correspondem%20%C3%A0s%20medidas%20tomadas%20no,nos%20termos%20do%20artigo%202025](#). Acesso em 24 ago. 2023, às 17h05.

Nesse sentido, é importante ressaltar que:

No Brasil, por exemplo, a creche foi criada exclusivamente com caráter assistencialista, o que diferenciou essa instituição das demais criadas nos países europeus e norte-americanos, que tinham nos seus objetivos o caráter pedagógico (PASCHOAL; MACHADO, 2009. p. 04).

A dimensão assistencialista destacada pelos autores também pode ser pensada no contexto de Vila Flores/RS. A creche foi uma necessidade da comunidade local, especialmente para abrigar as crianças cujos pais trabalhavam. Sabemos da importância da educação na vida da criança, porém as principais necessidades giraram em torno do assistencialismo e do cuidado propriamente dito. Assim nasceu a primeira creche do Município de Vila Flores.

Para esse feito, foi realizada, nas dependências da escola, uma pequena cerimônia de reinauguração do educandário. A solenidade contou com a presença de autoridades locais, membros do CPM da escola, funcionários e a comunidade vilaflorense no geral.

Na Figura 7, observamos um registro da reinauguração da *Nostris Bambini*, agora contando com creche. Na oportunidade, comemoraram-se os 15 anos de existência da EMEI.

Figura 7 – Reinauguração da Escola *Nostris Bambini*, 2014



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

Ao analisar a imagem, podemos perceber que no portão de entrada da escola foi fixada uma faixa com os seguintes dizeres: “Parabéns *Nostris Bambini!* Há 15 anos fazendo histórias e conquistando vitórias. 03/05/1999 – 03/05/2014”. Chama atenção pelo fato de a foto ser tirada de fora da escola, do outro lado da rua. Isso dificulta identificarmos os presentes no ato solene. Pode-se deduzir que estavam ali lideranças do município de Vila Flores/RS, o corpo docente da escola e demais funcionários, pais de crianças da escola e moradores do bairro. Percebe-se que há apenas um pequeno cercado que protege o interior da escola. Esse limitador já existia antes da reforma de ampliação do educandário.

Ao pensarmos em unir crianças de creche com crianças de pré-escola é necessário prever que ocorrerão desafios a serem enfrentados, pois são crianças com faixas etárias diferentes e, com isso, necessidades diferentes. Ao unir essa diversidade numa mesma instituição de ensino, torna-se inevitável ter que superar desafios e ir se readaptando quantas vezes forem necessárias, sempre pensando no bem estar e no desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, Almeida (2014) afirma que:

A cisão entre Creche e Pré-Escola prontamente diferencia os projetos direcionados a cada modalidade de atendimento. O acolhimento à faixa etária de zero a três anos realizado em creche conserva sua base na assistência e no benefício, articulando ações que enfatizam os cuidados físicos e salutar, ligados à higienização, alimentação, saúde e às demandas sociais de inserção da mulher no mercado de trabalho. Já a pré-escola – direcionada em 1996 à faixa etária de quatro a cinco anos – permanece baseando sua prática na ênfase preparatória, sendo esta entendida como instrumento de apoio ao Ensino Fundamental por sua contiguidade com o mesmo – o objetivo gira em torno da produção de crianças alfabetizadas dando ênfase à demanda de universalização da escolarização (ALMEIDA, 2014, p. 79).

Na escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* não foi diferente. Ao pensar no cuidado e no assistencialismo das crianças da creche, em especial, a escola sofreu transtornos e modificações.

A partir de maio de 2014, quando a referida EMEI foi reinaugurada, diversas adequações precisaram ser feitas, em função da creche que foi implantada na instituição. Com isso, a Escola passou a funcionar das 6h50 às 17h15, o que impôs a necessidade de mais profissionais para viabilizar o atendimento de toda a demanda. A instituição, a partir de então, passou a assegurar atendimento para todas as crianças em período integral, inclusive para as crianças com idade pré-escolar, que por um

pequeno período de tempo também tiveram a opção de frequentar a escola no turno da manhã e da tarde, como nos conta a mãe de uma aluna, Lenara Boccalon Montagna (2023): “(...) a Gabriela frequentou a Pré-escola só no turno da tarde. Tinha opção de turno integral também, mas aí ela só frequentou de tarde, porque ela não se adaptava. Eu estava em casa todo dia, então ela não teve jeito.”

Conseqüentemente a isso, o número de vagas na escola aumentou, gerando um acréscimo no número de profissionais que atuavam no educandário.

Segundo a ata nº 02/2014 (Figura 8), fica evidente que o ato de inauguração da escola, a celebração, foi um marco importantíssimo para a escola e para a comunidade vilaflorense, deixando clara a relevância social e política presente na implantação da primeira creche municipal na cidade.

As crianças serão atendidas inicialmente num período reduzido de tempo visando uma melhor adaptação e depois em tempo integral. (...) A adaptação acontecerá durante a primeira semana, depois disso as crianças permanecerão na escola durante manhã e tarde. O transporte das crianças ficou sob responsabilidade dos pais, que poderão deixar as crianças na escola a partir das seis horas e quarenta e cinco minutos e pegá-las até as dezessete horas e quinze minutos. (...) (Ata nº 02/2014, Livro de Abertura e Encerramento do Ano Letivo, Escola *Nostris Bambini*, arquivo da EMEI *Nostris Bambini*, Vila Flores/RS).

Consta na ata o novo funcionamento da escola, com novos horários e ampliação do quadro funcional, a fim de atender as crianças também de idade de creche a partir de então. Vale destacar o fato de não ser mencionado na referida ata como ficaria o atendimento das crianças com idade pré-escolar, que até então vinham sendo atendidas apenas no período da tarde, nas dependências da *Nostris Bambini*. Além disso, crianças com idade Pré-Escolar, segundo relatos, vinham à escola de transporte escolar até a data da inauguração da creche. O que também não ficou claro se, de fato, esse atendimento seguiria da mesma maneira para as crianças que compreendiam aquela faixa etária, o que está assegurado em lei.¹⁰

Dentro do contexto de recriação de um educandário, temos um adendo de Souza (2022, p. 7) afirmando que "(...) as instituições evidenciam na sua historicidade as experiências dos indivíduos, das relações de contexto antes mesmo dela existir e dos processos de continuidade das memórias da sua existência."

Em função dessas mudanças que ocorreram na *Nostris* em 2014, apenas uma gestora já não conseguia atender toda a demanda existente, visto que a escola atendia em turno integral, o que totalizava mais de 10 horas de funcionamento. Por esse motivo, a EMEI passou a contar com uma diretora, em dois turnos, manhã e tarde, e uma vice-diretora.

A auxiliar de Educação Infantil Mariza Conte (2023) nos conta como era o funcionamento da escola, em especial, dos berçários que ficam separados dos demais alunos do educandário, nesse começo "A escola funcionava em turno integral. O berçário 1, que eram os bebês ficam mais separados das outras turmas. O berçário 2 tinha mais contato e depois de certa altura do ano, eles faziam algumas refeições no refeitório." (Mariza Conte, 2023).

¹⁰ Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) - Art. 11. Os Municípios incumbir-se-ão de: VI - assumir o transporte escolar dos alunos da rede municipal.

As mudanças na escola *Nostri Bambini* não pararam por aí. Sendo a primeira e única escola de Educação Infantil do município de Vila Flores, a referida EMEI tinha a demanda cada vez aumentando mais, o que comprometeu novamente os espaços físicos do educandário para atender de maneira confortável todas as crianças matriculadas.

Então, a partir de 2016 até 2019, as turmas de Jardins e Pré-Escolas, que cumprem apenas um turno na escola (tarde), diferentemente das crianças que compreendem idade de creche, que estavam em turno integral na escola, foram alocadas e atendidas no Colégio Estadual Dozolina Boff. A medida foi adotada pela Administração Municipal e pela Secretária de Educação atuante no período, a fim de poder atender a demanda de matrículas nas turmas de Berçários e Maternais, que funcionam no prédio próprio da referida escola, e assim sanar a lista de espera por vagas no município de Vila Flores/RS. Essa medida foi favorável para a educação do referido município, porém comprometeu novamente a estrutura física da escola, que não conseguiu atender toda a demanda em seu prédio próprio.

Quem rememora é a entrevistada Camila Daros:

Ali em 2017, para 2018, a gente começou a sentir bastante também, que uma das maiores dificuldades foi o fato que em 2016 para 2017, um pouquinho antes de eu assumir ali, a gente já não tinha mais espaço na escola e a gente precisou de uma cedência do Colégio Estadual Dozolina Boff, para alocar as turmas de jardins e prés. Com isso o espaço da *Nostri* ficou destinado somente para os berçários e maternais e lá no colégio estadual a gente atendia os jardins e prés (Camila Daros, 2022).

As turmas de Jardins e Pré-Escola, que passaram a frequentar o espaço cedido pelo colégio estadual, passaram por dificuldades, pois não havia lá a mesma quantidade de brinquedos e materiais que eram disponibilizados na *Nostri Bambini*, o que foi gerando preocupação e incômodo para a comunidade escolar.

Na Figura 9 pode-se observar a ata nº 02/2016, a qual refere-se a um encontro realizado nas dependências da *Nostri Bambini* a fim de discutir questões de melhoria no atendimento das crianças alocadas no Dozolina:

Figura 9 – Ata sobre demanda de materiais/brinquedos na EMEI *Nostris Bambini*, 2016

Ata 02/2016

Aos trinta e um dias do mês de agosto, as treze horas, na Escola *Nostris Bambini*, reuniram-se direção e nova diretoria do Conselho para uma primeira reunião. Na oportunidade falou-se sobre a situação, necessidades das duas escolas (no bairro Vila Nova e no Dozolina Boff). Visto que a maior necessidade apontada são brinquedos, discutiu-se sobre a possibilidade da confecção de brinquedos com sucata para deixar no parque do Dozolina Boff. Deixou-se também a questão dos presépio na praça do município. Sendo assim, combinou-se de levantar mais ideias e num próximo momento colocar ideias em prática. Em mais nada a constar sobre a presente ata que será assinada por todos os presentes. Denise, Denise, Edina, Edina.

Fonte: Livro de Atas do Conselho Escolar, ano 2016, em andamento. Arquivo da EMEI *Nostris Bambini*.

Após leitura e compreensão da ata, percebe-se que naquela oportunidade não houve uma solução imediata para a problemática abordada, conforme descrito no trecho a seguir:

Aos trinta e um dias do mês de agosto, as treze horas, na Escola *Nostris Bambini*, reuniram-se direção e nova diretoria do Conselho (...). Na oportunidade falou-se sobre a situação, necessidades das duas escolas (no Bairro Vila Nova no Dozolina Boff). Visto que a maior necessidade apontada são brinquedos, discutiu-se sobre a possibilidade da confecção de brinquedos com sucata para deixar no parque do Dozolina Boff. (...). (Ata nº 02/2016, Livro de Atas do Conselho Escolar, Escola *Nostris Bambini*, arquivo da EMEI *Nostris Bambini*, Vila Flores/RS).

No decorrer da reunião, conforme consta na ata, mencionou-se a questão da falta de brinquedos em ambas escolas (sede e cedência). Cogitou-se a possibilidade de confeccionar brinquedos com materiais de largo alcance, inclusive, para serem deixados no parquinho do *Dozolina* (cedência), mas não sabemos se de fato foram feitos ou não. Pelo descrito na ata, houve apenas a menção de ideias, mas nada de concreto ficou decidido nesse encontro.

Conforme foi aumentando o número de matriculados, conseqüentemente foi necessário aumentar o número de funcionários. Vindo de uma crescente demanda, em 2019, o quadro funcional da referida instituição de ensino, contou com 50

profissionais, dentre direção, professores, auxiliares, estagiários e funcionários. Nesse ano a escola contava com 131 alunos, divididos em 11 turmas, desde Berçários até Pré-escolas.

Nestes 20 primeiros anos de existência do educandário, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura foi coordenada por diferentes secretários, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 6: Ex-secretários de educação de Vila Flores/RS, no período de 1999 a 2019

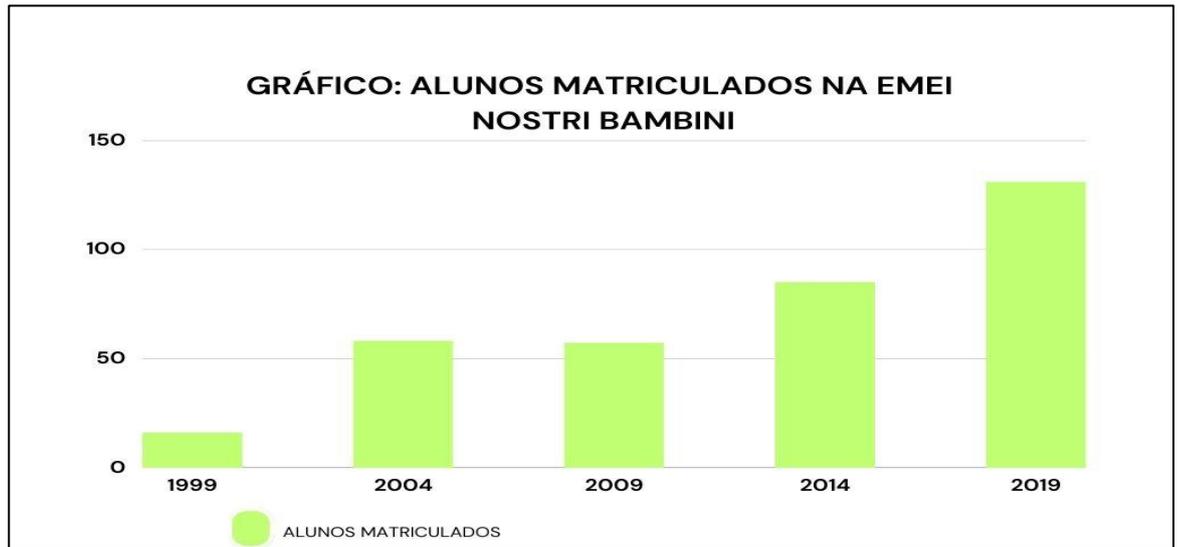
<i>Nome</i>	<i>Período</i>
Cleia Maria Costella	Fevereiro de 1999 a Janeiro de 2001 Janeiro de 2009 a Dezembro de 2012
Alide Gallina Luzzatto	Janeiro de 2001 a Dezembro de 2004
Márcio Francisco Primieri	Janeiro a Maio de 2005
Deisi Bristot	Agosto de 2005 a Dezembro de 2008
Cleusa Simonetto Rigon	Janeiro de 2013 a Janeiro de 2015
Sandra Guidolin	Fevereiro de 2015 a Maio de 2016
Rafaela Peruzzo	Maio de 2016 a Dezembro de 2020

Fonte: arquivos da secretaria municipal de educação de Vila Flores

Um dado, que chama bastante atenção, no Quadro 6, é que nesses 20 anos pesquisados, houve uma grande rotatividade em relação ao cargo secretário de educação, se considerarmos que, nesse mesmo o período, o Município de Vila Flores foi administrado por apenas 3 diferentes prefeitos.

A Figura 10 apresenta um gráfico a partir do qual fica visível o crescente aumento no número de crianças que frequentaram a *Nostrì Bambini*, especialmente nos últimos 5 anos estudados.

Figura 10 - Gráfico ilustrando a demanda de crianças matriculadas na EMEI *Nostrri Bambini* de 1999 a 2019.



Fonte: organizado pela autora

É possível observar, baseando-se no gráfico acima, que a demanda de crianças na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrri Bambini* foi aumentando consideravelmente, especialmente a contar de 2014, quando a escola passou a atender crianças com idade de creche (zero a 4 anos incompletos). Partindo dessa constatação, torna-se compreensível as modificações realizadas no funcionamento e nas rotinas da escola.

Com a implantação da creche e o fim da lista de espera para crianças com idade de creche no município de Vila Flores, a EMEI *Nostrri Bambini* precisou readaptar horários, administrar mais pessoal, conciliar horários e espaços físicos da escola. Atendendo as crianças de creche em turno integral, foi necessário organizar um espaço para as crianças descansarem. Por insuficiência de pessoal, para atender cada turma separadamente, as crianças eram conduzidas a um espaço chamado de solário, a fim de descansar após o almoço.

Assim nos conta a então diretora Camila:

Chegamos num ponto que o quadro de funcionários também ficou um pouco reduzido, especialmente no início do ano, porque tinha a questão dos contratos. Então teve um período que precisamos juntar as crianças no solário para a hora do soninho, porque não tinha pessoal suficiente para cobrir a demanda, especialmente de meio dia. Acho que as questões de horário foi um grande empecilho (Camila Daros, 2022).

O funcionamento na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini* passou, ao longo dos seus primeiros 20 anos de existência, por várias modificações e adequações. Foram necessárias mudanças nos horários, na estruturação das turmas, no corpo docente e na rotina das crianças, que lá frequentavam. Tudo isso buscando melhoria no atendimento e bem estar dos educandos. Durante esse período, foram inevitáveis as mudanças na sua estrutura física também, o que será mencionado, de maneira mais detalhada, na sequência.

3.2 ESPAÇO E ESTRUTURA FÍSICOS QUE ACOLHE AS CRIANÇAS NA *NOSTRI BAMBINI*

No decorrer dos primeiros 20 anos da *Nostri Bambini*, a escola sofreu diversas mudanças, como o horário de funcionamento, a implantação da creche e o aumento considerável na demanda. Conseqüentemente, o educandário, que nos primeiros anos de funcionamento acolhia as crianças em apenas duas salas de aula somente no turno da tarde, precisou ampliar seu espaço físico, com o intuito de atender todo público de Educação Infantil do município de Vila Flores.

No ano de 1999, quando se inaugurou a referida EMEI, os espaços físicos eram delimitados. Na escola “tinha 2 salas de aula, o refeitório, que onde é a sala da psicóloga agora, os banheiros, a cozinha e mais uma sala, que chamávamos de sala de jogos. Essa era a estrutura da escola.” (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023). Partindo disso, é notório que a escola funcionava com poucas crianças num espaço físico restrito. Porém, com base na fala da professora também, é possível detectar a preocupação que as professoras tinham com oferta de materiais e brinquedos, sendo que havia apenas duas salas de aula, porém a escola contava com uma terceira sala, essa de denominada por elas de “sala de jogos”, onde, certamente, eram armazenados materiais alternativos para as crianças, tais como jogos e brinquedos.

Quanto à importância da organização do espaço físico para atender as crianças, bem como os materiais/brinquedos a serem ofertados para elas, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) traz importantes considerações, as quais vêm de encontro ao que foi especificado pela professora Elene anteriormente. O documento sinaliza que:

Espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e mobiliários não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição. Constituem-se em poderosos auxiliares da aprendizagem. Sua presença desponta como um dos indicadores importantes para a definição de práticas educativas de qualidade em instituição de educação infantil (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, p. 68).

Com base nessa premissa, é essencial que o educador olhe atenta e criticamente para o espaço onde as crianças estão sendo atendidas. Assim, torna-se possível criar condições, com a implementação de materiais/brinquedos, necessárias para despertar na criança o gosto pela curiosidade e, conseqüentemente, promover o ensino e a aprendizagem nos educandos. No interior do prédio da *Nostris Bambini*, nos primeiros anos, as crianças tinham a oportunidade de transitar por duas salas de aula e contavam com uma sala, espécie de depósito utilizado para armazenar jogos e materiais alternativos, que eram utilizados em aula. Caberia ao professor organizar o espaço disponível combinado com os materiais alternativos existentes.

Além do recordado pela professora Elene, a professora Dalva (2022) relembra que nos anos de 1999 e 2000, primeiro período em que a referida funcionária trabalhou lá, “a Escola tinha apenas duas salas de aula, uma sala de vídeo, refeitório, cozinha, banheiros infantis, masculino e feminino, uma sala que era usada para depósito e um pátio espaçoso para brincadeiras.” De acordo com que foi citado pela referida professora, além das duas salas de aula, as crianças visitavam diariamente um outro espaço, o refeitório. Ali era servido o lanche preparado na cozinha da escola. A sala de vídeo, também citada pela professora Dalva, era a mesma que mencionada pela professora Elene, porém com a nomenclatura diferente.

Até aqui, entendemos que a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, nos primeiros dois anos de funcionamento (1999 e 2000), era estruturada por duas salas de aula de maternais, que atendiam crianças com faixas etárias entre três e cinco anos de idade, uma cozinha, um refeitório, uma sala de depósito e outra sala destinada a brinquedos, jogos e televisão para as crianças e banheiros. Além disso, a *Nostris* contava com um pátio externo, que também podia ser explorado pelas crianças. Com isso, a Escola Municipal de Educação *Nostris Bambini* era composta por, pelo menos seis ambientes internos e um externo.

Pesquisando no acervo documental da escola, encontrei uma fotografia que ilustra o pátio descrito na fala da professora Dalva. Na Figura 11 podemos observar um parquinho no pátio da escola.

Figura 11 – Área externa da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, em 2001



Fonte: Arquivo fotográfico da escola municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

Com base na imagem registrada no ano de 2001, dois anos após a inauguração da escola, a EMEI *Nostris Bambini*, nos primeiros anos de funcionamento, até mais precisamente 2009, quando sofreu uma ampliação no prédio, a qual comprometeu parte daquela área externa, contava com um ambiente ao ar livre, relativamente grande, na lateral esquerda da escola. “Na parte externa tínhamos alguns brinquedos de madeira, e a escola era cercada.”, recorda a ex-aluna do educandário Andressa Bristot (2023). Lá havia um playground com brinquedos infantis, para momentos de recreação com as crianças. A estrutura de brinquedo encontrava-se instalado num espaço forrado de grama natural, permitindo que as crianças tivessem contato direto com a natureza.

Ao analisar a figura, especialmente onde encontra-se o playground, destaca-se o gramado em tamanho aparentemente mais alto que o usual, no dia do registro fotográfico, o que propicia a presença de insetos, como mosquitos, que desencadeiam desconforto e provocam alergia nas crianças, em geral. Além de possibilitar a presença de pequenos bichos, a grama alta não favorece o deslocamento das crianças que, na faixa etária atendida na *Nostris Bambini* naquele período, costumam correr bastante livremente.

Concomitante a isso, ao pensar num parque com brinquedos recreativos para crianças, é necessário que essas estruturas correspondam à idade das crianças. Considerando a afirmativa, constata-se que, no pátio da EMEI *Nostris Bambini*, existia dois escorregadores altos, com uma pequena passarela entre eles. Ressalta-se não haver maior proteção para acessar o brinquedo, que continha apenas uma pequena barra de apoio nas laterais do passeio para ligar as duas extremidades. Isso provoca estranhamento e gera a dúvida se, de fato, o playground instalado no interior daquela escola foi pensado em atender e ofertar segurança para crianças da faixa etária assistida na época naquele educandário.

Outro ponto que chama atenção é o cercado ao redor da escola. Na região do parque há uma cerca mais alta do que a presente na parte frontal da escola, onde há área coberta e calçada. Causa estranhamento ele ser constituído por palanques de concreto e fios de arame, o que possibilitaria a travessia das crianças para o outro lado e, conseqüentemente, estariam diretamente em contato com a rua que passa na frente do educandário. Mais à esquerda da foto, é notório um cercado mais baixo, o que também comprometia a segurança da escola, sendo que poderia ser facilmente escalado e, com isso, permitir acesso direto à área da escola.

Pensarmos no espaço que acolhe crianças requer cuidados, intencionalidade e praticidade. Nesse sentido o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) nos traz contribuições importantíssimas sobre a importância do espaço físico no desenvolvimento infantil:

A estruturação do espaço, a forma como os materiais estão organizados, a qualidade e adequação dos mesmos são elementos essenciais de um projeto educativo. Espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e mobiliários não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição. Constituem-se em poderosos auxiliares da aprendizagem. Sua presença desponta como um dos indicadores importantes para a definição de práticas educativas de qualidade em instituição de educação infantil (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. 1998. p. 68).

Nos primeiros anos de funcionamento, a estrutura da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* era bem humilde e improvisada. É possível afirmar que a frente da instituição, na parte de fora do cercado e até mesmo a rua, não estava calçada. Havia apenas uma pequena grade, já citada, com o intuito de delimitar a área

da escola. Na Figura 12, podemos ter uma ideia de como era a escola, especialmente a fachada dela.

Figura 12 – Primeira fachada da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*, em 2000



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*.

O registro foi feito da rua e contempla parte da fachada da EMEI *Nostrì Bambini*. No registro, identificamos a entrada, por onde se tinha acesso ao interior do prédio. Percebe-se que nessa área não há nenhum indicativo de que esse prédio é uma instituição de ensino, tão menos a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*.

Cabe ressaltar que, entre 1997 a 1999, quando o prédio foi construído, não se cogitava proporcionar acessibilidade para cadeirantes, por exemplo. A imagem reforça isso, visto que já na chegada da escola é possível perceber a presença de três degraus, além de uma pequena elevação de brita, a fim de nivelar a rua com o portão da escola.

O prédio, localizado no bairro Vila Nova, onde ainda se localiza a referida escola, inicialmente tinha capacidade para atender 50 crianças e encerrou suas atividades, em 1999, com apenas 16 alunos matriculados. Nos anos seguintes, a procura pela escola foi aumentando e, em virtude da grande demanda da comunidade,

em 2004, a escola precisou iniciar uma reforma de ampliação do prédio, a primeira de várias. A diretora da época relembra que “(...) naquele período, aconteceram diversos fatos que contribuíram para o seguimento daquele espaço, como ampliação de salas e a aquisição de equipamentos, por exemplo.” (Miraci de Lourdes Rastelli Detogni, 2023). A obra foi discutida, pensada e planejada juntamente do primeiro CPM (Círculo de Pais e Mestres) da escola, além da direção do educandário e do poder público municipal.

Na Figura 13 é possível identificar alguns membros do CPM da EMEI *Nostrì Bambini* discutindo e planejando algumas modificações no espaço, que aconteceriam em breve.

Figura 13 - Membros do primeiro CPM da escola no pátio da *Nostrì Bambini*



Fonte: Arquivo fotográfico da escola municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*.

Na figura, registrada no ano de 2004, estavam presentes, no pátio da Escola *Nostrì Bambini*, membros do primeiro CPM daquele educandário e também uma criança, certamente aluna da *Nostrì*. O registro foi feito no dia em que o grupo se reuniu na escola, juntamente com a direção, com o objetivo de discutir a necessidade de ampliação do referido educandário. Após constatar que duas salas de aula não eram mais suficientes para comportar a demanda que era crescente naquele período, a escola reivindicou, junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a construção de mais salas. Naquele ano, foram construídas mais duas salas de aula na *Nostrì*, com recursos da prefeitura municipal, para poder atender de forma confortável a demanda que foi crescendo ano a ano.

Ao analisar a figura, podemos ver, aos fundos, parte do prédio da referida instituição. Fica perceptível na imagem uma lateral do educandário, que continha janelas altas, o que desfavorece a visualização, por parte das crianças, para a área externa da escola. Isso inviabilizava os pequenos, dentre outros fatores, avistar o pátio, por exemplo.

Tal problemática, nos remete a questionamentos sobre a maneira como foi conduzido e aprovado o projeto, bem como a sua execução, que objetivou a construção daquela escola pública infantil no município de Vila Flores. Ressalvo não ter tido acesso aos documentos legais da referida obra. Apenas ficou entendido, num trecho da entrevista realizada com o ex prefeito daquele município, Vilmor Carbonera, que a Escola foi construída com recurso próprio do município, tendo início sua elaboração anteriormente ao ano de 1997, quando assumiu a administração, pelo prefeito que o antecedeu na época. Segue o trecho mencionado:

[...] essa escola já estava prevista no nosso plano de governo, sendo que o prédio que abriga a *Nostris Bambini* já estava em construção, ainda na gestão anterior. A gente sentiu a necessidade de algumas crianças já quererem ingressar, na escola. Até não foi acelerado o processo de construção em 96/97, porque não tinha procura por parte da população (Vilmor Carbonera, 2023).

Ao ser questionado se, de fato, o prédio foi construído propositalmente para alocar uma escola, Vilmor Carbonera (2023) confirma afirmando: “Sim, foi construído com o intuito de ser uma escola.” Segundo o relato do ex prefeito Vilmor Carbonera, o prédio foi construído com a intencionalidade de abrigar uma escola de educação infantil em Vila Flores. Isso gera estranhamento, visto que em 2004, apenas 5 anos após ser inaugurado, o prédio precisou passar pelas primeiras reformas de ampliação, já mencionadas no texto.

A primeira reforma necessária, na *EMEI Nostris Bambini*, dava indícios que o espaço não seria suficiente para comportar toda a demanda de público de educação infantil daquele município. Ressalta-se que, até então em Vila Flores, haviam pequenas escolas estaduais, que recebiam em seus espaços, de forma não obrigatória, crianças a partir de 6 anos, que compreendiam, naquela época, idade pré-escolar. Isso porque, até o ano de 2009, o referido município não se responsabilizava em acolher essa etapa compreendida na Educação Infantil.

Com isso, conclui-se que, se, de fato aquele recurso público municipal, assim como dito pelo ex-prefeito entrevistado, objetivava a construção de uma escola, muito provavelmente, a projeção do prédio não estimou a demanda que desfrutaria daquele espaço assim que pronto.

Em 2009, a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que traz alterações na redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394/96, que determina as diretrizes e bases da educação nacional, posicionando-se sobre a duração de 9 anos para o ensino fundamental, tendo obrigatoriedade na matrícula a contar dos 6 anos de idade.

Para conhecimento, segue trecho da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006:

Art. 3º O art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão[...]" (BRASIL, 2006)

Consequentemente a isso, o município de Vila Flores/RS responsabilizou-se pela primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil, que agora passava a ser obrigatória para crianças com 4 anos completos, conforme a Lei de Diretrizes e Bases de 1996:

TÍTULO III

Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) pré-escola;
- b) ensino fundamental;
- c) ensino médio; (BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL).

Devido às circunstâncias, a Escola Infantil *Nostris Bambini* precisou se reestruturar e se readaptar, para poder oferecer vagas de Jardim de Infância, para crianças com 4 anos, e de Pré-Escola, para crianças com 5 anos de idade.

A partir do momento em que a etapa Pré-Escolar passou a ser obrigatória e legalmente responsabilidade do município de Vila Flores, as crianças que vinham sendo atendidas pelas escolinhas estaduais, passaram a ser matriculadas na EMEI *Nostris Bambini*.

Foi então que a única escola infantil de Vila Flores, *Nostrri Bambini* passou por mais um momento delicado, em virtude de sua estrutura física comprometida, que não acompanhou o aumento da demanda, e agora necessitava acolher novos alunos em sua instituição. Responsabilizados, a administração pública municipal, a secretaria municipal de educação e cultura, juntamente com a direção da escola, precisaram encontrar uma solução imediatista para poder atender, além dos alunos que a escola já possuía, os novos que estavam chegando na Pré-Escola.

O fato era que o município não tinha tempo hábil para construir mais uma sala de aula, naquele ano, na sede da instituição para abrigar todos os alunos novos, e precisou alocar outro espaço, para acolher as crianças da turma da Pré-Escola. Vale lembrar que na *Nostrri Bambini* haviam, até aquele momento, crianças de três a cinco anos. Com a nova lei vigorada, o município não necessariamente precisava mais atender crianças com três anos, que agora compreendiam turmas de maternal, e não tinham a obrigatoriedade de frequentar a escola. Porém os pais dessas crianças menores, que necessitavam de um espaço para deixar seus filhos, conseguiram, com apoio da promotoria, manter as crianças frequentando a *Nostrri Bambini*.

A professora Camila Daros (2022), que iniciou suas atividades no educandário em agosto de 2010, rememora:

Na verdade, eram duas turmas juntas, porque tinham crianças de diferentes idades juntas. Quando me chamaram, a *Nostrri Bambini* só atendia turmas de jardins e prés. Então, dentre essas 27 crianças, tinham algumas que não tinham idade para estar nem no jardim e nem no pré. Só que os pais tinham entrado, através da promotoria, e tinham conseguido matricular as crianças, porque o promotor naquela época liberava por exemplo para crianças de 3 anos (Camila Daros, 2022).

Com a lembrança da professora Camila, fica ainda mais claro o quanto a referida instituição sofria por falta de espaço físico, o que justifica o fato de a primeira turma de Pré-Escola, atendida pela *Nostrri Bambini*, ter sido remanejada para uma sala cedida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doze de Maio. “[...] quando abriu a primeira turma de Pré-Escola da nossa escola, as crianças foram atendidas em uma sala de aula cedida pela Escola de Ensino Fundamental Doze de Maio, que também era do município.” O fato foi relatado pela própria professora, que atendeu a referida turma naquele ano, Elene Graciela Carbonera Bristot (2023).

Na figura 14, podemos observar a professora Elene, juntamente com sua turma de pré-escola, numa sala cedida na EMEF Doze de Maio.

Figura 14 – Primeira turma da Pré-Escola da EMEI *Nostris Bambini* em sala cedida, 2009



Fonte: Arquivo pessoal de Elene Graciela Carbonera Bristot

Como se pode ver, na figura 14 está a professora Elene, em pé, acompanhada de um indivíduo fantasiado de coelho da páscoa, rodeados pelas crianças que compunham a primeira turma de Pré-Escola da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, em 2009. Percebe-se uma turma heterogênea, relativamente grande. Também é observável parte da sala que abrigou aquelas crianças. O espaço dispunha de classes e cadeiras pequenas, proporcionando maior conforto para as crianças, as quais estão organizadas em pequenos grupos. Também podemos detectar uma espécie de sarrafo de madeira que se encontra fixado numa das paredes da sala, afim de proporcionar um espaço para expor as atividades realizadas pelas crianças.

Nesse período, consta no Regimento Escolar (2010), que a escola tinha por finalidade agir em prol da educação integral da criança, juntamente com a família e a comunidade. Além disso, consta no referido documento a preocupação da escola em compreender a realidade em que a criança está inserida e proporcionar a ela melhoria na sua qualidade de vida. (REGIMENTO ESCOLAR, 2010).

No ano de 2010, a *Nostris Bambini* contava com 4 turmas. Essas crianças tinham faixa etária entre 3 e 5 anos e estavam distribuídas em turmas de Maternal, Jardim de Infância e Pré-Escola. Nesse período “(...) tínhamos, no máximo, 40 alunos. Era 4 turmas. Às vezes, se faltasse uma professora, nós juntávamos as turmas, e isso era uma coisa bem mais simples. Uma realidade bem diferente do que é hoje.”, rememora a então professora Camila, que ingressou no educandário naquele ano.

Em 2012, a *Nostris Bambini* passou por outra reforma de ampliação, que promoveu a construção de mais uma sala. Nesse período, em que a EMEI passa por mais uma ampliação, as crianças que frequentavam o educandário sofreram alguns transtornos e precisaram ir se readaptando no decorrer daquele ano letivo.

Esses transtornos, que foram ocorrendo no decorrer do período estudado, geraram descontentamento por parte das famílias, além de prejudicar o bom andamento do ano letivo para as crianças. A mãe de uma ex-aluna da escola, (filha mais velha dentre as duas meninas que frequentaram a *Nostris Bambini*, relata que:

Na época da Isa na escola, ainda a Nostris não tinha passado por reformas. Ou melhor, estava começando uma reforma, então a Isabela começou numa sala e terminou o ano numa outra sala. Foi meio tumultuado, porque aí tinha obras na escola, mas não foi a transformação da creche, foi uma outra reforma anterior, de ampliação da própria escola (Lenara Bocalon Montagna, 2023).

Além da insuficiência de acomodações para acolher as crianças, na EMEI *Nostris Bambini*, no período mencionado, ainda não havia estrutura física adequada para abrigar uma secretaria, bem como um profissional destinado a essa função. Quem nos reporta essa realidade é a professora Elene (2023): “Não havia sala para a secretaria naquela época. Tinha só uma sala ali pra direção, onde está até hoje, onde hoje é a secretaria, era uma sala (da aula) também.”

Até aqui, fica claro que, por mais que a *Nostris Bambini* já houvesse passado por melhorias, as ampliações até então realizadas não foram suficientes, já que a necessidade de implantação da creche, objetivando atender crianças, desde zero anos de idade, era uma necessidade eminente – e obrigação – para o Município de Vila Flores.

Podemos perceber as reformas e mudanças estéticas ocorridas na EMEI *Nostris Bambini*, observando a Figura 15:

Figura 15 – Fachada da EMEI *Nostrì Bambini* após o prédio passar por reformas



Fonte: Arquivo fotográfico da escola municipal de Educação Infantil Notri Bambini

Na Figura 15 é possível visualizar a frente da escola e uma lateral. Ao nos depararmos com essa imagem, podemos notar diversas melhorias realizadas até então nos espaços físicos do educandário. Ressalto não ser possível precisar o ano em que esse registro fotográfico foi feito, porém pode-se dizer que ocorreu após a construção de mais salas e antecedeu o ano de 2013. Pois nesse ano, a EMEI *Nostrì Bambini* iniciava outras reformas de ampliação, visando a implantação da creche.

Ao fazer uma pequena análise, é correto dizer que o prédio já estava bem diferente do que era em 1999, quando a escola foi inaugurada. A mesma afirmativa cabe aos demais espaços que contemplam os arredores da escola. Agora, em meados de 2011, a escola já havia sofrido ampliações, já mencionadas, e o prédio havia recebido nova pintura, ao menos na área externa. Nota-se figuras pintadas nas paredes e até na porta principal do educandário, que remetem a crianças felizes. Numa das paredes percebe-se a presença de um letreiro que, assim como os outros desenhos, também foi pintado no próprio muro. A escrita indicava o nome da “*Escola Municipal de Educação Infantil Nostrì Bambini*”.

Ao se referir as demais áreas em contorno da escola, constata-se a presença de calçada no passeio público em frente ao educandário, além de a rua estar revestida de calçamento de pedras, recordando que, nos primeiros anos de existência do educandário, existia brita em frente à escola e a rua era de chão batido. Nota-se a instalação de lixeiras, ao lado do portão da entrada, o que indica o incentivo da escola

quanto ao descarte correto de resíduos. Além do mencionado, repare-se a presença de duas pequenas plantas instaladas em vasos próximos à entrada, o que veio a contribuir esteticamente para aquele ambiente.

Com base na imagem e no que foi mencionado até então, conclui-se que, no fim da primeira década de existência da referida escola e início da segunda, houve importantes avanços relacionados aos espaços físicos que constituíam aquele educandário. Isso nos permite afirmar que a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* vinha sendo valorizada pelo município de Vila Flores.

Talvez, quando a edificação foi pensada e planejada, lá em meados dos anos noventa, não se tivesse dimensão da tamanha importância e seriedade que viria a ter uma escola de Educação Infantil naquele e para aquele município, visto que, no tempo referido, o atendimento ao público infantil estava mais voltado ao cunho assistencialista, conseqüentemente aos cuidados básicos com as crianças, apenas. Isso foi sendo moldado e reestruturado, rapidamente, nos anos seguintes, em todo o território nacional, o que obrigou a escola a ir se readequando.

Com isso, Machado e Paschoal (2012, p. 09) diz que nesse período:

verifica-se um grande avanço no que diz respeito aos direitos da criança pequena, uma vez que a educação infantil, além de ser considerada a primeira etapa da Educação Básica, embora não obrigatória, é um direito da criança e tem o objetivo de proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento do bem-estar infantil, como o desenvolvimento físico, motor, emocional, social, intelectual e a ampliação de suas experiências

Por ser a pioneira na Educação Infantil em Vila Flores/RS e, ainda em 2013, ser a única na área, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, reconheceu a necessidade de ampliar a faixa etária de público atendido no educandário. Objetivando implantar a creche, para proporcionar atendimento de crianças a partir de 4 meses de idade, tornou-se inevitável a construção de novas salas.

A obra, que visou, além da construção de novos espaços, melhorias em todo o prédio da escola, contou com adaptações nos banheiros, que foram regularizados conforme legislação vigente, solário, biblioteca, sala para os professores, sala de atendimento, por exemplo.

Em função da nova ampliação, parte da área externa, que contempla o pátio com gramado e playground, precisou ser sacrificado para dar espaço às novas acomodações da EMEI.

Na sequência, a Figura 16 ilustra parte da obra de ampliação recém iniciada, que possibilita dimensionar onde foram construídos os novos espaços da escola:

Figura 16 - Parte da obra de construção da creche, 2013



Fonte: Arquivo fotográfico da escola municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*

Na figura, observa-se parte da obra de construção das novas acomodações junto ao prédio da EMEI *Nostris Bambini*. É possível detectar que a obra de ampliação se deu para a lateral da escola, onde localizava-se o pátio destinado ao lazer das crianças daquele educandário. Com a nova obra, parte do espaço externo foi ocupada por área construída, o que acarretou na perda de espaço livre das crianças. Cabe ressaltar que o parque, nesse período, havia sido implementado, sendo perceptível, aos fundos da fotografia, a presença de uma pequena casinha de madeira com um escorregador, dentre outros brinquedos.

Até esse momento, a referida escola infantil já havia passado por diversas modificações estruturais, com o intuito de proporcionar melhorias. Dentre essas, a mais complexa, extensa e expressiva reforma, que o educandário sofreu ao longo dos

primeiros 20 anos de funcionamento, foi a ampliação visando a implantação da creche. A professora e posterior diretora Camila Daros (2022) conta que “entre 2010 e 2016, [...] houve um marco bem importante, que foi ampliação da creche na escola, no ano de 2014. Nesse ano a escola começou atender crianças de creche. Começaram a atender berçários e maternais.”

Com base na declaração dada pela profissional Camila Daros, subentende-se que até o ano de 2014 a EMEI *Nostris Bambini* só atendia crianças com idade Pré-Escolar. Dito isso, cabe ressaltar que, na prática, o referido educandário já recebia, antes da implantação da creche, crianças que se encaixavam nesse nível. Visto que, desde 1999, quando se deu início ao seu funcionamento, a escola matriculou crianças a partir de 3 anos de idade. Só que essas crianças não estavam em salas separadas das demais em função da restrição em seu espaço físico.

A expansão da área construída foi aumento, como já mencionado. No ano de 2014, mais uma obra estava sendo finalizada lá. Ao observar a Figura 17, podemos perceber que as reformas, para a implantação da creche, se deram de forma intensa e modificaram significativamente a parte estrutural do educandário:

Figura 17 – Reforma de ampliação do prédio da EMEI *Nostris Bambini* para implantar a creche, em 2013



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

A Figura 17 apresenta uma etapa da obra de construção das novas salas existentes na EMEI *Nostris Bambini*. Ao repararmos, à esquerda da figura, na direção

da árvore, é possível enxergarmos parte antiga do prédio, o que nos proporciona uma referência na imagem, possibilitando compreender a dimensão da nova área construída. Deduz-se isso, visto que, na região mencionada, é possível perceber a parede pintada da cor da escola. Com base na instrução citada, detecta-se que a nova construção da escola, avançou, além do parque, para a região frontal da escola.

Depois de concluída a obra e devidamente mobiliados os novos espaços, a EMEI reinaugura sua sede e comemora mais uma conquista para aquele educandário. Esse novo marco na história da instituição foi mencionado por vários entrevistados, o que se subentende ter sido um evento marcante para toda a comunidade escolar. Uma funcionária da *Nostris Bambini* conta que “A escola sofreu diversas reformas e ampliações, o que beneficiou muito a locomoção e interação delas. [...] A ampliação da escola foi muito importante. A reinauguração, contando com a creche, foi um marco bem importante pra escola” (Mariza Conte, 2023).

As novas instalações proporcionaram maior comodidade e geraram satisfação para as profissionais que atendiam os pequenos. Pois “Lá tínhamos sete salas de aula. Espaços para brincar, tinha o solário [...]. Tínhamos também um espaço na frente da escola, que tinha uma cama elástica.”

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988, p. 58) contribui com importantes apontamentos sobre a forma de se pensar os espaços nas escolas infantis, dizendo que:

A organização dos espaços e dos materiais se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com crianças pequenas. Isso implica que, para cada trabalho realizado com as crianças, deve-se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala, assim como introduzir materiais específicos para a montagem de ambientes novos, ligados aos projetos em curso. Além disso, a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela.

As reformas e melhorias feitas, seguidas da implantação da creche, beneficiou a comunidade escolar da EMEI *Nostris Bambini*. Com isso, a instituição possibilitou maior instrução para as crianças, visando seu desenvolvimento integral, o que foi motivo de orgulho e satisfação, a curto prazo gerou novos desafios.

A professora Marilene (2023), num trecho da entrevista, relata que “depois que iniciaram as atividades com crianças com idade de creche, a escola precisou passar por uma readaptação para que pudesse ser atendida toda a demanda, então

o município locou algumas salas em outras escolas”. Com isso, pontua-se que a instituição funcionou de 2014 a 2016, atendendo crianças de zero a seis anos na sua sede, oferecendo vaga em turno integral para todos. Isso mudou em 2016, quando o município de Vila Flores/RS contava com fila de espera para crianças com idade de creche, e se responsabilizou em zerar a lista.

O fato foi motivo de satisfação para a administração da época. Porém, na medida em que o município de Vila Flores, junto a sua Secretaria de Educação e Cultura e a Escola Municipal de Educação *Nostris Bambini*, solucionou um problema existente, ocasionou outro. Ou seja, ao mesmo tempo em que cessou a espera por vaga em creche pública no referido município, comprometeu o espaço físico daquele educandário mais uma vez.

Em virtude das novas matrículas e a crescente demanda, nasceu a necessidade de remanejar algumas crianças daquela instituição para outro espaço, objetivando atender as turmas de acordo com sua faixa etária. Vale ressaltar que, por anos, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* considerou juntar crianças de idades diferentes na mesma sala para poder dedicar-se a todas. Isso já não foi mais cogitado agora, em 2016.

Numa decisão conjunta da escola e da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Vila Flores, a administração municipal optou em realocar as crianças com idade pré-escolar, que contemplavam turmas de Jardim de Infância e Pré-Escola. Os alunos, juntamente com suas educadoras, no ano de 2016, passaram a ser atendidos em salas cedidas pela Escola Estadual de Ensino Médio *Dozolina Boff*. Houve um acordo prévio entre as partes, antes de se efetivar tal mudança.

A escolha pelo remanejo das crianças maiores, juntamente de suas professoras, se deu em função da recente adequação sofrida nas salas da sede da *Nostris Bambini*, motivadas justamente para receber a primeira creche municipal do município. Como já se sabe, o educandário havia passado por reformas estruturais, visando acolher as crianças menores, de zero a três anos, que ocuparam grande parte daquele espaço. O mobiliário foi todo pensado para esse público, bem como os demais espaços físicos, como refeitório e banheiros. A seguir, pode-se observar, na Figura 18, parte da sala de atendimento destinada às crianças, com idade de berçário da instituição:

Figura 18 - Mobiliário que constituía parte de um dormitório de bebês na EMEI *Nostris Bambini*, no ano 2014



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

A fotografia da Figura 18 foi tirada no mês de abril de 2014, pouco tempo antes da inauguração da creche. Na imagem, é notório a presença de vários berços, já equipados de colchões, um pequeno cercado em seu entorno, afim de minimizar o risco de queda dos pequenos, além de possuírem rodinhas, facilitando seu deslocamento, caso necessário, por parte das profissionais. As pequenas camas instaladas no que aparenta ser um dormitório, integrado a sala de berçário, foram colocadas para garantir o repouso dos bebês, que passariam grande parte do seu dia na escola. Além disso, é possível identificar na imagem, janelas mais altas e cortinas que, certamente, foram pensadas para, além de contribuir esteticamente com a sala, escurecer o ambiente, proporcionando, assim, um momento tranquilo e propício para o descanso daquelas crianças. Então, subentende-se que esse espaço foi previamente planejado e cuidadosamente organizado para acolher crianças de creche, em especial, bebês.

Pensando no espaço físico de uma escola de Educação Infantil, é importante considerarmos que:

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável

à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. (Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil, 1988, p. 69)

Dito isso, fica compreensível o motivo que levou os responsáveis a transferirem as crianças maiores para outro prédio e, com isso, garantir o atendimento da creche na sede da EMEI *Nostris Bambini*. Isso se deu num espaço curto de tempo, afinal, era fato que a escola não comportava toda a demanda e era dever do poder público municipal de Vila Flores garantir acesso e permanência, de forma gratuita, ao público que contemplava a Educação Infantil daquele município.

Depois de remanejadas para o novo espaço, as crianças de Jardim e Pré-Escola passaram a frequentar a “nova” escola num só turno e com alteração no formato de atendimento. Isso facilitou a administração do novo espaço, visto que o atendimento havia sido praticamente reduzido pela metade, acarretando numa menor demanda de profissionais. Além disso, já não se fazia necessário o espaço ofertar um lugar específico para descanso, por exemplo. As crianças passavam apenas a tarde na escola, das 13h00 às 17h00. Os alunos iam e voltavam com o transporte escolar ofertado pelo município. Enquanto isso, na sede da *Nostris Bambini*, permaneceram as turmas de berçários e maternais. Esses não sofreram transtornos.

Para auxiliar na administração das salas locadas, e responsabilizar-se pelas crianças que lá estudavam, o educandário passou a contar com mais uma vice-diretora. Essa passava as tardes na escola Estadual *Dozolina Boff*, auxiliando na acomodação e na saída das crianças, além de responder por demais questões administrativas. Em contrapartida, a diretora da EMEI *Nostris Bambini* passava a maior parte do tempo na creche, em função da demanda ser maior lá, porém precisava responder e se responsabilizar também pelas crianças atendidas nas salas alocadas do *Dozolina Boff*.

Todas as adversidades ocorridas na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, como reformas, locações de salas, etc, acarretou estresse e desgaste para toda aquela comunidade escolar. Isso porque as obras foram ocorrendo no período letivo, com a escola em funcionamento e, conseqüentemente, com as crianças presentes naquele espaço, o que, certamente gerou preocupação, tanto para as famílias quanto para os funcionários da escola.

Para ilustrar esses fatos, há, como referência, a mãe de duas crianças que frequentaram a EMEI *Nostris Bambini*, em dois períodos distintos. A mãe relembra

como foi a experiência de uma de suas filhas, que ingressou no ano de 2016, após as significativas reformas, e que mesmo assim precisou estudar em salas alocadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental *Dozolina Boff*, por falta de espaço físico para ser atendida na sede da escola:

[...] sinto que aquele foi um período em que as crianças tiveram que se privar de brinquedos, de espaços, de oficinas, enfim, não tinha a mesma coisa que tinha na parte da creche. Eles [...] estudavam de tarde, nas salas alocadas lá, e de manhã, tinham os alunos maiores. A escola não tinha como oferecer os brinquedos que tinham na creche para as crianças que estavam alocadas no Dozolina. [...] mas eu, como mãe, eu fiquei triste porque ela não pôde aproveitar o parquinho da Nostri Bambini (Lenara Bocalon Montagna, 2023).

A mãe rememorou a frustração por sua filha não ter sido assistida da maneira como julga a mais adequada, no tempo em que frequentou a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*. Isso porque a criança precisou estudar numa sala alocada, numa escola do Estado, em salas de aulas que eram revesadas com alunos de ensino médio, no turno contrário ao que as crianças frequentavam.

Concomitante a isso, estando num outro espaço, alocado, certamente as crianças não tinham, como mencionado por Lenara, os mesmos recursos pedagógicos e os mesmos brinquedos que havia na sede da escola, onde encontravam-se as crianças com idade de creche. As professoras também devem ter sentido maior dificuldade, pois os espaços das salas não eram só das crianças. Com isso, os materiais deveriam permanecer chaveados, nas paredes não se podia expor muitas coisas, o que é algo bem complicado, quando se trata de turmas de Educação Infantil.

Encerro esse capítulo destacando as muitas mudanças que ocorreram na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini* ao longo de seus primeiros 20 anos de funcionamento, tanto no seu funcionamento, quanto no seu espaço físico. Permito-me dizer que, mesmo havendo diversas modificações, visando a melhoria da escola como um todo, há questões que deixaram a desejar e certamente precisaram ser revistas posteriormente. Agora, lhe convido a adentrar no processo pedagógico da referida instituição, para analisarmos como ocorreu o processo de ensino e aprendizagem nesse educandário, o qual foi marcado por diversas mudanças e readaptações, nas primeiras duas décadas de existência.

4. ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL *NOSTRI BAMBINI* E SEU PROCESSO PEDAGÓGICO

“A escola precisa ser um espaço para todas as crianças. Não deve se basear na ideia de que todas são iguais, mas de que todas são diferentes.”

(Loris Malaguzzi, 2021)

Com o pensamento de Loris Malaguzzi inicio este capítulo. Convido o leitor a refletir sobre as infâncias e a maneira como essas são conduzidas no ambiente escolar. Pois, se cada criança é diferente, traz, então, consigo sua maneira de experienciar a infância. E, na instituição de ensino emerge essas experiências, através de vivências entre pares, evidenciando-se assim, as culturas infantis. Em contrapartida, na escola há diversas normas, regras, costumes, que, muitas vezes, se sobrepõe às culturas das infâncias, tornando evidente as culturas escolares.

Ao nos reportarmos às culturas, no contexto desta pesquisa, é relevante dizer que:

As culturas afirmam sua identidade por meio de objetos simbólicos e ações igualmente simbólicas, como ocorre com muitas das materialidades e dos ritos que constituem o cotidiano das instituições educativas. Os rituais da escolarização codificam e tipificam os papéis desempenhados pelos sujeitos/atores que intervêm na ação em que se operacionaliza a cultura educativa (BENITO, 2017, p. 42).

Tendo como pano fundo as culturas, o presente capítulo tem como objetivo narrar como ocorreu, nos 20 anos pesquisados, o processo pedagógico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*, no município de Vila Flores/RS. Nesse sentido, na primeira parte apresento as brincadeiras, as interações entre pares e a mediação por parte das profissionais. Em seguida, será analisada a rotina das crianças, considerando as propostas curriculares pedagógicas. Por fim, menciono, com olhar analítico as mais tradicionais festividades que marcaram a história da instituição.

4.1 AS CULTURAS INFANTIS PERMEADAS POR BRINCADEIRAS PRESENTES NA *EMEI NOSTRI BAMBINI*

Ao ouvirmos a palavra escola, imediatamente nos inundamos de pensamentos relacionados a livros, cadernos, lápis, mesas enfileiradas, professores, painéis com números, alfabeto exposto nas paredes das salas, dentre outras tantas relações. Contrapondo-se a isso, se a expressão escola vier acompanhada da palavra infantil (que, por sua vez, lembra infância), logo, os signos são outros. Sendo que a resenha se refere a crianças pequenas, brinquedos, choro, troca de fraldas, e mais uma porção de outras cenas atreladas a isso, as quais se submetem ao cuidado.

Essa lógica de pensamento é enraizada, por meio da cultura, em muitos de nós, e se dá por meio de questões culturais. Isso porque definimos o que é escola de acordo com as nossas experiências e vivências nas instituições que frequentamos, as quais ficaram registradas em nossas memórias. Afinal, todos que estiveram numa escola, contribuíram para a história da educação daquele lugar, uma identidade, bem como, faz parte de uma cultura escolar específica.

Em especial, nas instituições de Educação Infantil, as crianças também se apropriam do conhecimento, porém de maneiras alternativas. Por questões óbvias, as metodologias são diferentes das utilizadas por profissionais que atuam no ensino fundamental, por exemplo. Dentro disso, engloba-se a organização dos espaços, dos materiais e da maneira que as propostas curriculares são mediadas.

Cabe ressaltar que é na iniciação ao mundo escolar, ainda na Educação Infantil, que a criança sofre uma grande ruptura emocional. Pois até então suas vivências e experiências se davam por meio das relações familiares, que agora darão espaço a interações sociais mais complexas. Assim, a criança entra em contato com diferentes culturas e costumes. Cabe a ela assimilar e se reestruturar emocionalmente com tal acontecimento.

Para Benito (2021),

a transição da criança da família para a escola representa uma importante mudança na socialização dos afetos, visível, em primeiro lugar, no novo clima emocional a que se veem submetidos os sujeitos educandos. Tal deslocamento pressupõe, alguns psicólogos, o segundo desmame sentimental da infância (Benito, 2021, p. 148).

Para tanto, na etapa escolar, as atividades ocorrem de maneira lúdica, menos conceitual e contextualizadas com a realidade daquele grupo, especificamente, fazendo com que se tornem ainda mais enriquecedoras, e evidenciando, assim, o protagonismo infantil. Dentro deste contexto é que as brincadeiras ganham espaço.

Isso porque elas são vistas com seriedade pelos profissionais competentes e ofertadas às crianças com intencionalidade, e não apenas como uma ferramenta a ser usada em momentos recreativos. Assim, por meio das interações lúdicas entre pares, os educandos manifestam as culturas infantis e produzem conhecimento partindo de suas realidades. Com base nesse entendimento, Coelho (2018) conclui:

Portanto, é no exercício do protagonismo infantil que as culturas da infância emergem de forma inteligível, subversiva e criativa, excedendo desse modo, sua participação social na sociedade, desconstruindo assim, a ideia de (in)visibilidade histórica, civil e científica, o que destaca a necessidade de garantir cada vez mais, a participação da criança em todos os âmbitos da sociedade, principalmente, nos debates científicos que fundamentam concepções e direcionam propostas e ações políticas, sociais e educacionais para a infância (COELHO, 2018, p. 253).

Talvez, pelo fato de as crianças, na Escola de Educação Infantil, ocuparem grande parte do tempo brincando, é que o referido nível de educação não seja visto, por muitos, com a seriedade e o respeito que deveria. Afinal, são nesses momentos de interações entre as crianças que se evidenciam as diferentes infâncias e suas culturas. Somando-se a isso, cabe ressaltar que, há muito tempo a Educação Infantil, no Brasil, deixou de ser assistencialista e passou a ser responsabilidade educacional. Com isso, conclui-se que, os educandos que frequentam as escolas de Educação Infantil estão sendo educados e não apenas assistidos e/ou cuidados.

Desse modo, “A educação enquanto espaço de possibilidades das crianças tem a obrigação de reconhecer a pluralidade histórica da Educação Infantil.” (MAIA, 2012, p. 55). Isso quer dizer que devemos ter consciência que dentro do ambiente escolar se cruzam múltiplas infâncias, sendo essas, resultado de diferentes vivências e experiências pessoais. Assim, os espaços da instituição Escolar Infantil se tornam um ambiente de abundância e enriquecido por diferentes culturas, as quais devem ser respeitadas, bem como evidenciadas. Isso tudo é perceptível através das brincadeiras infantis. Pois essas se fazem presentes na vida de toda a criança, desde os primeiros dias de existência. Por meio do brincar, podemos perceber as vontades, as preferências, os gostos e as culturas de cada indivíduo.

Nesse sentido, as crianças que frequentaram a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* eram convidadas, diariamente, a exercerem seu papel de protagonistas e a manifestarem-se culturalmente por meio de diferentes brincadeiras, que incluíam propostas de faz-de-conta, cantigas de roda, jogos de regras,

musicalização e recreação. As dinâmicas eram intencionalmente ofertadas por meio das professoras e auxiliares de educação infantil a fim de promover interação entre pares. Assim, Coelho (2018) diz:

Parto do princípio de que as culturas infantis estão entrelaçadas ao conceito geral de culturas, assim, nossa pretensão não é separar esses conceitos, mas, especificar, contextualizar e relacioná-los entre si. Afinal, um depende do outro e ambos se constroem mutuamente. Neste sentido, as culturas infantis são constituídas e constituem o contexto mais amplo de realidade cultural das crianças, ou seja, emergem nas entre-culturas e entre-lugares das infâncias que surgem do entrelaçamento de várias culturas e no contexto de vários lugares (COELHO, 2018, p. 216).

Da mesma maneira que existem várias culturas, de acordo com cada realidade, dentro dessas, existem diferentes culturas infantis, conseqüentemente a isso, múltiplas infâncias. Partindo dessa ideia, “podemos então considerar que existe uma pluralidade de infâncias que se diferencia em cada contexto sociocultural. Portanto, a escola, como um dos lugares dessas infâncias, abriga toda essa pluralidade” (FERNANDES, 2008, p.11). Nesse sentido, para que melhor abranjamos as manifestações culturais trazidas pelas crianças, através das brincadeiras, na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, julgo necessário entendermos a dinâmica familiar dos sujeitos envolvidos, pois as crianças são sujeitos históricos pertencentes a um tempo e um espaço.

Com isso, partimos do pressuposto, assim como trouxe anteriormente Coelho (2018), que as culturas são fusões e a exemplo disso, temos as culturas familiares que interferem nas manifestações das crianças. Ou seja, é a partir desse entrelaçamento de vivências, experiências e reproduções dos indivíduos de diferentes idades que nasce, por meio das brincadeiras entre pares, as culturas consideradas infantis, no contexto escolar.

Dito isso, acho pertinente a seguinte contribuição de Maia (2012), que fala:

Pensar a infância e a criança fora do contexto histórico é reduzir seus significados, significa considerá-la apenas como um organismo em desenvolvimento, ou simplesmente uma categoria etária, esquecendo-se de que a criança é uma pessoa enraizada em um tempo e um espaço, uma pessoa que interage com outras categorias, que influencia o meio onde vive e também é influenciado por ele (MAIA, 2012, p.30).

Partindo da ideia de Maia (2012), a qual se reporta ao fato de que as crianças são organismos inseridos num contexto social e resultado dessas vivências, julgo necessário entendermos um pouco sobre a realidade, fora do ambiente escolar, presenciada pelas crianças que frequentaram, ao longo dos 20 anos pesquisados, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*. Isso porque, se a escola é uma instituição onde as diferentes infâncias se encontram e se manifestam entre pares, é fora dela que elas se constituem.

Entendo ser pertinente um adendo aqui: em 2022, quando houve o último levantamento, o referido município não ultrapassa a casa de 4 mil habitantes. Supõe-se que, em meados de 2000, quando a EMEI *Nostris Bambini* recém havia iniciado seu funcionamento, esse número era ainda menor. O que nos leva a crer que a maioria das famílias que constituíam aquela comunidade escolar, conhecia-se umas às outras. Sendo as crianças pertencentes a esses grupos familiares, também faziam parte da interação social, contribuindo para a história da cultura familiar de Vila Flores. Portanto: “A infância é parte da sociedade e da cultura como as outras etapas da vida; é estrutural, permanente, seus componentes (crianças) mudam constantemente e permitem sua evolução e transformação histórica.” (FERNANDES, 2008, p. 19)

Com relação aos pais das crianças matriculadas na *Nostris*, eram cidadãos trabalhadores, na sua maioria empregados, de classe média baixa. Afirmando isso com base na análise realizada nos Projetos Pedagógicos de diferentes anos da referida instituição. Isso porque neles se faz presente um pequeno parecer das famílias das crianças que frequentam a EMEI *Nostris Bambini*. A exemplo, trago, na íntegra, trecho da Proposta Pedagógica da referida escola, do ano de 2014, o qual remete-se à clientela constituinte com a seguinte afirmativa:

A maioria dos pais que procuram a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* pertencem a classe média baixa. São crianças que residem próximo à escola e diferentes bairros de Vila Flores, já que existe somente essa Escola de Educação Infantil no município. Algumas crianças são filhas de pais que moram no interior da nossa cidade e que trabalham na agricultura. Quando esses estão trabalhando, seus filhos ficam sozinhos em casa. Por isso, na maioria das vezes, os pais querem colocá-los na escola porque almejam vê-los interagindo e se desenvolvendo com outras crianças. Outros pais procuram a Escola por trabalharem fora do lar e não terem com quem deixar seus filhos. A grande parte dos pais dos alunos atua no mercado de trabalho do município que se baseia na agropecuária, indústria, comércio e microfusão, fabricação de artefatos de cimento, indústria de resfriamento de leite, cantina de vinhos, mercados, manufatura de palhas, entre outros de menor porte (Proposta Pedagógica Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, 2014 s/n p.).

Assim, pode-se perceber que o público alvo que constitui a EMEI *Nostris Bambini* são crianças de famílias, na sua maioria, com baixo poder aquisitivo, e filhos de pais trabalhadores que residem em diferentes áreas da cidade de Vila Flores. Tratando-se de um município pequeno, com índice de violência praticamente nulo, e onde a maioria dos munícipes se conhecem, há a possibilidade de as crianças brincarem na rua, tendo o costume de frequentarem a casa umas das outras e o privilégio de estarem em contato direto com a natureza.

Todas essas vivências foram, ao longo dos 20 anos pesquisados, levadas para dentro do espaço escolar e expressadas através de brincadeiras na EMEI *Nostris Bambini*. Com isso entendemos que: “As culturas de pares infantis são definidas, portanto, como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais (RIVERO, 2015, p. 38).

Dentre essas interações, uma das entrevistadas recorda que “brincávamos muito com as cantigas de roda” (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023), e dentre elas, as mais cantadas eram “Ovo Choco, Rosa Juvenil... Tem coisas desse tipo que eu ainda brinco até hoje com as crianças...” (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023). A fala da profissional, que ainda atua como docente na EMEI *Nostris Bambini*, nos remete às diferentes manifestações das culturas infantis no ambiente escolar e nos faz refletir sobre como as brincadeiras são intergeracionais.

Com essa mistura, entende-se que naquele educandário as culturais infantis eram preservadas e, ao mesmo tempo, compartilhadas com os demais. Partindo desse movimento de socialização, além de recriar e reproduzir, nasciam dentro da escola novas culturas infantis, as quais se misturavam com as culturas escolares. A exemplo disso, podemos citar as cantigas de roda, que é uma brincadeira passada de geração em geração, que sofre, por vezes, pequenas modificações estruturais, como alteração da letra da música, porém nunca perde seu encantamento.

Olhando pedagogicamente para as cantigas de roda, que parece uma simples brincadeira, percebemos que, quando uma criança está cantando e imaginando algo que não faz parte do contexto real, pode-se dizer que “está orientando sua ação pelo significado da situação e por uma atitude mental e não somente pela percepção

imediate dos objetos e situações.” (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, 1998, p. 27).

Além dos objetivos pedagógicos, como desafiar as crianças a formar um círculo, exercitar a coordenação motora, desenvolver o ritmo, entre outros, as cantigas de roda trazem manifestações culturais e geram alegria nas crianças. Elene (2023) diz que “brincávamos muito com as cantigas de roda.” Brincar com música na Educação infantil é algo prazeroso, tanto para o professor, quanto para a criança. Além das cantigas de roda, outras manifestações de músicas se faziam presentes na EMEI *Nostris Bambini*.

Crianças de todas as idades tiveram contato com brincadeiras cantadas naquele educandário. Maria (2022), que foi auxiliar de educação infantil e trabalhou com turmas de berçário, relembra que a escola tinha à disposição das crianças “uma espécie de bandinha infantil, com alguns instrumentos como gaitinha mesmo, violãozinho, pandeirinhos...” Dito isso, nota-se que “os pequeninhos gostavam muito da bandinha” e eles “tocavam instrumentos” (Maria de Lurdes Piccetti Frata 2022).

Além disso, o que também se faz muito presente na realidade de uma escola infantil são as brincadeiras de faz-de-conta. Especialmente nas brincadeiras com panelinhas, casinha, vestimentas e acessórios, as crianças, indiferente do gênero, reproduzem suas vivências no ambiente familiar. A então aluna Andressa Bristot (2023) diz que costumava brincar, na escola, de “bonecas, peças de encaixe e materiais de sucata”, reforçando a ideia de que a escola é um espaço de manifestações culturais, sendo essas ofertadas por meio de propostas lúdicas, nas quais as crianças são protagonistas. Através dessas interações é que se constituem diferentes conhecimentos. Como analisou Fernandes,

A ludicidade, o brincar, é um dos traços fundamentais que compõem as culturas infantis, que possibilita aprendizagens como, por exemplo, a sociabilidade, que participa da construção das relações sociais, como também das formas de recriar o mundo. Independente da época, da etnia, do gênero e da classe social, o lúdico faz parte da vida da criança, da descoberta de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo (FERNANDES, 2008, p. 74).

Em relação às atividades lúdicas, presentes na EMEI *Nostris Bambini*, traduzidas, muitas vezes, em brincadeiras, Maria (2022) rememora: “eles gostavam muito de panelinhas pra fazer comidinha, bonecas também eles gostam muito.” A auxiliar exalta, em sua fala, as culturas infantis, a partir das quais os educandos

reproduziam suas experiências vividas fora do ambiente escolar, com seus pares, produzindo assim, as culturas infantis na escola. Além disso, Maria (2022) relembra que “Tanto as meninas quanto os meninos gostam de brincar com as bonecas, fazer naninha, dar comidinhas, essas coisas... Bolsas também, que eles sempre gostaram muito de brincar, cintos, lenços...”.

Através das brincadeiras, as crianças, além de reproduzirem culturas, assimilam fatos e constroem significados, o que gera conhecimentos. Assim diz o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998):

Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes encontram-se, ainda, fragmentados (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, 1998, p. 27).

Ainda no contexto das brincadeiras na EMEI *Nostrì Bambini*, as crianças contavam, além de brinquedos estruturados, com diferentes jogos. A professora Elene (2023), que trabalhou no referido educandário com turmas de Maternais, além do nível Pré-Escolar, relembra que “tínhamos um momento de levar as crianças para o parque, ou em caso de chuva levávamos eles na chamada sala de jogos.” Os pequenininhos também já tinham contato com jogos. Reforçando isso, Maria (2022) conta que “na sala tínhamos blocos lógicos e outros brinquedos assim.”

Diante do que foi relatado, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini* contava com diferentes formas de manifestação cultural por parte das crianças, através de propostas lúdicas. Para tanto, percebe-se que a escola tornou diferentes ambientes, em seu espaço físico, acolhedores, para propiciar as mais variadas formas de expressões vindas das crianças, desde o Berçário até a Pré-escola. A exemplo disso, Maria (2022) menciona que “tínhamos o solário também para brincar. Então tinha o parque, o solário, tínhamos também uma televisão para eles assistirem desenho.”

O solário, citado na fala anterior, consistia em uma área utilizada para momentos de recreação. Esse espaço foi construído entre os anos de 2013 e 2014, quando houve a reforma de ampliação do prédio, a fim de implantar a creche

municipal. Essa sala, chamada de solário pelos profissionais da escola, contava com um espaço arejado, rodeado de janelas de vidro, e que apanhava sol a tarde toda. Esse espaço era equipado por “brinquedos comprados, já estruturados, como motocicletas, bambolês, o pula-pula, a piscina de bolinhas, que eles adoravam, os cavalinhos...” (Maria de Lurdes Piccetti Frata, 2022). Na Figura 19 podemos observar uma pequena parte da área interna do solário.

Figura 19 - Parte interna do solário, em 2014



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

Como podemos perceber, com base na figura acima, o solário contava com um espaço arejado e equipado para receber as crianças, assim como relatado na fala da auxiliar de educação infantil Maria. Além do que já foi mencionado sobre essa área da escola, cabe ressaltar que, em virtude de a escola pesquisada contar com uma estrutura física restrita, esse espaço era disputado e por esse motivo a escola contava com um cronograma de horários para que todos pudessem desfrutá-lo.

Além do solário, outro ambiente bastante apreciado pelas crianças, o qual propicia trocas entre pares, é o parque ao ar livre, como já foi mencionado em outros trechos do texto. Relembrando que lá “tinham os balanços em que uns empurravam os outros. Geralmente sentavam na rodinha de gira-gira...” (Maria de Lurdes Piccetti Frata, 2022), além de escorregadores, passarela e uma casinha, proporcionando, com isso, diferentes manifestações e trocas entre os educandos.

Porém, ao considerarmos as variações climáticas existentes na região serrana do Rio Grande do Sul, que conta com um inverno bem rigoroso, com duração de 4 meses, mais ou menos, concluímos que o espaço ao ar livre presente na *Nostris Bambini* ficava inviável em um terço do ano. Isso, certamente, era um agravante na escola, pois sabemos que as crianças têm a necessidade de se locomover, brincar, interagir, correr, pular etc. No entanto, para essas propostas livres, as professoras dependiam do clima.

Visto que Vila Flores/RS é uma cidade pequena, com características bem evidentes de município de interior, as crianças vivem uma infância com maior liberdade e em contato com a natureza. Esses gostavam de brincadeiras livres, que proporcionassem contato com a natureza. Partindo desse pressuposto, o pátio externo, onde estava instalado o parque, era bastante explorado para realização de diferentes propostas com as crianças, proporcionando o protagonismo infantil.

Nesse sentido, houve “uma atividade em especial que me marcou, que foi um dia que veio uma tombeira¹¹ de terra no pátio da escola e fizemos o dia da lama com os alunos. Eles adoraram e nós (professores) também.” (Marilene Dal Magro Peruzzo). Motivada pelo relato de Marilene, resolvi pesquisar o acervo fotográfico da escola, esperançosa de encontrar algum registro sobre a proposta especial daquele dia. Foi então que localizei a imagem da Figura 20:

¹¹ Tombeira, termo usado por Marilene, em seu relato, é sinônimo de caminhão com caçamba. Por sua vez, “caçamba é um recipiente, tara ou invólucro, geralmente padronizado, destinado ao acondicionamento ou transporte de mercadorias ou materiais.”. Significado disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ca%C3%A7amba#:~:text=%5BBrasil%5D%20Recipiente%2C%20tara%20ou,transporte%20de%20mercadorias%20ou%20materiais>. Acesso em 24 set. 2023, às 17h39.

Figura 20 – Crianças e professoras brincando na lama



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

Na figura, podemos identificar a presença de três pessoas adultas, dessas, pelo menos duas eram profissionais da EMEI *Nostris Bambini*. Somando-se a elas há, ao menos, 20 crianças que, certamente, faziam parte de uma determinada turma da referida escola. Com relação à data do registro, informo não ser possível precisar. Porém, pode-se dizer que o registro foi feito após o mês de março de 2004. Isso porque identificamos, de camiseta branca, na direita da imagem, a professora Marilene. A profissional iniciou suas atividades na *Nostris*, no mês de março do ano de 2004. Como Benito (2021) menciona, as imagens são registros empíricos observáveis, como nesse caso. Além disso, as fotografias “podem mostrar de forma visual, os climas e as atitudes emocionais dos atores que atuaram, no passado, no mundo da escola e em seus contextos” (Benito, 2021, p. 63) e as expressões de alegria e divertimento estão eternizadas na Figura 20.

Levando em consideração a contribuição de Benito (2021), nos reportamos, de modo analítico, à Figura 20. Vemos que os indivíduos que compõem tal registro se encontram envoltos em lama. Somando-se a isso, vemos a fisionomia das crianças, bem como das profissionais, que aparentam estar muito contentes com a proposta de interação com lama. Podemos, então, concluir que o referido estímulo foi aceito e muito proveitoso por todos. Não se sabe ao certo qual foi a motivação que levou ao

fato, porém, certamente, ainda deve ser lembrado até os dias atuais por muitas dessas crianças, bem como pelas professoras.

Essa análise me fez revisitar um trecho escrito por Halbwachs (1990), que diz: “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia a nossa memória”. (HALBWACHS, 1990, p. 60). E é exatamente assim! As vivências geram muito mais aprendizados, os quais ficam registrados na memória, do que se deter em estudar somente a teoria, sem experienciar na prática. Essa afirmativa nos faz refletir sobre a maneira de se pensar a Educação Infantil e suas múltiplas possibilidades.

Por fim, pressupondo que cada educando que lá estava, trazia consigo suas vivências e experiências pessoais, a *Nostri Bambini*, além de preocupar-se com as brincadeiras, exaltou também, por meio das propostas pedagógicas curriculares, as culturas infantis, como veremos em seguida.

4.2 “ERA UTILIZADA UMA METODOLOGIA MAIS TRADICIONAL”: O PROCESSO PEDAGÓGICO DA *NOSTRI BAMBINI*

O título deste subcapítulo rememora um trecho do relato da professora Dalva (2022), “era utilizada uma metodologia mais tradicional” e trago o princípio pedagógico usado na instituição, desde o início de seu funcionamento com as crianças, como sinalização para pensar as práticas pedagógicas e os modos como as culturas escolares na Educação Infantil desta instituição se constituíram.

Ao fazer menção sobre a cultura escolar, Benito (2017) afirma que:

A cultura escolar deveria valorizar os “milhares de episódios insignificantes que, unidos, constituem a rotina da sala de aula”. Acontecimentos triviais como sentar-se em uma carteira, levantar a mão para perguntar e pintar sobre a superfície das mesas, ou as mil atividades que se sucedem, umas após as outras, durante as horas de permanência em que se materializa para os alunos a obrigatoriedade da frequência às instituições escolares, assim como a repetição e a redundância da ação ritual com que se organiza a prática educativa, entre outros fatos, deveriam, há tempos, ter chamado a atenção dos profissionais e cientistas da educação (Benito, 2017, p. 34).

Ao nos reportarmos às culturas escolares na EMEI *Nostri Bambini*, Dalva (2022) relembra que, no período em que atuou como docente na referida escola, entre os anos 1999 e 2000, “era utilizada uma metodologia mais tradicional, cobrir pontilhados, colorir, construir, cantar, brincar de diversas formas...”. Na lembrança da

então professora se evidenciam diversas práticas, consideradas culturais, que, na concepção da profissional, caracterizam-se como “tradicional”. Isso nos faz refletir sobre o que é considerado tradicional, aos olhos da professora. Creio que seja no sentido de propostas que já vinham sendo desenvolvidas, em anos anteriores, em diferentes escolas e que a *Nostri Bambini* adotou como pedagogia metodológica.

Nesse sentido, o PPP (2003) expressa que:

A Escola Municipal de Educação Infantil Nostri Bambini tem por finalidade administrar educação integral à criança e leva-la a aquisição de valores autenticamente humanitários de respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem, contribuindo para a formação da cidadania e, ao mesmo tempo, garantindo o desenvolvimento infantil pleno (Projeto Político Pedagógico, 2003).

Cabe ressaltar novamente que o PPP (2003) foi o mais antigo a que tive acesso. Com isso, não é possível informar se há exemplares desse documento relacionados aos anos anteriores. Dito isso, com base na finalidade da escola, descrita no trecho acima, as crianças que frequentaram aquele educandário, desde o início de seu funcionamento, estavam sendo educadas, por meio do trabalho pedagógico, a desenvolverem sua autonomia, sua identidade e a respeitarem o senso de coletividade.

Ao pensarmos na proposta pedagógica de uma instituição de Educação Infantil, buscando inspiração no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, tal documento pontua o seguinte:

A elaboração da proposta curricular de cada instituição se constitui em um dos elementos do projeto educativo e deve ser fruto de um trabalho coletivo que reúna professores, demais profissionais e técnicos. Outros aspectos são relevantes para o bom desenvolvimento do projeto pedagógico e devem ser considerados, abrangendo desde o clima institucional, formas de gestão, passando pela organização do espaço e do tempo, dos agrupamentos, seleção e oferta dos materiais até a parceria com as famílias e papel do professor (1998, p. 66).

Para tanto, analisando os PPPs de 2003 a 2012, é possível afirmar que, pelo menos nesse período, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini* desenvolveu seu processo pedagógico através de projetos. Tais projetos relacionavam-se a datas comemorativas, meio ambiente, ações solidárias, que engajava a comunidade onde encontra-se a escola, gincana, que envolvia as famílias, passeios, viagens de estudo, identidade etc.

Para definir o conceito de Projetos, no contexto pedagógico de uma instituição de Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil diz que:

Os projetos são conjuntos de atividades que trabalham com conhecimentos específicos construídos a partir de um dos eixos de trabalho que se organizam ao redor de um problema para resolver ou um produto final que se quer obter. Possui uma duração que pode variar conforme o objetivo, o desenrolar das várias etapas, o desejo e o interesse das crianças pelo assunto tratado. Comportam uma grande dose de imprevisibilidade, podendo ser alterado sempre que necessário, tendo inclusive modificações no produto final. Alguns projetos, como fazer uma horta ou uma coleção, podem durar um ano inteiro, ao passo que outros, como, por exemplo, elaborar um livro de receitas, podem ter uma duração menor. Por partirem sempre de questões que necessitam ser respondidas, possibilitam um contato com as práticas sociais reais (1998, p.57).

No contexto da EMEI *Nostris Bambini*, trabalhar por Projetos compreendia explorar um tema isolado, que, ao seu término, iniciava-se outro, sem que houvesse uma sequência didática entre os assuntos. A exemplo disso podemos citar as datas comemorativas. Portanto, o processo pedagógico da referida escola acabava tornando-se limitado e previsível. Visto que já vinha elencado em seu PPP, inclusive especificando as turmas, os temas a serem abordados pelas docentes no decorrer daquele ano letivo. O que, na prática, gerava uma espécie de reprodução apenas, sem que houvesse a interferência da criança, considerando que essas propostas eram organizadas e aplicadas de modo tradicional, com fichas de pintura, atividades mimeografadas, confecção de cartões etc.

Para ilustrar, menciono um trecho do PPP, do ano de 2012:

Projetos a serem desenvolvidos:

- Datas comemorativas (Páscoa, Mães, Festa Junina, Pais, Dia das Crianças, Pátria, Natal);
- Jardim: Meio Ambiente
- Pré A e B: Contos Infantis (Projeto Político Pedagógico Escola Municipal de Educação Infantil Nostris Bambini, 2012, p. 9).

A exemplo das propostas desenvolvidas na EMEI *Nostris Bambini*, segue uma figura, na qual é possível observar crianças segurando os trabalhos realizados em sala. Pela fachada da escola, observada na Figura 21, conclui-se que o registro foi realizado antes das reformas estruturais na instituição, que se iniciaram em 2004.

Figura 21 – Registro de proposta pedagógica realizada por uma turma da EMEI *Nostris Bambini*



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

Ao analisar a figura dos primeiros tempos da escola, não sendo possível precisar com exatidão de quando é o registro acima, podemos notar a presença de, pelo menos, 12 crianças posicionadas na porta principal da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*. Todas elas estão segurando uma folha A4. Aparentemente, o trabalho realizado era alusivo a São João. Os trabalhos foram realizados com retalhos de papel, trata-se de uma fogueira, utilizando a técnica de colagem de papel picado/rasgado. Podemos perceber que as crianças foram posicionadas para a foto, a fim de que aparecessem todas as crianças e suas produções no registro.

Ao nos depararmos com mais uma fotografia, que relata parte do processo histórico da EMEI *Nostris Bambini*, trago uma pertinente contribuição sobre a importância e relevância dos registros fotográficos. Dito isso, Coelho (2018, p. 56) fala que “nas escolas, as fotografias registram os eventos culturais, as práticas pedagógicas, as atividades lúdicas, servem como recordações de eventos e

processos educacionais.” Com isso, torna-se visível a narrativa histórica do educandário pesquisado.

Desde o início de seu funcionamento, a EMEI *Nostrì Bambini* trazia propostas pedagógicas para as crianças. Mesmo que de maneira não obrigatória, as crianças que passavam as tardes na escola eram estimuladas a realizarem diferentes propostas de cunho pedagógico. Tais atividades eram pensadas e planejadas pelas profissionais do educandário. Segundo relatos, a Secretaria Municipal de Educação de Vila Flores disponibilizava os materiais solicitados para tal feito.

A primeira diretora da referida escola, Miraci (2023), relembra que “os trabalhos pedagógicos eram preparados com muito empenho e responsabilidade pelas professoras.” A entrevistada ressalta que “sempre tivemos materiais suficientes, havia investimento da Secretaria Municipal de Educação”. Com isso, podemos concluir que a escola e a secretaria de educação do município apoiavam as professoras, tornando o trabalho delas mais satisfatório e consistente por conta do fornecimento do material demandado.

Para realizar um bom trabalho pedagógico com as crianças, é necessário um planejamento prévio por parte do docente. Nesse sentido, nos primeiros anos de atividade docente na escola, Elene (2023) rememora que “as aulas sempre eram planejadas fora do horário em que a gente estava na escola.” A instituição não contava com profissionais para substituir os professores para planejarem suas aulas no período da tarde. Por isso, Elene (2023) lembra que “era sempre o período integral dentro da sala de aula. Com o tempo, fomos tendo os horários para planejamento.” (Elene Graciela Carbonera Bristot).

Pelo recordado pela profissional que esteve presente na EMEI *Nostrì Bambini*, desde sua fundação, em 1999, nos primeiros anos da escola, não era proporcionado um tempo, dentro da carga horária do professor, sem o contato com as crianças, para a organização das propostas a serem desenvolvidas. O fato devia gerar uma sobrecarga para o profissional, que se ocupava com assuntos da escola fora de seu horário de trabalho. Por isso, cabe mencionar que a Lei nº 11.738¹², de 16 de julho de 2008, a qual traz em seu Art. 2º. no inciso § 4º a afirmativa que “Na composição da

¹² Lei nº 11.738, trata-se de uma lei que “Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica.” Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11738.htm. Acesso em 14/09/2023, às 19:07.

jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos.” Com isso, subentende-se que pelo menos 1/3 da carga horária é destinada para planejamento pedagógico. Isso ampara o professor, quanto ao tempo destinado ao planejamento e organização das propostas a serem desenvolvidas com os educandos, dentre outras demandas burocráticas.

Por mais que não houvesse, no começo, período para planejamento, as professoras sempre deram conta da demanda, mesmo que fora do seu horário de trabalho, e garantiam diferentes tarefas para as crianças nas aulas. Nos anos de 2001 e 2002, havia “atividades de pintar, enrolar papel crepom, plantar feijão no copinho, brincar no pátio” (Andressa Bristot, 2023). Essas são algumas propostas lembradas por Andressa, que frequentou a EMEI *Nostris Bambini* nos anos de 2001 e 2002. Além disso, a referida aluna se recorda de atividades mimeografadas, além dos livrinhos.

A lembrança da ex-aluna reforça e exemplifica a declaração da professora Dalva, quando diz que a escola usava uma metodologia mais tradicional. Isso porque a referida aluna conta como se deram as propostas pedagógicas enquanto frequentou a *Nostris Bambini*.

Além disso, outro ponto que merece destaque é o papel do professor no contexto educacional da EMEI *Nostris Bambini*, que, por mais que não tivesse discriminado na sua jornada de trabalho um horário específico para planejamento, não deixou de exercer sua função com êxito, seriedade e zelo pelas crianças. Portanto, ressalta-se que:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdo de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL 1998, p. 41).

Para o bom andamento das aulas, o professor contava com comprometimento dos educandos. Em função disso, alguns combinados eram feitos com eles. Na Figura

22, a título de exemplo, trago uma imagem em que aparecem algumas crianças segurando um cartaz sugestivo sobre o tema comportamento:

Figura 22 – Crianças segurando um painel com dizeres relacionados ao comportamento, em 2001



Fonte: Arquivo pessoal Elene Graciela Carbonera Bristot.

Na figura 22, registrada no terceiro ano de funcionamento da escola, em primeiro plano, vemos seis crianças. Dessas, quatro estão em pé, segurando um cartaz, enquanto as outras duas encontram-se agachadas, em frente aos demais. Pelas informações contidas na imagem, ainda em relação às crianças, podemos concluir que se trata de uma turma heterogênea, composta de, pelo menos, 3 meninas e 3 meninos. Isso indica uma equidade de gênero. Pela fisionomia das crianças, pode-se dizer que é um grupo de nível Pré-Escolar, sendo Jardim de Infância.

Analisando esteticamente o painel, sustentado pelos educandos, podemos identificar duas “carinhas”, sendo uma evidenciando um rosto feliz e outra um rosto triste. Com isso, o cartaz subdivide-se: do lado esquerdo, “sugestões legais”; do lado direito, “sugestões não legais”. Abaixo de cada uma dessas “carinhas” estão alguns

dizeres, separados em itens. Na extremidade inferior do cartaz estão algumas escritas em vermelho, com caligrafias diferentes. As caligrafias aparentam ser os nomes de cada uma das crianças que compunham aquela turma. Tendo cada um escrito o seu.

Com relação às informações explícitas no cartaz, constata-se que abaixo da “carinha feliz” há um tópico com o seguinte dizer: “*QUANDO TODOS BRINCAM JUNTOS*”. É possível fazer a suposição de que, quando todos brincam juntos, se gera felicidade na turma, ou todos ficam felizes. Já abaixo da outra carinha, há a seguinte frase: “*QUANDO OS COLEGAS QUEBRAM OS BRINQUEDOS*”. Da mesma forma, quando os colegas quebram os brinquedos, se gera estresse que causa tristeza no grupo.

Analisando o conteúdo do referido painel, é possível dizer que o esse material faz parte de uma proposta, previamente pensada pela professora responsável, com uma intencionalidade. Proposta esta que objetivou a criação de combinados entre os educandos a fim de minimizar os conflitos, reforçar atitudes positivas e o respeito mútuo, sendo que, quando alguém fizesse algo classificado como bom, por exemplo, todos ficariam felizes; em contrapartida, quando houvesse alguma atitude classificada como negativa, todos ficariam tristes. Com isso, uma ação pessoal geraria uma reação coletiva.

Ainda criticando a *Figura 22*, vemos ao fundo um quadro verde, onde há algumas figuras anexadas. Tratam-se de imagens lúdicas que lembram galinhas, ovos e pintinhos, respectivamente. Ao olharmos da esquerda para a direita, notamos que essas imagens se encontram em sequência, da maior para a menor. Segundo Fernandes (2008, p. 73), “O lúdico faz parte da vida da criança, da descoberta de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo”. Ao lado esquerdo do quadro, há uma espécie de tela, onde há vários carimbos de mão, confeccionados, aparentemente, com tinta guache. Acima dos tais carimbos, há algumas escritas, porém, infelizmente, não foi possível identificar do que se trata, visto que a nitidez da imagem ficou comprometida.

Uma dessas propostas é o cartaz. O mesmo traz figuras coloridas, lúdicas e sugestivas que remetem a sentimentos (feliz e triste). Assim, tornou-se mais fácil a compreensão da proposta por parte das crianças. Com o entendimento necessário, cada educando, mesmo que inconscientemente, passou a policiar suas próprias atitudes, para não ser apontado como causador de tristeza nos demais. Em

contraponto, procuravam agir de maneira positiva, para ser motivo de alegria dos colegas e da professora. O que parece ser apenas um combinado para o bom andamento das aulas, pode ser visto como um ensinamento para a vida, pois, um simples cartaz trouxe consigo atitudes relacionadas ao respeito e ao convívio em sociedade. Outra proposta visual recheada de conceitos e intencionalidade é as imagens anexas ao quadro negro. Essas figuras conceituam a sequência crescente e decrescente e ordem numérica, por exemplo.

Ambos conceitos foram apresentados às crianças de forma lúdica e registrados visualmente. Tal feito facilitou a assimilação e a compreensão por parte dos educandos, que, naquele período, contemplavam a faixa etária entre 4 e 5 anos. Dito isso, ressalta-se, novamente, a importância do profissional que medeia esse nível escolar. Tendo em vista o fato, cabe frisar que a Educação Infantil vai muito além do assistencialismo. Por fim, conclui-se que é de extrema importância, para o desenvolvimento integral da criança, que o professor tenha formação adequada e propriedade sobre os conteúdos a serem desenvolvidos, a fim de desempenhar seu papel adequadamente.

Com base no que foi narrado até o momento, e, inclusive apresentado na *Figura 22*, é possível dizer que as propostas eram diversificadas na EMEI *Nostrì Bambini*. Dentre as propostas, havia “material de sucata, papel, jogos...” (Lenara Bocalon Montagna, 2023). Isso permitia diferentes atividades e dinâmicas. Além dos trabalhos em sala, as professoras procuravam engajar as famílias no processo de aprendizagem das crianças. Lenara (2023), em trecho da entrevista, menciona: “Eu lembro que ela mandava para casa também algumas atividades, tipo *teminhas* para eles fazerem em casa com a gente.” Isso reforça a importância da participação da família na vida escolar da criança.

É relevante mencionar que Lenara é mãe de duas ex-alunas da EMEI *Nostrì Bambini*, e foi uma mãe atuante e participativa na escola, nos períodos em que suas filhas frequentaram a instituição. Isso traz à tona a discussão sobre a presença, bem como a participação da família no contexto escolar do filho. Tal feito só traz benefícios, tanto para a criança quanto para os próprios familiares, pois gera maior tranquilidade e segurança, desde o período de adaptação da rotina escolar, tendo em conta que inserção da criança na Escola de Educação Infantil é motivo de preocupação e gera

um estresse em muitas famílias. A criança, que até então pertencia apenas ao convívio familiar, passará a interagir e conviver e com desconhecidos.

Com isso, surge a discussão sobre o papel, bem como sobre a importância do acolhimento e da parceria entre família e escola. Sobre isso, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil afirma que:

Acolher os pais com suas dúvidas, angústias e ansiedades, oferecendo apoio e tranquilidade, contribui para que a criança também se sinta menos insegura nos primeiros dias na instituição. Reconhecer que os pais são as pessoas que mais conhecem as crianças e que entendem muito sobre como cuidá-las pode facilitar o relacionamento. Antes de tudo, é preciso estabelecer uma relação de confiança com as famílias, deixando claro que o objetivo é a parceria de cuidados e educação visando ao bem-estar da criança. Quando há um certo número de crianças para ingressar na instituição, pode-se fazer uma reunião com todos os pais novos para que se conheçam e discutam conjuntamente suas dúvidas e preocupações. (1988, p.80)

Além da participação da família, outra ação bem importante para o desenvolvimento integral da criança é estimular a autonomia dela. Isso implica na participação dela, por exemplo, na confecção de materiais e jogos a serem usados na escola. Na *Nostris Bambini*, as crianças “confeccionavam os jogos para posteriormente interagir com os colegas, fazendo uso dos mesmos.” (Lenara Boccalon Montagna, 2023). Sobre isso, Silva (2010) diz que:

Considerando a criança como um sujeito de direitos, que desempenha um papel em um universo social, nosso trabalho caminha na contramão do ideário capitalista vigente na atualidade, que é a de simples preparação para o mercado de trabalho. Entretanto, também podemos utilizar o que chamamos de —linguagem do capital e argumentar afirmando que quando uma etapa é bem vivenciada, ela se torna naturalmente uma preparação para a etapa seguinte (SILVA, 2010, p.47).

Por isso, a autonomia implica diretamente no aprendizado da criança. Assim, ela se sente mais segura e confiante em relação a si própria, implicando diretamente na sua identidade. Nesse sentido, a mãe de uma ex-aluna da EMEI *Nostris Bambini* recorda, com muito carinho, uma etapa marcante e significativa que sua filha vivenciou no educandário. O fato se deu a partir de uma proposta pedagógica lançada por uma professora do educandário, que segue:

Tinha muita leitura de muito gibi. Eu me lembro que foi na época em que a Isabela estava no Pré, com a profe Elene, que ela se alfabetizou. A profe tinha uma proposta de vai e volta com os livrinhos, para serem lidos em casa e

contados na escola. Isso era muito presente na sala, a literatura. A Isabela se alfabetizou sozinha (Lenara Bocalon Montagna, 2023)

Isso reforça a importância da participação da família nas propostas iniciadas pela escola, bem como a relevância dos estímulos do ambiente para o aprendizado do educando. Com isso, destaca-se a relevância da cultura infantil, pois, a exemplo da ex-aluna da *Nostris Bambini*, a criança tem a habilidade de ressignificar suas experiências e transformá-las em aprendizados. Ou seja, ela cria seus próprios conceitos, a partir de suas vivências. Dentro dessa perspectiva, Fernandes (2008) traz significativas contribuições, afirmando que:

A criança, portanto, é compreendida como produtora de cultura. Sendo assim, não podemos mais considerá-la como passiva e abstrata. A criança não é simples reprodutora social, mas construtora. Ela atua socialmente e, como o adulto, é considerada um ator social participando ativamente da produção de culturas. A criança não está separada da sociedade, e suas relações sociais fazem parte do contexto em que vive com os adultos e com seus pares (FERNANDES, 2008, p. 71).

Para tanto, as profissionais procuravam, dentro do contexto pedagógico, trazer para escola a cultura familiar, as vivências da criança fora do contexto escolar, bem como a história de cada um, evidenciando as diferentes culturas infantis. Com isso, buscavam provocar nas crianças o senso de identidade e, assim, fazê-los entender que cada um é único, gerando respeito pelos gostos, preferências e individualidade de cada um. “Desse modo, a produção cultural da criança não é menor, determinando uma incapacidade infantil ou uma falta de pré-requisitos. A sua produção só é diferente da do adulto” (FERNANDES, 2008, p. 72).

Partindo desse pressuposto, uma professora da EMEI *Nostris Bambini* forneceu, de seu arquivo pessoal, uma fotografia que retrata parte do que foi dito anteriormente. Ao nos depararmos com mais uma fotografia, COELHO (2018), diz que:

[...] a fotografia é ação, ação da memória, uma ação que se comunica diretamente com a subjetividade e as emoções, ação que aflora no pensamento sensibilidades e reflexões que estão permeadas de concepções circunstanciadas por diferentes e particulares visões do real, construídas a partir da realidade de quem produziu, de quem dela participou e de quem a contempla (COELHO 2018, p. 114).

Na Figura 23, pode-se notar um painel que contempla diversas roupas de bebês. Sugere-se que as peças de roupa são das crianças daquela turma:

Figura 23 – Painel com roupas de bebês



Fonte: Arquivo pessoal Elene Graciela Carbonera Bristot

Ao analisar a figura, é possível identificar, em primeiro plano, um tecido pendurado numa ripa de madeira. Acima de fixação do painel encontra-se um letreiro com o seguinte dizer: *“Quando éramos bebês!”*. Anexados ao tecido, há diversas roupas de bebês, todas identificadas com nomes, o que sugere que cada qual pertence a uma criança da turma. Além das roupas identificadas, há, no painel, algumas fotografias, as quais registram momentos das crianças usando tais roupas, quando bebês. No canto superior esquerdo da imagem, nota-se a presença de um urso de pelúcia, na outra extremidade superior há um sapatinho. Ambos identificados, o que sugere pertencer a alguém daquele grupo, e que trazem memórias significativa para seus respectivos donos.

Logo, aquelas crianças, provavelmente, não se recordavam de terem feito uso daqueles pertences. Mas, muito provavelmente, puderam experienciar seu passado através das narrativas trazidas por seus pais e/ou responsáveis. Aqui nos remetemos, mais uma vez, à importância da história oral e do registro fotográfico para assegurar

nosso passado e fazer com que ele seja revisitado no tempo presente. Geralmente essas narrativas vêm acompanhadas de sentimentos e emoções.

Sobre memórias que se remetem à própria infância, Halbwachs (1990) afirma:

Assim, mesmo quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria tal como nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do círculo estreito de nossa família, da escola e de nossos amigos; e uma outra memória que chamaríamos histórica, onde não estariam compreendidos senão acontecimentos nacionais que não pudemos conhecer então; tão em que por uma penetraríamos num meio no qual nossa vida já se desenrolava, sem disso nos apercebermos, enquanto que a outra nos colocaria em contato com nós mesmos ou com um eu alargado realmente até os limites do grupo que comporta o mundo da criança. Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória (Halbwachs, 1990, p. 60).

Além do painel analisado, ainda referente à *Figura 23*, encontramos outra informação importante relacionada à condução pedagógica das aulas na EMEI *Nostri Bambini*. Ao lado direito da referida exposição dos pertences das crianças, encontra-se, fixado na parede, um painel com alguns dizeres e gravuras. O exposto sugere uma rotina semanal e diária a ser desempenhada pelas crianças daquela turma. Deduz-se isso pois, na extremidade superior do referido cartaz, há uma escrita que diz: “*DICA DA SEMANA*”. Abaixo, também num papel amarelo e com letras maiúsculas, lê-se: “*TAREFAS DO DIA*”. Em seguida: “*Organizar as mesas*”, logo baixo um nome. “*Organizar o trem*”, em seguida outro nome. “*Recolher o lixo*”, e um nome. “*Ajudar na limpeza*”, mais um nome. Por fim “*Organizar os brinquedos*”, tendo embaixo mais alguns nomes.

Para pensar no sentido e significado da rotina na instituição de Educação Infantil, o Referencial Nacional Comum Curricular afirma diz que:

A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas. A apresentação de novos conteúdos às crianças requer sempre as mais diferentes estruturas didáticas, desde contar uma nova história, propor uma técnica diferente de desenho até situações mais elaboradas, como, por exemplo, o desenvolvimento de um projeto, que requer um planejamento cuidadoso com um encadeamento de ações que visam a desenvolver aprendizagens específicas. Estas estruturas didáticas contêm múltiplas estratégias que são organizadas em função das intenções educativas expressas no projeto educativo, constituindo-se em um instrumento para o planejamento do professor (1998, p. 54 e 55).

Como entendido no capítulo anterior, por meio de análise das informações obtidas, até meados de 2013, as crianças com idades entre 3 e 5 anos que frequentavam a EMEI *Nostris Bambini*, não eram agrupadas por faixa etária, em diferentes salas, por motivos também já mencionados. Levanto essa questão novamente, pois cabe, nesse momento, entender como se deu o desenvolvimento das propostas pedagógicas por parte das profissionais mediante o fato. Isso porque, como se sabe, o desenvolvimento infantil é intenso e na transição etária, de um ano para o outro, o salto cognitivo é grande.

Nesse sentido Fernandes (2008) diz:

A separação etária, instituída como forma de organização, provoca mudanças no tempo e no espaço escolar capazes de produzir marcas culturais que subjetivam os relacionamentos e práticas sociais das crianças. Com a mudança de idade, ou seja, de um ano para o outro, ocorrem mudanças de como as crianças são e estão na escola, recebendo estatutos diferenciados. A idade, portanto, é um estatuto social que configura a maneira como a criança se relaciona socialmente com as outras crianças e com os adultos, como também é fator relevante para a construção de propostas curriculares, de concepções pedagógicas, além de influenciar as políticas públicas para a educação (FERNANDES, 2008, p. 14).

Com isso, é notório que as professoras daquela EMEI conviveram, por mais de uma década, com o desafio diário de atender a demanda, com diferentes idades, simultaneamente. Em função disso, a rotina na escola, com as crianças, era bem importante. Tal rotina precisava ser pensada e organizada de modo que minimizasse ao máximo o prejuízo no aprendizado do educando. Como exemplo disso, relato a vivência de umas das professoras do educandário, na época.

Ela relembra que, ao assumir uma nomeação num concurso público para Professor de Educação Infantil no Município de Vila Flores/RS, no ano de 2010, se deparou com uma realidade bem diferente da que era acostumada. Isso porque, até então, a ela havia lecionado em escolas particulares, em municípios vizinhos, para crianças maiores, inclusive. Ao iniciar sua carreira na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, foi surpreendida. Isso porque, segundo relato, ela assumiu uma turma, com 27 alunos. Essa turma era composta por crianças de 3, 4, e 5 anos de idade. Assim rememora:

Então, dentre essas 27 crianças, tinham algumas que não tinham idade para estar nem no Jardim e nem no Pré. Só que os pais tinham entrado, através da promotoria, e tinham conseguido matricular as crianças, porque o

promotor, naquela época, liberava por exemplo para crianças de 3 anos. Então, eu tinha naquela turma de Jardim, crianças que tinham apenas 3 anos de idade, e eu tinha que trabalhar com elas da mesma forma que trabalhava com as outras que tinham idade para estar no Jardim (Camila Daros, 2022).

A professora Camila pontua, através de seu relato, um fator determinante na organização daquela escola. Fica evidente que, devido à interferência externa, algumas situações se sobrepuseram à proposta educacional da *Nostris Bambini*. Friso que, a princípio, a escola foi instituída para atender, de maneira não obrigatória, crianças 4 e 5 anos de idade. Porém, como já mencionado no capítulo anterior, uma lei federal¹³ mudou o cenário em todo o país. Com isso, amparados legalmente, os pais passaram a apelar judicialmente para que os filhos fossem atendidos, de maneira gratuita, no referido educandário.

Com base na constatação, tudo indica que não houve um planejamento prévio para que, de fato, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* pudesse acolher, de maneira que se julga adequada, todas as crianças lá matriculadas. Diante do mandado judicial, o contratempo foi resolvido em partes, pois abrigou a todos na instituição, mas não levou em consideração o processo de ensino e aprendizagem daquelas crianças.

A exemplo disso, Almeida (2014) nos convida a refletir sobre nossa prática escolar, enquanto docente, com a seguinte afirmativa:

O panorama da educação infantil aponta um cenário que [...] desconsidera, em muitos sentidos, as múltiplas infâncias que povoam a realidade brasileira, a produção de outras lógicas e os movimentos de resistência que também são produzidos nestes espaços, promovendo em muitos casos ajustes comportamentais e desenvolvimentistas, formando comportamentos resilientes, adaptados às exigências e lógicas existentes (ALMEIDA, 2014, p. 95).

Dito isso, nos deparamos com algo corriqueiro na Educação Infantil: a visão errônea que evidencia o assistencialismo nessa etapa escolar. Ainda nos dias atuais, nós, enquanto profissionais que atuam na Educação Infantil, lutamos para que essa

¹³ a Lei de Diretrizes e Bases de 1996: *TÍTULO III: Do Direito à Educação e do Dever de Educar - Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio;* (Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f5o3Y61UMJpWT25a>). Acesso em 15/09/2023, às 21:08.

etapa de ensino seja vista com mais seriedade pela sociedade brasileira. Digo isso porque as Escolas de Educação Infantil não são depósitos de crianças, tampouco entidades de cunho assistencialista. Compomos, em nível Pré-Escolar, a Primeira Etapa da Educação Básica Brasileira!

Retomando a problemática enfrentada pela professora Camila, em 2010, quando acolheu 27 crianças, de faixa etária diferente, na mesma sala, nos reportamos à importância do planejamento prévio por parte do educador, bem como a relevância da rotina na vida escolar das crianças. Mediante o desafio, a professora agrupava, dentro da sala, as crianças de três anos, separando-as das maiores. Ela conta que “colocava uma mesinha, e acomodava eles ali” (Camila Daros, 2022). Simultaneamente, Camila (2022) diz que “auxiliava os outros a fazer a atividade de uma forma e com esses eu conduzia de outra, que eram 7 crianças”.

Essa rotina, com crianças de diferentes faixas etárias estudando juntas, era algo corriqueiro na EMEI *Nostris Bambini*. Isso se dava devido à falta de espaço físico, até pelo menos 2014, quando houve a implantação da creche. Creio que esse tenha sido o fator que gerou a maior problemática naquele educandário durante os 20 anos pesquisados. Após as reformas de ampliação para acolher crianças de berçários, houve significativas mudanças estruturais na organização pedagógica. Dentre essas, a efetivação de uma pedagoga, que ficou responsável pela coordenação pedagógica da instituição.

A partir de 2014, com a implantação da creche nas dependências da EMEI *Nostris Bambini*, além de uma pedagoga, atuando na instituição com carga horária de 20 horas semanais, o educandário passou a ter auxiliares de educação infantil, atuando sob regime de 40 horas semanais, visto que a escola passou a atender em turno integral. Essas foram efetivadas com a finalidade de dar suporte às professoras e auxiliar no cuidado e no desenvolvimento das crianças, sendo que as professoras atuavam na escola em apenas um turno.

Em tempo, cabe ressaltar que, ao pesquisar o Projeto Pedagógico do ano de 2014, com o objetivo de localizar registro sobre a funcionalidade das auxiliares de educação infantil, não tive êxito na busca. A análise no referido documento se fez necessária, visto que 2014 foi o período em que a escola *Nostris Bambini* implantou a creche e ampliou seu quadro funcional, passando a efetivar profissionais para atuarem como auxiliares de educação infantil. Logicamente, a inserção das referidas

profissionais no quadro funcional se deu a fim de haver suporte pedagógico às professoras, bem como suprir as necessidades básicas de cuidado e assistência às crianças, desde 4 meses de idade, as quais frequentavam o educandário em turno integral.

Portanto, com a nova rotina implantada na escola, em 2014, quando a EMEI *Nostris Bambini* passou a atender crianças de 0 a 5 anos de idade e estendeu seu horário de funcionamento, passando a funcionar em turno integral, as auxiliares de educação infantil tornaram-se fundamentais. Eram elas que passavam a maior parte do dia com as crianças, pois a professora titular atuava em apenas um turno na escola.

Nesse sentido a auxiliar de Educação Infantil Mariza (2023) recorda como se deu processo pedagógico junto às auxiliares: “Nós fazíamos algumas atividades, mais recreativas, e anotávamos para as *profes* fazerem os registros também. Nós registrávamos na agenda a rotina das crianças.” Ressaltando que, nesse período as crianças adquiriam uma agenda junto à secretaria da escola, para ser usada como meio de comunicação entre a escola e a família. Nessa agenda havia uma espécie de “checklist”¹⁴ de informações sobre a rotina da criança na escola, tais como: tomou mama, dormiu, almoçou, fez lanche etc. Assim, as famílias eram atualizadas diariamente sobre o dia a dia de seu filho no educandário. As responsáveis por assinalar as tarefas na agenda eram as auxiliares de educação infantil.

Outra auxiliar de educação da EMEI *Nostris Bambini* traz mais algumas informações sobre a rotina integral da criança na escola. Maria (2022) atendia crianças de berçário e rememora que “tinha que registrar as atividades que a gente fazia com eles, num caderninho.” Esse caderninho era um registro das auxiliares para a professora titular. Elas colocavam tudo o que faziam com as crianças no turno em que a professora não estava em sala.

Em seguida, a professora responsável pela turma registrava essas tarefas no diário de classe, juntamente com suas atividades pedagógicas. A auxiliar relata quais eram suas prioridades, em relação às crianças, no turno da manhã, especialmente, quando a professora titular não estava em sala: “A gente só fazia atividades relacionadas mais a rotina, como mama, colocar dormir, tinha o café da manhã, tinha

¹⁴ **Checklist** é uma palavra em inglês, considerada um **americanismo** que significa “**lista de verificações**”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/checklist/>. Acesso em 13 set. 2023, às 15h45.

o almoço, tinha, as trocas. Geralmente tínhamos que fazer três trocas de fraldas antes da profe chegar, três refeições” (Maria de Lurdes Piccetti Frata, 2022).

Além das atividades relacionadas à rotina, as auxiliares eram orientadas, pelas professoras titulares a realizarem propostas lúdicas, com cunho pedagógico. Nesse sentido, “contávamos historinhas, pros bebês, nós procurávamos dar aqueles livrinhos que não rasgavam, tipo de plástico, de tecido, fazíamos bonequinhos de tampinhas, fazia *chocalhinhos*, com potinhos de Danoninho...” (Maria de Lurdes Piccetti Frata).

No ano de 2016, quando a escola *Nostri Bambini* locou salas em outra escola, a fim de atender as turmas de Jardim e Pré-Escola, houve a efetivação de outra pedagoga. Agora, com duas profissionais no ramo, no educandário, uma coordenava o processo pedagógico das turmas de creche, enquanto a outra dava suporte ao nível Pré-escolar, na locação na Escola Estadual Dozolina Boff.

Assim rememora a professora Marilene:

Depois que iniciaram as atividades com crianças com idade de creche, a escola precisou passar por uma readaptação para que pudesse ser atendida toda a demanda, então o município locou algumas salas em outras escolas. Com a necessidade de locação da escola em outro espaço, foi necessário a nomeação de mais uma Pedagoga, então em fevereiro de 2016 fui nomeada pedagoga 20 horas e passei a atuar em período integral na *Nostri Bambini*, um turno como professora e noutro como pedagoga (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023).

Camila (2022) recorda que no ano de 2017 houve uma mudança na organização pedagógica da EMEI *Nostri Bambini*. Ela relata que “uma das outras mudanças que eu produzi na época, quando eu entrei (na direção) em 2017, foi a questão dos trabalhos com as redes temáticas, que até então não vinha acontecendo”. Sugere que só houve mudança na maneira de pensar a pedagogia aplicada na *Nostri* no ano de 2017, 18 anos após sua fundação. A referida profissional conta que “até então era por projetos” (Camila Daros, 2022). O que reafirma que por quase duas décadas a escola *Nostri Bambini* inspirava-se em projetos.

Camila (2022) justifica a mudança no processo de desenvolvimento das propostas pedagógicas da EMEI *Nostri Bambini*, alegando que “a escola estava ficando grande, as turmas crescendo, os alunos mudando um pouco o perfil” e conclui dizendo que “então achei que pudéssemos atualizar um pouco essa proposta. Então mexemos nisso também.” (Camila Daros, 2022). Portanto, através das redes

temáticas, se deu o desenvolvimento pedagógico na referida instituição até, pelo menos, 2019, data recorte da presente pesquisa.

Por outro lado, as Redes Temáticas seria uma espécie de rizoma, ou seja, um assunto que se interliga a outro. Como mencionado pela então diretora do educandário, acreditava-se que fazia mais sentido, para aquela comunidade escolar, desenvolver as propostas dessa maneira. Dentro da nova abordagem, a criança passa a ser mais ouvida e a professora responsável, por sua vez, obtém mais liberdade em desenvolver os conteúdos de maneira autônoma e de acordo com os interesses da turma, gerando, com isso, a identidade do grupo.

Para fundamentar o mencionado acima, pesquisei no acervo da EMEI *Nostrì Bambini* os PPPs a contar do ano de 2017, que foi quando houve a significativa mudança pedagógica na instituição, porém não os encontrei. Sendo que só foi possível localizar, no referido agrupamento, o Projeto Pedagógico de 2020. Visto o ano, não pude utilizá-lo, por estar fora do período pesquisado. Sendo assim, torna-se inviável informar se há, em versão impressa ou digital, os mencionados documentos que compreendem os anos de 2017, 2018 e 2019. Contudo, me apropriei do fato de ser docente na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*, a contar de fevereiro de 2017, e, conseqüentemente, das experiências vividas lá, para relatar como era compreendido o trabalho a ser desenvolvido por Redes Temáticas na instituição.

Diante das evidências trazidas nessa cessão, é possível afirmar que, durante as duas primeiras décadas de funcionamento, ocorreram significativas contribuições no contexto pedagógico da EMEI *Nostrì Bambini*. Para tanto, no período mencionado, a escola contou com a gradativa inserção de novos profissionais, proporcionando, com isso, suporte adequado à formação integral das crianças que frequentavam aquela instituição. Somando-se a isso, o educandário cultivou suas tradições culturais por meio das festividades. Tais propostas se evidenciam na seção seguinte.

4.3 “TÍNHAMOS QUE MOSTRAR PARA OS PAIS ALGO QUE ESTAVA NA CULTURA DA NOSSA CIDADE”: AS FESTIVIDADES NA *NOSTRÌ BAMBINI*

O subtítulo acima evoca um fragmento da narrativa da professora Marilene (2023), “tínhamos que mostrar para os pais algo que estava na cultura da nossa

cidade” e, assim busquei levantar quais eram as principais festividades que ocorreram ao longo dos 20 anos pesquisados na EMEI *Nostris Bambini*. Somando-se a isso, evidenciei a maneira como se deram esses acontecimentos, bem como sua importância para a valorização das culturas cultivadas naquela escola e na comunidade em que a escola se encontra inserida. Ao contextualizarmos as práticas vividas na *Nostris Bambini* com o cotidiano familiar e social das crianças, Coelho (2018) diz:

Investigar as concepções sobre crianças e infâncias requer reflexionar as experiências e comportamentos humanos em seus contextos reais, considerando as situações do cotidiano social e cultural das culturas infantis manifestadas nas relações de alteridade e protagonismo infantil (COELHO, 2018, p. 91).

Nesse sentido, a professora mencionada anteriormente conta que havia várias festividades no decorrer do ano letivo da referida escola e que “nessas datas, nós quanto escola, tínhamos que realizar apresentações. Tínhamos que mostrar para os pais algo que estava na cultura da nossa cidade” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023). Na fala anterior, podemos perceber a importância que a instituição deu ao contentamento dos pais e à valorização das tradições culturais identitárias do educandário.

Considerando que “As instituições de Educação Infantil são contextos potenciais de desenvolvimento humano, não só das crianças, mas também de seus pais, dos profissionais da educação, da comunidade e sociedade em geral.” (MAIA, 2012, p. 49), a *Nostris Bambini* procurou organizar momentos em que a comunidade, as famílias e o corpo docente pudessem interagir e socializar, evidenciando suas culturas, assim como mencionado por Marilene.

Com isso, a escola promovia festas, com apresentações artísticas realizadas, na maioria das vezes, pelos educandos, como danças e cantigas. Contava também com sorteios de rifas em datas específicas, como Dia das Mães, Pais e São João, a fim de arrecadar fundos para ajudar na manutenção do educandário. Além disso, em determinadas ocasiões, havia também confraternizações com comidas e bebidas típicas, como nas festas juninas, por exemplo.

Já sabemos que a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* tinha sua proposta metodológica, até meados de 2017, embasada por projetos. Desses, muitos, conforme consta em diferentes PPPs estudados, correspondentes ao período

pesquisado, norteavam-se por datas comemorativas. Dentre elas, faziam-se presentes comemorações importantes a nível nacional, como já citadas. Somando-se a particularidades do estado do Rio Grande do Sul, a exemplo da Semana Farroupilha, e solenidades inspiradas nas tradições de Vila Flores. Muitos desses planos tinham como culminância festividades envolvendo toda comunidade escolar e demais interessados.

Ao analisar e narrar esses fatos, me questionei, enquanto historiadora, sobre a importância e a relevância de pesquisar essas particularidades do referido educandário. Assim, inspirei-me:

Refletir sobre esses fatos, que são constitutivamente históricos, e contribui para a valorização da cultura experiencial da escola e dos modos de fazer que pertencem ao patrimônio profissional dos docentes é algo que compete aos historiadores da educação. É essa tarefa que permitirá entender e interpretar os modelos da cultura escolar efetiva, isto é, da cultura que se produziu na própria realidade, a qual não corresponde necessariamente à que se desejou e postulou (BENITO, 2017, p. 62).

Cabe ressaltar que nos anos seguintes, entre 2017 a 2019, a instituição pesquisada alterou, em partes, sua maneira de mediar a proposta curricular. Sendo que os projetos que, até então, tinham começo, meio e fim, passaram-se a dar por meio redes temáticas. Essas, por sua vez, interligavam um assunto ao outro, sem que houvesse, necessariamente uma ruptura, como fechamento. Porém, mesmo assim, a EMEI *Nostri Bambini* continuou comemorando, simultaneamente, datas consideradas importantes, de acordo com a cultura dos educandos que ali estudavam.

Aqui percebemos que, por mais que houvesse mudanças naquele educandário, elas não acontecerem, até o momento, radicalmente, pois implicaria em diversos fatores, relacionados às culturas escolares presentes nele. Assim Benito (2017) contribui:

Mudar a escola implica sempre em mudar ritos estabelecidos. Este tipo de mudança, que afeta dispositivos tão estruturados, requer geralmente um novo consenso entre os sujeitos ou atores que participam das práticas vivenciadas no cotidiano das instituições de formação. Toda inovação demanda, além disso, novos tempos, uma certa duração, a fim de que se possam assimilar o sentido sociocultural dos câmbios propostos e suas consequências sobre as regras e condições de convivência até então assumidas pela maioria. (Benito, 2017, p. 80)

Para maior e melhor entendimento sobre as datas que geraram recorrentes festividades na *Nostri Bambini*, elaborei um quadro. Esse dispositivo foi construído baseado na análise dos registros feitos, por meio de atas, que narraram como e quando se deram tais festejos. Tais assentamentos foram encontrados num único Livro de Atas, intitulado *Livro de Atas de Comemorações e Atividades Desenvolvidas*, compreendendo o período de maio de 2005 a março de 2023. Esse foi localizado na secretaria da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, e gentilmente ofertado, para estudo, pela secretária escolar do educandário.

De antemão, ressalto dois pontos considerados importantes: primeiramente, tendo em vista que a data inicial do estudo da presente pesquisa é o ano 1999, com a criação da Escola, julgo necessário comunicar que não foi possível localizar arquivos relacionados ao tema do quadro acima anteriores a 2005. Isso indica grande probabilidade de inexistência desses registros. Seguindo, esclareço que, no Livro de Atas mencionado, há outras festividades descritas, porém, precisei, por questão de viabilidade, transcorrer os fatos de maior recorrência.

Dito isso, lhes apresento uma síntese das comemorações que se tornaram evidências das culturas consideradas importantes para a comunidade escolar da EMEI *Nostri Bambini*.

Quadro 7: Principais festividades na EMEI *Nostri Bambini*, no período de maio de 2005 a dezembro de 2019.

Principais festividades	Ocorrência anual
<i>Páscoa</i>	2006, 2007, 2008, 2009,
<i>Dia das Mães</i>	2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2013, 2014, 2015, 2017
<i>São João</i>	2005, 2006, 2009, 2010, 2012, 2014, 2019
<i>Dia dos Pais</i>	2005, 2006, 2007, 2008, 2010, 2011, 2013, 2014, 2016
<i>Encerramento do Ano Letivo/ Natal</i>	2005, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013
<i>Cerimônia de Formatura das Turmas de Pré-Escola</i>	2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019

Fonte: Organizado da autora.

Ao analisar o quadro acima, constatamos as festividades que mais se concretizaram na *Nostri Bambini*. Essas se compreendem no período de tempo entre

os anos 2005 e 2019, sendo documentadas através de atas. Considerando a maior recorrência, temos: Cerimônia de Formatura das Turmas de Pré-Escola, Dia das Mães, Dia dos Pais, São João e Encerramento do Ano Letivo/Natal e, por fim, Páscoa. Destas, pelo menos três, são comemorações que, teoricamente, tem alusão ao cunho religioso, o que evidencia uma característica cultural da comunidade vilaflorense.

Considerando a escola uma instituição de ensino laica¹⁵, o que implica na não praticidade de crença religiosa, surgiu a dúvida de como essas comemorações eram referenciadas no currículo escolar de tal educandário. Por esse motivo, busquei, revisitando alguns documentos da instituição, a metodologia utilizada para a inserção de tais festejos no contexto escolar.

Por meio da busca, pude compreender que a EMEI *Nostris Bambini* conduzia tais propostas por um viés lúdico. A exemplo disso, na Páscoa a escola fazia alusão ao Coelho da Páscoa, sem detalhar o significado de tal símbolo, do mesmo o modo no Natal com o Papai Noel, em São João, comidas, danças e bebidas típicas de festas juninas. Sendo essas festas tradicionais e culturalmente presentes no ceio de muitas famílias, o cenário cultural era reproduzido pela comunidade escolar.

Como constatado através dos registros, as profissionais de educação da EMEI *Nostris Bambini* executavam no ambiente escolar propostas lúdicas e simbólicas. Para exemplificar, “na Páscoa a gente se vestia de coelhinho, usávamos as orelhas do coelho também toda semana. Nós pintávamos o rostinho deles, fazíamos os risquinhos de lápis de olho que representava os bigodes do coelhinho” (Maria de Lurdes Piccetti Frata).

Por meio da recordação da auxiliar de Educação Infantil Maria (2022), percebemos que a Escola Infantil *Nostris Bambini* reproduzia propostas culturalmente enraizadas, de uma forma que instigava as crianças a brincadeiras e comemorações, sem que despertasse a curiosidade delas para o novo. Como discriminado no *Quadro 7*, de 2006 a 2009 houve registros do festejo de Páscoa na escola. Sendo que, de acordo com o relatado nas atas referentes, nesses anos houve basicamente a mesma programação, que continha músicas, apresentações, visita do Coelho da Páscoa na escola e piquenique de confraternização, com comidas trazidas de casa pelas crianças.

¹⁵ Escola laica quer dizer que a mesma não é vinculada aos ensinamentos da igreja, independe da religião.

Para ilustrar, a Figura 24 registra um momento festivo, descrito anteriormente, na escola. No álbum em que localizei tal imagem, constava a seguinte legenda ao lado da foto: *Projeto Páscoa: lanche compartilhado com a presença do Coelho da Páscoa*. Ressalto que não há indicação de que ano tal registro se deu, porém o documento foi localizado em meio a outras imagens com indicação de terem sido realizadas em 2009, o que leva a crer que a figura abaixo também foi feita em tal ano.

Figura 24 - Confraternização de páscoa com alunos da EMEI *Nostris Bambini*



Fonte: Arquivo fotográfico da EMEI *Nostris Bambini*.

Ao reportar-me, analiticamente, à Figura 24, foi possível perceber a interação entre adultos e crianças. Na imagem, aparecem os educandos da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, juntamente com os familiares de alguns deles, confraternizando na área externa do educandário. O motivo de tal comemoração se deu pela celebração da Páscoa¹⁶. Na oportunidade, cada um que estava presente pôde compartilhar com os demais um lanche trazido de casa. Nesse sentido, é notório diversos recipientes com guloseimas dispostos numa mesa.

¹⁶ Celebrar a Páscoa é uma cultura, que naquela escola, relacionava-se ao simbolismo (*O Coelho da Páscoa*), bem como as guloseimas, em especial, os chocolates. Também se vincula à prática religiosa Católica, predominante entre as famílias da região.

Torna-se fácil entender que se trata de uma festividade relacionada à Páscoa, ao olharmos para as crianças que compõem a fotografia. A maioria delas está com uma espécie de viseira, aparentemente confeccionada de EVA, com orelhas que simbolicamente lembram as orelhas do Coelho da Páscoa. Ainda sobre a confraternização, não podemos deixar de mencionar as condições climáticas, visto que o festejo se deu ao ar livre. Para que tal evento ocorresse no pátio da escola, a comunidade escolar contou com condições climáticas favoráveis.

Além da Páscoa, de acordo com o *Quadro 7*, outra celebração que marcou culturalmente as festividades da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini* foram as homenagens alusivas ao Dia das Mães e ao Dia dos Pais, sendo que essas ocorreram continuamente, segundo os registros, desde 2005 até 2017. Apenas não há informações, no referido Livro de Atas, sobre tais festividades no ano de 2012. Com base nessa análise, é possível perceber que no educandário pesquisado, presava-se muito pelas famílias, sendo que, em datas específicas, eram lembradas e homenageadas.

Tendo como referência as descritivas atas, tais homenagens eram realizadas por meio de apresentações musicais preparadas pelas crianças, confraternizações com quitutes confeccionados pelas famílias e também pela escola, além de passeios entre pais e filhos, gincana e até uma missa em homenagem às Mães houve num determinado ano, numa igreja localizada no bairro onde encontra-se a escola.

Para enriquecer as informações a respeito das homenagens realizadas em comemoração às Mães e aos Pais dos educandos da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*, trago, na Figura 25, um registro fotográfico de um desses momentos especiais ocorridos no educandário. Antes disso, cabe mencionar que “as imagens não são meras ilustrações que acompanham estética ou didaticamente um texto.” (BENITO, 2021, p. 69), por isso recorro a elas para entrelaçar com as demais fontes na análise:

Figura 25 - Gincana de integração em homenagem ao Dia dos Pais da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, 2008



Fonte: Arquivo fotográfico da EMEI *Nostris Bambini*.

Na imagem da Figura 25, podemos observar dezenas de pessoas, entre adultos e crianças, no pátio do educandário. Desses, há alguns homens, que possivelmente são pais dos educandos, apoiados com os braços no chão. Tal pose nos faz pensar que, na oportunidade, estavam participando de uma brincadeira, como corrida de carriola (carrinho-de-mão), sendo essa uma brincadeira típica da região. Ao fundo, podemos avistar parte do prédio que abriga a escola infantil. Com isso conclui-se que tal celebração se deu no pátio da EMEI *Nostris Bambini*.

Dito isso, percebemos que, novamente a área externa da escola foi o local escolhido para sediar uma festividade. Isso nos faz pensar que, de acordo com a estrutura física da escola, seu pátio seria o local mais acolhedor e propício para receber um número relativamente elevado de pessoas. Para tanto, a comunidade escolar precisa contar com a colaboração climática para poder realizar determinadas programações.

Ainda em relação as homenagens em comemoração ao Dia das Mães e/ou dos Pais, podemos perceber que nos últimos dois anos pesquisados não há registros no *Quadro 7*. O fato nos faz refletir sobre a maneira com que as famílias vêm se reestruturando nos últimos anos. Isso porque, o número de crianças que convivem ou só com o pai, ou só com a mãe, ou com avós, ou outros responsáveis tem aumentado.

Tendo em vista tal fato, a escola precisa respeitar às crianças e suas estruturas familiares, bem como readaptar alguns costumes, que até então eram tradicionais.

Com isso, a EMEI *Nostris Bambini* reformulou as festividades para homenagear os responsáveis pelas crianças. Assim, a escola trocou as homenagens ao Dia das Mães e Dia dos Pais por Dia da Família, em meados de 2018. Na oportunidade, as crianças levam para escola sua família, para juntos participarem das propostas organizadas pela escola. Comunico que, ao pesquisar os registros de festividades do educandário, não foi possível encontrar nenhuma evidência de tal festejo. Porém, afirmo que foram realizadas, pois, na condição de docente da escola, participei de, pelo menos, um deles.

Além das crianças, que eram protagonistas nas festividades promovidas pela Escola *Nostris Bambini*, os profissionais que compunham o quadro funcional do educandário também se engajavam bastante na realização desses eventos. “As festas mais trabalhosas e divertidas era as de São João.” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023). Essas, baseando-se no quadro 7, estiveram bem presentes no calendário escolar daquele educandário, visto que ocorreram em, pelo menos, 7 dos 14 anos analisados, o que significa cinquenta por cento do período.

“Nós gostávamos muito da Festa Junina. Eles vinham todos caracterizados, eles vinham lindos! Eles gostavam e os pais também...” (Maria de Lurdes Piccetti Frata, 2022). Assim, a então auxiliar de Educação Infantil rememora como se dava tal festividade no ambiente escolar, com relação aos educandos. As referidas festas juninas ocorriam em diferentes momentos no decorrer do mês de junho. Para esses eventos, eram realizados acendimento de fogueira, no pátio da escola, caracterização das crianças, comidas típicas juninas, danças, músicas e brincadeiras.

As festividades, como podemos perceber, eram eventos que geravam euforia, alegria e traziam momentos de descontração e interação também para os profissionais da escola, não somente para as crianças, o que nos faz perceber que essa cultura fazia parte da vida daqueles profissionais também. Partindo desse pressuposto, entendemos que tanto para as crianças, quanto para os professores, “a cultura escolar é um patrimônio importante e necessário, que afeta a constituição de sua própria identidade” (BENITO, 2017, p. 179).

Quanto aos festejos juninos, as professoras ensaiavam, cada uma com sua turma, uma apresentação musical alusiva a São João para ser apresentada para a

comunidade escolar, pais, autoridades e demais convidados, na Festa de São João. “Era sempre uma festividade muito bonita, onde as crianças realizavam as apresentações, por turma e as famílias vinham prestigiar. Nessas festividades sempre reunia as famílias na escola” (Mariza Conte, 2023).

As apresentações juninas eram feitas nas festas promovidas pela escola. Algumas delas se deram no período de aula das crianças, e os pais eram convidados a irem para a escola prestigiar as crianças. Enquanto outras foram organizadas e ocorreram no turno da noite. Essas foram realizadas em diferentes locais, como salão paroquial do município de Vila Flores e salão do bairro da escola. Os festejos contaram com a participação das crianças, professores, pais, autoridades municipais, além da comunidade vilaflorense. A seguir, a Figura 26 serve como registro fotográfico de uma dessas apresentações juninas realizadas pelas crianças.

Figura 26 - Apresentação junina de uma turma da EMEI *Nostrì Bambini*



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil Nostrì Bambini

Na imagem, que foi registrada em meados de 2010, aparecem uma professora e diversas crianças caracterizadas com roupas e acessórios típicos juninos. Os alunos estão dispostos em duas fileiras, sendo uma de meninos e outra

de meninas. Todos seguem os comandos dados pela educadora. Pelo que podemos notar, com base na imagem, tal festividade se deu num ginásio. Podemos ver algumas demarcações no piso. Aos fundos é notória a presença de outras crianças e adultos. Esses certamente estão prestigiando a turma que está realizando sua apresentação no momento.

Além dessas, outra festividade que marcou a história daquele educandário foram as festas de Final de Ano, com tema natalino. Nessas, as crianças preparavam apresentações para seus familiares. Cada turma realizava um espetáculo e ao final eram surpreendidos pela presença do Papai Noel, sendo esse o momento mais esperado pelos pequenos. Na Figura 27 podemos compreender um pouco melhor sobre a produção que se dava para tal festividade.

Figura 27 - Apresentação natalina das crianças da EMEI *Nostri Bambini*, 2013



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*.

Na Figura 27 é possível notar a presença do prefeito municipal de Vila Flores daquela época, além da secretária de educação, da direção da escola, dos professores, dentre outras autoridades. Além desses, podemos observar diversas crianças, todas com vestimentas diferenciadas, o que evidencia que realizaram alguma apresentação. Chama especial atenção duas crianças que estão em pé, uma delas vestida com uma roupa em tons de azul claro e branco e outra com uma túnica marrom. Aparentemente é um menino e uma menina que representam Maria e José.

Sendo que a criança com as vestimentas mais claras indica, pela pose, estar segurando uma boneca, envolvida num tecido branco. Ainda, analisando a imagem, nota-se que aos fundos há um painel com escritas em vermelho que diz *Feliz Natal*.

Pelas características do espaço, que aparece na fotografia, é possível afirmar que essa festividade ocorreu nas dependências do auditório municipal daquele município. Sendo que o referido espaço conta com um palco, que é onde estão os presentes na referida imagem, além de um grande espaço com diversas cadeiras, as quais acomodariam os familiares daqueles educandos. Isso indica que a celebração de natal da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, naquele ano, se deu num espaço fora da escola, o que proporcionou maior visibilidade e prestígio por parte da comunidade local.

Com base nessas evidências, é permitido concluir que as crianças realizaram uma encenação de Natal, com alusão ao nascimento de Menino Jesus, que é o motivo pelo qual se celebra o Natal. Caso tenha sido isso, de fato, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* naquele ano embasou tal festividade no conceito religioso de tal data, e não no simbolismo do Papai Noel, por exemplo, como costumava-se fazer.

E, por fim, mas não menos relevante, mencionamos as celebrações de formatura das turmas de Pré-Escola, da EMEI *Nostris Bambini*. Ao nos reportarmos para o *Quadro 7*, novamente, veremos que em todo o período analisado, (de 2005 a 2019), tal festividade não deixou de estar presente em um único ano, o que mostra sua relevância para aquela instituição. Tal celebração é a festividade mais tradicional e marcante na história da Escola, por esse motivo, as *Formaturas* ganharam destaque na presente narrativa. Assim veremos a seguir.

4.3.1 A cultura escolar presente na tradição das formaturas da EMEI *Nostris Bambini*

Desde sua fundação, ocorrida no ano de 1999, a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* celebra a conclusão da etapa infantil na vida escolar de seus educandos, com uma festividade especial. Para isso, a escola promove um evento de formatura para as crianças. Na ocasião, os formandos se caracterizam, na maioria das vezes, fazendo uso de toga e capelo, assim como feito numa cerimônia

de colação de grau, por exemplo. O evento conta com a presença das autoridades vilaflorenses, comunidade escolar, pais e demais familiares dos formandos.

Para esta celebração, em especial, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) traz significativas contribuições:

Com a saída das crianças, as famílias enfrentam novamente grandes mudanças. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental representa um marco significativo para a criança podendo criar ansiedades e inseguranças. O professor de educação infantil deve considerar esse fato desde o início do ano, estando disponível e atento para as questões e atitudes que as crianças possam manifestar. Tais preocupações podem ser aproveitadas para a realização de projetos que envolvam visitas a escolas de ensino fundamental; entrevistas com professores e alunos; programar um dia de permanência em uma classe de primeira série. É interessante fazer um ritual de despedida, marcando para as crianças este momento de passagem com um evento significativo. Essas ações ajudam a desenvolver uma disposição positiva frente às futuras mudanças demonstrando que, apesar das perdas, há também crescimento (Referencial Comum Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, p. 84).

Essas cerimônias eram planejadas com antecedência e contavam com o apoio da escola e das famílias dos envolvidos. Esses eventos são emocionantes, sendo referenciados como “momentos lindos, marcantes para a escola, famílias e também para o nosso município” (Vilmor Carbonera, 2023).

Cabe ressaltar que tal festividade foi reestruturada e sofreu pequenas modificações no decorrer dos anos. A homenagem realizada para a primeira turma que se “formou” no referido educandário “não foi uma formatura, foi como se fosse uma festa de encerramento do ano letivo, com a participação das famílias.” (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023). Para confraternizar, “as crianças todas trouxeram um pratinho de doces, cantaram a mesma musiquinha cantada na cerimônia de inauguração da escola” (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023).

A primeira turma, a qual concluiu suas atividades em 09 de dezembro de 1999, contava com 16 crianças, conforme mencionado. Para tanto, houve um ato solene, nas dependências da escola, que contou com a presença do Prefeito Municipal Vilmor Carbonera, juntamente com a Secretária de Educação da época, Cléia Costela, do Secretário da Fazenda Elcio Rigon, da então Coordenadora de Ensino, Dianete Antonioli Cristianetti, da professora Dalva Rochelen Piccolli Simoneto e da professora auxiliar Elene Graciela Carbonera Bristot.

A professora Elene, que esteve presente em dezenas de cerimônias de formaturas dos educandos de Pré-Escola da escola em questão, foi a professora que participou do processo de formação da primeira turma da escola. “Para a ocasião, confeccionamos um chapeuzinho preto, que eles usaram, junto do uniforme, que eles ganharam naquele primeiro ano. Esse uniforme era sem logo. Ele era azul, vermelho e branco, e devia estar escrito *Nostris Bambini*” (Elene Graciela Carbonera Bristot, 2023).

Figura 28 documenta, em forma de fotografia, o registro da turma que iniciou a tradição das formaturas do educandário.

Figura 28 – Primeira turma a concluir seus estudos na EMEI *Nostris Bambini*, 1999



Fonte: Arquivo fotográfico de Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

Na imagem, encontra-se, bem à esquerda da foto, a professora Elene; ao lado dela, o prefeito municipal da época, Vilmor; no centro da fotografia, a turma de formandos; na extremidade direita, de cabelo longo, a professora Dalva; e, ao lado dela, a coordenadora de ensino Dianete. Nessa figura observamos as crianças, na sua maioria, com o uniforme relatado pela professora Elene e todas com o chapéu preto, confeccionado pelas professoras, também mencionado no relato da professora Elene.

Ainda sobre o referido dia, “as crianças todas trouxeram um pratinho de doces e cantaram a mesma musiquinha cantada na cerimônia de inauguração da escola.” (Elene Graciela Carbonera Bristot). Com base nessa fala, percebemos que outra tradição bem presentes nas festividades sediadas pelo referido educandário se dá na mesma sequência: pronunciamentos, apresentação artística protagonizada pelas crianças e, por fim, momento de confraternização com comidas. Cabe ressaltar que a tal “musiquinha” mencionada na fala da professora Elene refere-se à música *Era uma Vez*¹⁷.

Abaixo, consta no Quadro 8 a relação de alunos atendidos no primeiro ano de funcionamento da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*:

Quadro 8 - Relação dos primeiros alunos a frequentar a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, 1999

<i>Nome completo do (a) aluno (a):</i>
Bruno Marchesini
Eduarda Maschio
Fabício Didoné
van Begossi
José Junior Santana de Moraes
Juliana Massignan
Keila Omizzollo
Leandro Longaretti
Lucas de Vargas
Marlon Santana
Mariele Dalla Corte
Sandra Omizzollo
Taíola Didoné
Taís Costella
Taís de Vargas
Tamara Loticci

Fonte: arquivos da secretaria da EMEI Nostri Bambini

Lembrando que, segundo os documentos legais, a Escola Infantil *Nostri Bambini* tinha capacidade para atender 50 crianças e, de acordo com o quadro acima,

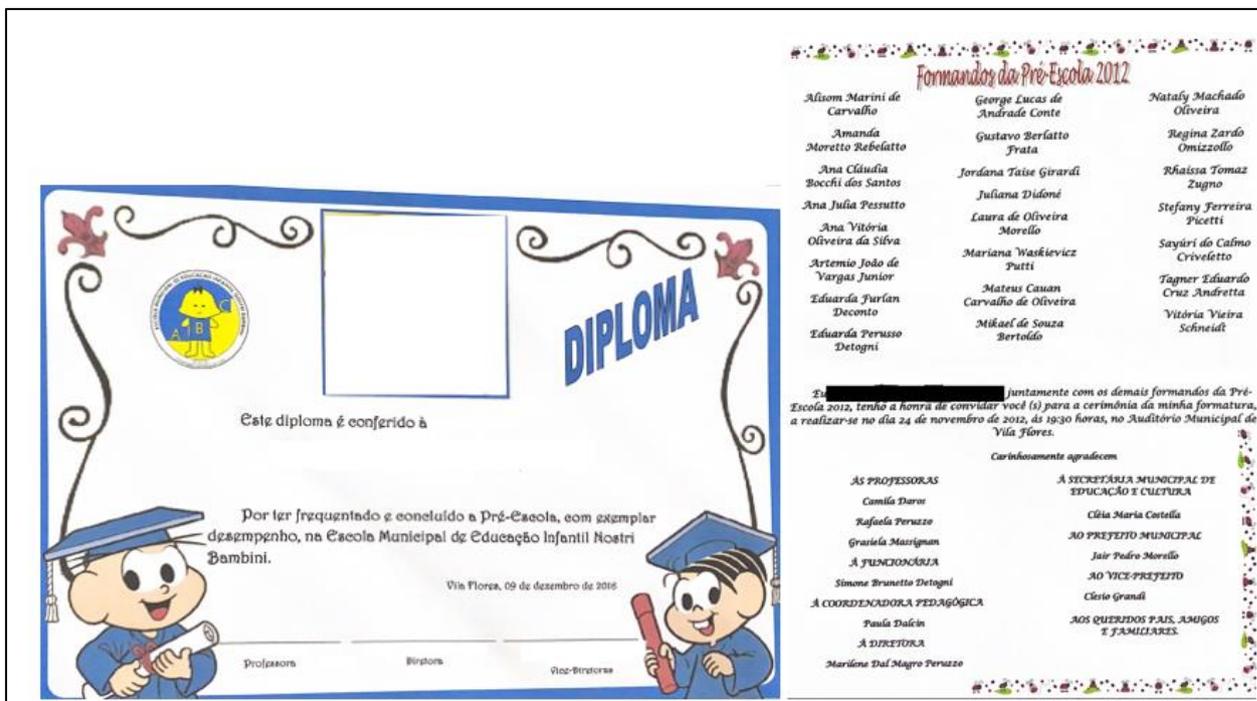
¹⁷ Era uma Vez é uma música de Sandy, Junior e Touquinho., lançada no ano de 1997. Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/144510/>. Acesso em 29 set. 2023, às 22h27.

encerraram-se as atividades do primeiro ano letivo, em 1999, com apenas uma turma contendo 16 matriculados. Isso reforça a tese do prefeito do período, Vilmor Carbonera, o qual lembra que “Até não foi acelerado o processo de construção (da escola) em 96/97, porque não tinha procura por parte da população.” (Vilmor Carbonera, 2023).

Nos anos seguintes foram se repetindo os eventos de cerimônia de formatura das turmas que estavam se despedindo da referida escola. Em 1999, como já mencionado, a festividade se deu de maneira mais simples. Sendo que o primeiro cerimonial, mais formalizado, se deu no ano de 2002, quando houve uma produção maior. A partir de então, tal festividade contou com protocolo, tendo, por vezes, o pronunciamento do prefeito municipal, da secretária de educação, da diretora da escola e da professora regente da turma. Já as crianças protagonizavam peças teatrais, musicais, além da formalização do evento com o ato de receber o diploma e a colocação do capelo.

A professora e pedagoga do educandário Marilene (2023) relata que as formaturas eram algo de relevância na escola, que contavam “com um cerimonial exuberante” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023). Sendo essa uma tradição, há na referida escola um corredor onde encontram-se anexados, em ambos os lados das paredes, quadros com todos os formandos, desde 1999 até os dias de hoje. Para tal cerimônia, eram confeccionados convites e entregue, para cada formando, um diploma personalizado. Podemos observar na Figura 29 um modelo de diploma, o qual foi confeccionado para a festividade que ocorreu no ano de 2016 e um convite, que foi produzido para a formatura que ocorreu em 2016:

Figura 29: Modelo de diploma e convite confeccionados para as cerimônias de formatura da EMEI *Nostri Bambini*



Fonte: Acervo documental da Escola Municipal de Educação Infantil Nostri Bambini.

Tal momento era especialmente importante na vida escolar de toda a criança que vivenciou tal festividade na *Nostri*. A exemplo disso, Andressa, que foi formanda na referida escola na turma de 2002, relata: “Lembro da formatura do Pré, em especial. Passamos longos meses ensaiando a história da Chapeuzinho Vermelho.” (Andressa Bristot, 2023). Isso mostra que, para que o evento superasse as expectativas de todos os envolvidos, as professoras precisavam contextualizar parte do espetáculo com suas propostas pedagógicas.

Para que as apresentações protagonizadas pelos educandos saíssem perfeitamente, os alunos dedicavam considerável parte da carga horária escolar, como relata Andressa, ensaiando para o evento. Diante disso, a mãe de duas ex-alunas da escola relembra que “a formatura era linda! A professora organizava um teatro. Eles ensaiavam muito... Saíam verdadeiras apresentações!” (Lenara Bocalon Montagna, 2023). Isso indica que tal festividade era um momento muito especial, além de ser para as crianças, para suas famílias.

Abaixo, na Figura 30, encontra-se o registro de uma dessas apresentações feitas pelas crianças nas cerimônias de formatura das turmas de Pré-Escola da EMEI *Nostri Bambini*.

Figura 30 – Espetáculo teatral encenado por crianças de Pré-Escola da EMEI *Nostrì Bambini*, 2009



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostrì Bambini*.

Na imagem da Figura 30, percebemos a presença de algumas crianças, caracterizadas, dramatizando uma peça teatral, na cerimônia de formatura do ano de 2009. Aqui, percebemos a tamanha produção preparada para o evento. Existe um painel pintado, que dá ideia de um lugar em meio à natureza, um arco-íris, com balões coloridos, um tecido azul, no canto direito da imagem, que possivelmente representa um rio, ou uma cachoeira. Além disso, percebemos a presença de um suporte contemplando uma câmera. Possivelmente o aparato estava ali com o objetivo de registrar, através de vídeo, tal momento. Esse evento ocorreu no Auditório Municipal de Vila Flores.

Nesta perspectiva, onde encontram-se as famílias, as crianças e demais espectadores, para prestigiar uma vivência especial na vida escolar dos educandos, Fernandes (2008) traz considerações pertinentes, ao descrever como se dá o momento:

Podemos caracterizar essa cerimônia como um espetáculo, um palco onde estão centralizadas as atrações, nesse caso, as crianças e os espectadores que constituem a plateia que ocupa um lugar privilegiado para olhar o

espetáculo. Além dessas características, encontramos também a figuração, o cenário, toda tecnologia disponível para não perdermos um detalhe e registrarmos esse momento, podendo recuperá-lo sempre que quisermos (FERNANDES, 2008, p. 108).

Na mesma noite em que as crianças encenaram a peça acima, as crianças receberam o diploma. Assim, tal evento foi dividido em dois momentos. Na imagem da Figura 31 veremos os formandos participando do ato formal.

Figura 31 - Crianças da Pré-Escola recebendo seus diplomas de formatura, no ano de 2009



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*.

Ao analisar a figura, percebemos que o cenário é o mesmo que aparece na Figura 30, o que indica que os dois momentos se deram na mesma noite, sendo esses protagonizados pelas mesmas crianças. Na imagem, os educandos aparecem de toga, capelo e cada um com seu diploma em mãos. Os formandos estão dispostos em fileira, sentados lado a lado e as professoras responsáveis estão atrás deles, em pé.

Tal evento foi se fortalecendo ano após ano e se tornou uma tradição e referência daquele educandário. A cerimônia era bancada pela escola, nos primeiros anos, porém, devido às suas proporções, tornou-se inviável manter tal festividade. Em função disso, “por alguns anos tentou-se extinguir, mas já é tradição” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023), então não foi aceito pelos pais. Como “as famílias querem e hoje pagam para isso acontecer, sempre com a organização da coordenação da

escola” (Marilene Dal Magro Peruzzo, 2023), a cerimônia de formatura ocorre, sem exceção, anualmente, desde 1999 até os dias atuais.

Na fala da professora Marilene fica evidente a tradição cultural das formaturas, e sua importância na vida dos educandos e de suas famílias, a qual se tornou hábito no término letivo da escola. Assim, naquele educandário, tais celebrações tornaram-se costume e fazem parte da identidade da instituição. Assim evidenciam-se as tradições dentro da cultura escolar, e essas, por sua vez, geram memórias que se tornam referência aos nos reportarmos para tal fato. A fim de reforçar o que foi dito, julgo importante a contribuição de Benito (2017):

Nem todo o passado se recorda, nem tudo o que recordamos é a fiel expressão do passado recuperado na memória. Existe, em todo o sistema de cultura, uma tradição ativa; outra depositada no disco rígido da memória, que pode ser reativada; e zonas importantes que configuram e extensa e profunda região do esquecimento. A tradição viva pode expressar, em suas manifestações, a persistência de certos padrões de cultura encarnados na conduta dos atores, em forma de usos ou hábitos (BENITO, 2017, p. 156).

Por fim, podemos perceber que as festividades evidentemente contribuíram para a construção histórica do processo pedagógico da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*. Tais celebrações contavam com expressiva participação das famílias e da comunidade local. Tradicionalmente existia uma apresentação artística, por meio de dança, música ou dramatização, protagonizada pelas crianças, além de confraternizações regadas a quitutes. Assim, as principais festividades presentes no contexto escolar da *Nostris* eram relacionadas a família (Homenagem ao Dia das Mães e Pais, que posteriormente foram substituídas pela Festa da Família), a religiosidade (Páscoa, São João, Natal) e Formatura da Pré-Escola, que também levava em conta o contentamento por parte dos familiares das crianças.

Portanto, encerro o capítulo 4 evidenciando as culturas infantis, imbricadas às culturas escolares que se fizeram presentes na Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, ao longo dos 20 anos pesquisados. Nesse sentido, creio ter transmitido os costumes, as brincadeiras preferidas, a maneira como foi conduzido o processo metodológico curricular, bem como evidenciado as principais festividades no decorrer do período. Somando tudo isso, se tornou possível compreender, do ponto de vista pedagógico, a identidade da *Nostris Bambini*, com suas tradições e culturas predominantes, sendo que é isso que a torna singular, em meio a tantas instituições educativas infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho narra parte da minha história profissional. Isso porque sou docente no educandário pesquisado, desde o ano 2017. Concluir esse percurso de pesquisa, busca, descobertas e encontros foi de grande crescimento, tanto profissional, quanto pessoal. Na medida em que fui me constituindo pesquisadora, deparei-me com fatos históricos relevantes para a educação do município de Vila Flores-RS. Ao discorrer da narrativa, adentrando especificamente na Educação Infantil, obtive, como produto final a construção de uma narrativa histórica da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*. Essa por sua vez, que foi a primeira e, por mais de 20 anos, a única escola de nível infantil de tal município, delimitou o objeto de estudo desta pesquisa.

Ao iniciar o percurso investigativo com o objetivo de pesquisar como se deu o processo de formação histórica, no período de 1999 até o ano de 2019, da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, no município de Vila Flores/RS, entendi que se fazia necessário evidenciar as culturas infantis, práticas pedagógicas, bem como os espaços e tempos escolares. Para atender a tal objetivo, realizei entrevistas e busca de documentos.

A escola conta com uma secretaria, onde há seus arquivos devidamente identificados, organizados e armazenados em fichários. Isso possibilitou que eu os acessasse para realização da pesquisa documental. Por mais que tenha sido viável localizar diversos registros relacionados à história da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, houve expressiva dificuldade em dispor de documentação acerca da historicidade da educação de Vila Flores/RS, visto que tive meu acesso restrito em relação aos arquivos da Secretaria Municipal de Educação, bem como ao acervo da prefeitura municipal.

Diante disso, esta pesquisa foi constituída pela busca da construção de uma versão possível acerca da história da educação infantil de Vila Flores/RS, bem como da Instituição Infantil *Nostris Bambini*, sendo analisado e baseando-se em diferentes olhares, através das narrativas das professoras, gestoras, alunos, familiares de alunos que frequentaram o referido educandário, além de munícipes vilaflorenses e gestor público. Dessa forma, o presente estudo se deu pela sistematização dessas fontes e

triangulando-as com referenciais teóricos, a fim de apresentar parte da história da educação.

Com relação à maneira com que se deu a municipalização da Educação Infantil em Vila Flores/RS, questioneei: Como se deu o processo de formação histórica e institucional da Escola Municipal *Nostris Bambini* de Vila Flores/RS, desde a sua inauguração em 1999 até 2019, levando em conta as culturas infantis que constituíram e ainda constituem esse educandário?

Entendo que ainda existe muito para ser investigado sobre a educação no município de Vila Flores. Junto a isso, ainda há muito a ser pesquisado sobre a educação infantil do município, sobre a municipalização e consequente responsabilidade relativa a tal nível de ensino. Existem memórias a serem exploradas e referenciadas, por outro viés da educação, bem como metodologias a serem discutidas na educação infantil de tal localidade. Contudo, esta dissertação auxilia na compreensão da História da Educação – especialmente sobre o processo histórico e institucional de uma escola infantil, que acredito servir de estímulo para outros estudos.

A fim de compreender o processo constitucional da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, foi necessário contextualizar a instituição no espaço onde está inserida, ou seja, o município de Vila Flores/RS. Para isso se considerou sua colonização e a localização. O então Distrito de Alfredo Chaves (atual Veranópolis) foi habitado inicialmente por descendentes de italianos. Esses foram os responsáveis pela construção de pequenas capelas, que abrigaram igrejas católicas, além de gerar renda através da agricultura, inicialmente. A movimentação relacionada à educação se deu por meio de aulas ministradas na casa de alguns moradores e mais adiante no Salão Paroquial do município, com turmas multisseriadas.

Vila Flores, que teve sua economia baseada em atividades do setor primário e secundário, sendo agricultura e empresas produtoras de válvulas e microfusão, respectivamente, passou por diversas mudanças relacionadas aos setores político, econômico, social e cultural, até se emancipar. Tornou-se município independente no ano 1988, com isso, houve gradativamente um crescimento ao longo dos anos seguintes.

Ao nos reportarmos à área educacional do referido município, lembramos que no ano 1900 foi criada a primeira escola nas proximidades de “Pinheiro Seco” (era

como se chamava o distrito, então município de Vila Flores). Ela ficou conhecida pelo nome de Escola Governativa. Ali, além de lecionar, os professores, que vinham de outras cidades, também moravam. O primeiro professor em Vila Flores foi o senhor Luiz Carbonera, que lecionava em língua italiana e adaptou parte de sua casa para fornecer uma espécie de escola para as crianças. Passado algum tempo, a comunidade recebeu seu primeiro professor público, o senhor Zoraido Arizzi.

A professora lembrada e citada nos relatos dos munícipes entrevistados é a professora Dozolina Boff. Segundo relatos, a escola onde a referida docente lecionava era de madeira e havia uma única turma, multisseriada. A professora separava as crianças por série, de acordo com a faixa etária, até a 5ª série (equivalente ao ensino fundamental hoje) e dava aula para todos. Por volta de 1973, parte do salão paroquial da comunidade de Vila Flores precisou de adaptação e abrigou salas de aulas de todo o Primeiro grau, devido ao aumento no número de alunos que procuravam a escola e também com a implantação das 6ª e 7ª séries. Ressalto que atualmente há uma escola estadual em Vila Flores que leva o nome da professora *Dozolina Boff*.

A Constituição de 1988, que trouxe consigo alguns traços de mudança como estabelecimentos de ensino serem instalados em prédios de alvenaria, afetou também Vila Flores. Além disso, ao longo dos anos foram criadas pequenas escolas nas comunidades do interior do município, que correspondiam ao nível de 1º grau – atual nível de educação básica. Em 1996, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), muitas dessas escolas do interior foram fechadas, devido ao expressivo êxodo rural.

Em Vila Flores, os alunos foram remanejados para outras escolas, onde havia uma estrutura melhor, que atendia mais alunos e contava com mais profissionais da educação. Além da nucleação, o município passou por uma readequação na estrutura física dos prédios, além de reformas elétricas e outras reformas exigidas pelas normas técnicas e de segurança. Atualmente, a rede municipal de ensino de Vila Flores conta com três escolas, sendo a EMEF Doze de Maio, que atende crianças do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, e duas escolas de educação infantil, EMEI *Nostris Bambini*, que atende crianças de nível Pré-Escolar e a EMEI Quintal das Crianças, que atende crianças de nível de creche, ou seja, de 4 meses aos 3 anos e 11 meses de idade. Além dessas, o município conta ainda com a Escola Estadual Dozolina Boff, que

atende somente alunos do ensino médio, e um Polo Universitário de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A responsabilização pela etapa escolar que compreende a educação infantil, se deu, em partes e de maneira não obrigatória, pelo município de Vila Flores, no ano de 1999, com a inauguração da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini*, sendo criada por reivindicações da comunidade. Somado a isso, os municípios, em geral, estavam sendo responsabilizados a financiar esse atendimento a tal nível de ensino. O fato veio a se oficializar no ano de 1999, com o Decreto nº 1043, de 3 de maio, que, criou, oficialmente, o educandário. O nome “*Nostris Bambini*” foi dado à escola através de um concurso realizado para a comunidade escolar.

A pesquisa realizada sobre a Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* mostra que a instituição passou por constantes transformações no seu funcionamento e espaço físico. Isso porque, inicialmente, contava apenas com uma professora e uma auxiliar de educação infantil, que eram responsáveis pelo atendimento das crianças, apenas turno da tarde, e contava com somente uma turma de 16 alunos. Além disso, essas profissionais eram responsáveis pela limpeza do prédio e pela alimentação das crianças. A escola recebeu sua primeira gestora no ano de 2004, que atuava sob regime de 30 horas semanais. A partir dali a parte burocrática passou a ser realizada pela diretora e nesse mesmo período foi criado o CPM (Círculo de Pais e Mestres) da escola.

A Escola Municipal de Educação *Nostris Bambini* completa seus 15 anos de funcionamento no ano de 2014, quando passou a receber as crianças em turno integral. O fato se deu concomitante à implantação da 1ª creche municipal, e passou a atender crianças a contar de 4 meses de idade. A partir de então, além de funcionar em turno integral, passou por grande ampliação no seu quadro funcional, a fim de viabilizar o atendimento de toda a demanda. Por esse motivo, a Escola, contou com uma diretora, em dois turnos, manhã e tarde, e uma vice-diretora.

No ano de 1999, quando se inaugurou o referido educandário, os espaços físicos eram delimitados. Na escola “tinha 2 salas de aula, o refeitório[...], os banheiros, a cozinha e mais uma sala, que chamávamos de sala de jogos. Essa era a estrutura da escola.” (Elene Graciela Carbonera Bristot). É possível afirmar que a frente da instituição, na parte de fora do cercado, e até mesmo a rua não estavam

calçadas. Em função da delimitação física, por muitos anos, a EMEI *Nostris Bambini*, que atendia crianças de 3 a 5 anos, não as separava por faixa etária.

Em 2009, devido à Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que traz alterações na redação dos artigos. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394/96, que determina as diretrizes e bases da educação nacional, posicionando-se sobre a duração de 9 anos para o ensino fundamental, tendo obrigatoriedade na matrícula a contar dos 6 anos de idade, o município de Vila Flores responsabilizou-se pela primeira etapa da educação básica, a educação infantil, que agora passava a ser obrigatória para crianças com 4 anos completos.

Devido às circunstâncias, a Escola Infantil *Nostris Bambini* precisou se reestruturar e se readaptar para poder oferecer vagas de Jardim de Infância, para crianças com 4 anos, e de Pré-Escola, para crianças com 5 anos de idade.

A partir do momento em que a Etapa Pré-Escolar passou a ser obrigatória e legalmente responsabilidade do município de Vila Flores, as crianças que vinham sendo atendidas pelas escolinhas estaduais, passaram a ser matriculadas na EMEI *Nostris Bambini*.

Devido à falta de espaço para acolher todos os educandos, foi necessário alocar outro espaço, para acolher as crianças da turma da Pré-Escola. Com isso, a primeira turma de nível Pré-Escolar, atendida pela rede pública municipal de educação de Vila Flores, foi numa sala cedida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doze de Maio. No ano de 2010, a *Nostris Bambini* contava com 4 turmas. Essas crianças tinham faixa etária entre 3 e 5 anos e estavam distribuídas em turmas de Maternal, Jardim de Infância e Pré-Escola.

Em 2012, a *Nostris Bambini* passou por outra reforma de ampliação, a partir da qual foi construída mais uma sala, a fim de atender todos os alunos na sede da escola. Objetivando implantar a creche, para proporcionar atendimento de crianças a partir de 4 meses de idade, tornou-se inevitável a construção de novas salas, o que acarretou em outra obra na escola, nos anos de 2013 e 2014. Depois disso, a escola atendeu, de 2014 a 2016, crianças de zero a seis anos na sua sede, oferecendo vaga em turno integral para todos.

A fim de cessar a fila de espera para crianças que necessitavam ser inseridas na creche, numa decisão conjunta entre as autoridades competentes do referido município, optou-se, no ano de 2016, em realocar as crianças com idade Pré-Escolar,

que contemplavam turmas de Jardim de Infância e Pré-Escola, em salas cedidas pela Escola Estadual de Ensino Médio Dozolina Boff. “Depois que iniciaram as atividades com crianças com idade de creche, a escola precisou passar por uma readaptação para que pudesse ser atendida toda a demanda, então o município locou algumas salas em outras escolas” (Marilene Dal Magro Peruzzo).

Outro ponto a se destacar, com base na pesquisa, é o público alvo que constitui a EMEI *Nostris Bambini*. O corpo discente é formado por crianças de famílias, na sua maioria, com baixo poder aquisitivo e filhos de pais trabalhadores, que residem em diferentes áreas da cidade de Vila Flores. Entende-se que naquele educandário as culturais infantis eram preservadas e, ao mesmo tempo, compartilhadas com os demais. Essa socialização recriou, reproduziu e constitui na escola novas culturas infantis, as quais se misturavam com as culturas escolares. A exemplo disso, podemos citar as cantigas de roda e as brincadeiras de faz-de-conta.

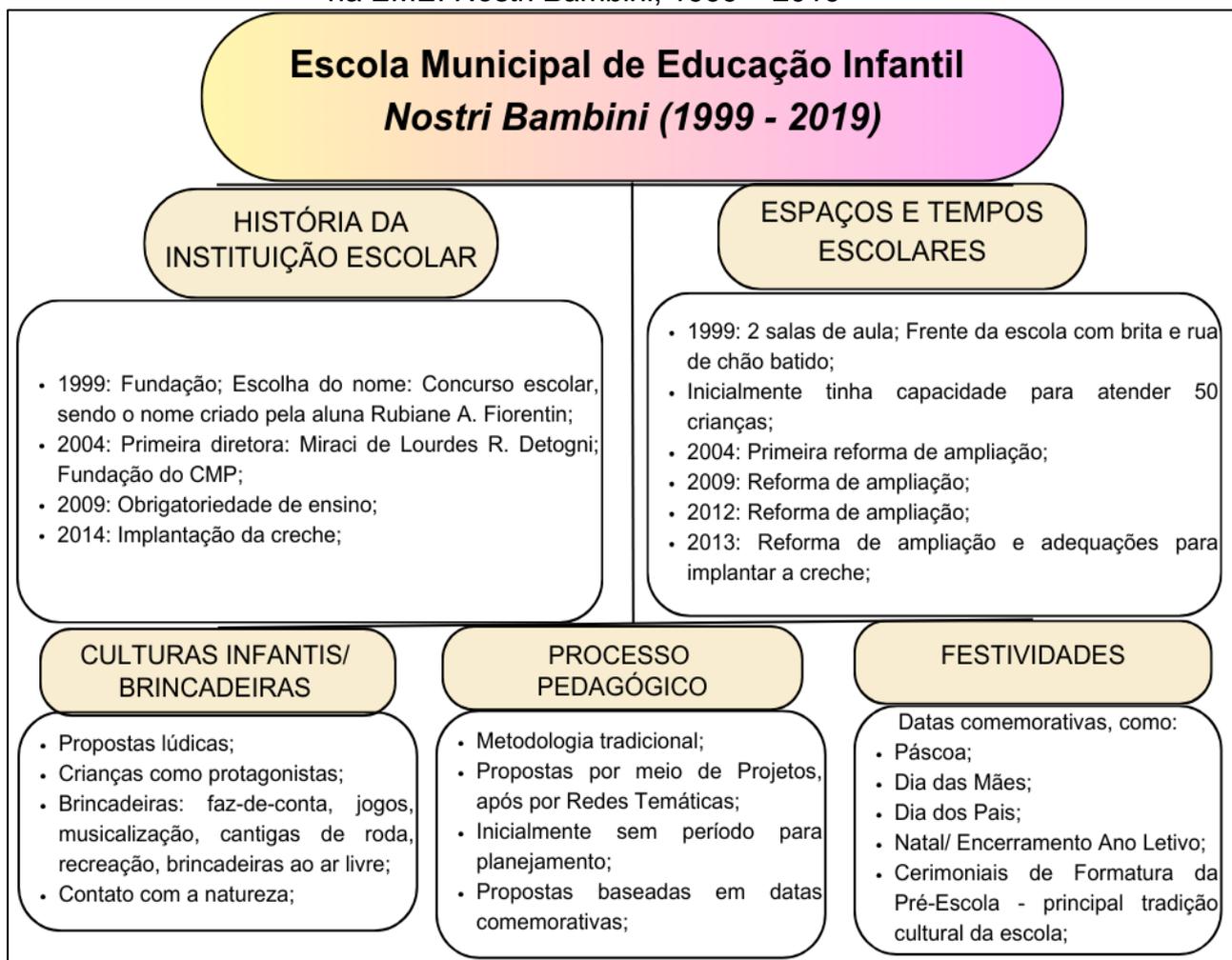
Para que houvesse essas manifestações, a escola contava, além das salas de aula, “tinha o parque, o solário, tínhamos também uma televisão para eles assistirem desenho.” (Maria de Lurdes Piccetti Frata, 2023). Outro espaço muito apreciado pelas crianças, que propiciou diversas trocas entre pares na EMEI *Nostris Bambini*, é o parque ao ar livre, com playground.

O processo metodológico pedagógico do referido educandário se deu através de projetos. No contexto da EMEI *Nostris Bambini*, trabalhar por Projetos compreendia explorar um tema isolado, e, ao seu término, iniciava-se outro. Vale lembrar que, nos primeiros anos de funcionamento da escola, não era proporcionado um tempo, dentro da carga horária do professor, sem o contato com as crianças, para a organização das propostas a serem desenvolvidas. Em 2014, quando a EMEI *Nostris Bambini* passou a atender crianças de 0 a 5 anos de idade e estendeu seu horário de funcionamento para turno integral, as auxiliares de educação infantil tornaram-se suporte fundamentais também para as professoras titulares. Em 2017, a metodologia da escola migrou de Projetos para Redes Temáticas, prática metodológica em que um assunto se interliga a outro. Como mencionado pela então diretora do educandário, acreditava-se que fazia mais sentido, para aquela comunidade escolar, desenvolver as propostas dessa maneira. Destacam-se as datas comemorativas, que estiveram presentes na organização curricular da instituição.

Ao trabalhar as datas comemorativas, muitas delas tinham como culminância uma comemoração relacionada. Assim, havia várias festividades presentes no decorrer do ano letivo da referida escola. A professora e pedagoga Marilene (2023) relata que “nessas datas, nós quanto escola, tínhamos que realizar apresentações. Tínhamos que mostrar para os pais algo que estava na cultura da nossa cidade.” Com base em registros, constata-se que as que ocorreram com maior frequência foram festas relacionadas a Páscoa, ao Dia das Mães, ao Dia dos Pais, a São João, ao Natal e às cerimônias de formatura, sendo que as Formaturas das turmas de Pré-Escola tornaram-se, ao longo dos anos, a principal cultura escolar presente da EMEI *Nostrì Bambini*.

Desse modo, na Figura 32, a seguir, mostro, elencado em itens, as principais conclusões referentes ao estudo realizado:

Figura 32 - Evidências principais dos espaços e tempos e culturas infantis presentes na EMEI *Nostrì Bambini*, 1999 – 2019



Fonte: Organização da autora.

No decorrer do processo de pesquisa, identifiquei, através dos registros documentais e das narrativas dos entrevistados, outras possibilidades de pesquisa acerca da educação infantil no município de Vila Flores/RS. Nesse sentido o entendimento de como se dava o atendimento às crianças de Pré-Escola, antes de municipalizar e tornar obrigatório tal nível. Com isso, uma pesquisa para obter a identificação de quais eram as escolas, que faziam esse atendimento, bem como ter o conhecimento de quais eram as comunidades no interior do município que tinham esse atendimento. Um estudo sobre a estrutura física desses prédios, bem como seu funcionamento. Além disso, creio que outra contribuição expressiva para o município de Vila Flores/RS, seria a história biográfica da professora Dozolina Boff, perante suas contribuições para a educação de Vila Flores. Dentre outras tantas possibilidades de pesquisa, destaco o estudo da metodologia a ser utilizada na EMEI *Nostris Bambini*, a contar de 2019, pois houve uma ruptura muito expressiva na maneira de se pensar aquela escola como um todo, mas especialmente no que se relaciona às suas culturas infantis e culturas escolares.

Ao término desta dissertação, fico com a sensação de dever cumprido por ter dado minha parcela de contribuição acerca da História da Educação do município e seu entorno, especialmente, da educação infantil de Vila Flores/RS.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, Comissão de Estudos Municipais. **Os novos municípios do Rio Grande do Sul**: Vila Flores. Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, 1988.

AURELIO, Dicionário de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em 10 fev. 2023

BACCA Ademir Antonio, ROCHA Luis Henrique. **150 ANOS Imigração Italiana Rio Grande do Sul** – Volume II1. Bento Gonçalves - RS: Projeco Cultural Sur/Brasil, 2020.

BENITO, Augustín Escolano. **A ESCOLA COMO CULTURA**: experiência, memória e arqueologia. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

BENITO, Augustín Escolano. **Emoções & Educação**. A construção histórica da educação emocional. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2021.

BRASIL, [Alteração da Lei nº 9394 (1996)]. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em 22 ago. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

BRASIL, [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)]. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f5o3Y61UMJpWT25a>. Acesso em 15 set. 2023.

BRASIL, [Lei nº11.738 (2008)] Regulamenta a alínea “e” do inciso III do **caput** do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm. Acesso em 13 set. 2023.

BURKE, Peter. **A nova história, seu passado e seu futuro**. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

BUSINES EDUCAÇÃO, **Políticas Públicas na Educação**: Quais são, importância e como são aplicadas. Disponível em <https://fia.com.br/blog/politicas-publicas-na->

[educacao/#:~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20as%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%3F,-Pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20para&text=As%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20correspondem%20%C3%A0s%20medidas%20tomadas%20no,nos%20termos%20do%20artigo%20205.](#)

Acesso em 24 ago. 2023

CHARTIER, Roger et al. **A história cultural.** Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

COELHO, Fernanda Mendes Cabral Albuquerque et al. **Crianças, infâncias e culturas infantis:** epistemologias e subjetividades em narrativas fotoetnográficas, [S.l.:s.n], 2018.

CRUZ, G. A.; SARAT, M. História da Infância no Brasil: contribuições do processo civilizador. **REVISTA EDUCAÇÃO E FRONTEIRAS ON-LINE**, v. 5, 2015, p. 32-45.

DE MATOS D'ALMEIDA, Késia Pereira. **A obrigatoriedade da educação infantil:** governamentalidade e refinamento das técnicas de governo. Cidade: Editora 2014

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança:** Volume 1: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre. Penso Editora, 2015.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança-vol. 2.** A experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre. Penso Editora, 2016.

FEDERAL, Senado. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** 2005.

FERNANDES, Cinthia Votto. **Eu gosto de brincar com os do meu tamanho!:** culturas infantis e cultura escolar-entrelaçamentos para o pertencimento etário na instituição escolar. [S.l.:s.n], 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Editora Paz e terra, [S.I.], 2014.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; ARAÚJO, José Carlos de Souza; GATTI JÚNIOR, Décio. **Novos temas em História da Educação Brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Editora, 2002, p. 7-34.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. **História da Educação:** sensibilidades, patrimônio e cultura escrita. História da Educação. v. 24, [S.l.:s.n], 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo-SP: Editora Revista dos Tribunais LTDA, [S.l.], 1990.

JÚNIOR, Décio Gatti; DO VALE GATTI, Giseli Cristina. A História das Instituições Escolares em Revista: fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 18, n. 2, [S.l.:s.n.], 2016, p. 327-359.

LETRAS, **Era uma Vez (Sandy e Junior)**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/144LWW510/>. Acesso em 29 set. 2023.

LIVRO DE ATAS de Abertura e Encerramento do Ano Letivo da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* – Acervo documental do educandário.

LIVRO DE ATAS de Datas Comemorativas da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* – Acervo documental do educandário.

LIVRO DE ATAS do Conselho Escolar, ano 2016, em andamento da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostris Bambini* – Acervo documental do educandário.

LONGHI Orido, RIGO Adelar. **Pinheiro seco**: Os italianos de Vila Flores. Porto Alegre: EST, 1981.

LUCHESE, Terciane Ângela. **Modos de fazer história da educação**: pensando a operação historiográfica em temas regionais. *História da Educação*, v. 18, [S.l.:s.n.], 2014, p. 145-161.

LUCHESE, Terciane Ângela. **História das instituições escolares, um olhar teórico-metodológico**. Instituições, histórias e culturas escolares. Caxias do Sul: Educus, 2018, p. 55-68.

LUSTIG, Andréa Lemes et al. **Criança e infância**: contexto histórico social. IV Seminário de Grupos de Pesquisa Sobre Crianças e Infâncias-Ética e Diversidade na Pesquisa, Goiânia: Cegraf, 2014.

MAGALHÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, v. 18, n. 38, [S.l.:s.n.], 2017, p. 81-142.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos**. História das instituições educativas. Cidade: Editora Universitária São Francisco-EDUSF, 2004.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. Campo Grande: UCDB, 2012.

NEVES, Simone Aparecida; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Representações da infância em memórias e autobiografias-Minas Gerais (1900-1960)**. História da Educação, v. 20, [S.l.:s.n], 2016, p. 259-280.

NÓVOA, António. **Carta a um jovem investigador em Educação. Investigar em Educação**, v. 2, n. 3, [S.l.:s.n], 2016.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **As muitas facetas de um historiador da educação**. Revista Brasileira de História da Educação, 22. [S.l.:s.n], 2022.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista Histedbr on-line**, v. 9, n. 33, 2009, p. 78-95.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

PREFEITURA DE VILA FLORES. História. Vila Flores/RS. Disponível em: <https://www.vilaflores.rs.gov.br/paginas/sobre-vila-flores/histria-de-vila-flores>. Acesso em: 10 maio 2022.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, 2003 a 2012 – Acervo documental do educandário.

PROPOSTA PEDAGÓGICA da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, 2014, s/n p.).

REGIMNETO ESCOLAR da Escola Municipal de Educação Infantil *Nostri Bambini*, 2010 – Acervo documental do educandário.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

RIVERO, Andréa Simões et al. **O brincar e a constituição social das crianças e de suas infâncias em contexto de educação infantil**. Florianópolis: Repositório Institucional da UFSC, 2015.

SANTOS, Priscilla Menescal Vieira dos et al. **Das infâncias naturalistas à infância histórica: um estudo à luz da crítica de LS Vigotski à psicologia infantil**. Goiânia: Repositório da UFG, 2019.

SCHIAVO, Ana Cristina. **Experiências escolares da infância**. Belo Horizonte: Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

SIGNIFICADOS, **Significado de Checklist**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/checklist/>. Acesso em 13 set. 2023.

SILVA, Rutinéia Cristina Martins et al. **A construção do sujeito histórico na educação infantil**. São Paulo: Repositório Institucional UNESP, 2010.

SILVA, Keila Maria de Araujo et al. **Infâncias que (se) falam**: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação. Rio de Janeiro: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRJ, 2019.

SOUZA, José Edimar de (Org.). **Grupos escolares no Rio Grande do Sul**: escolarização primária em perspectiva regional no século. 2. ed. São Leopoldo-RS: Oikos, 2022. 266 p.

VINÃO FRAGO, A. Historia de la Educación e Historia Cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. Nº. 00. Set/Out/Nov/Dez. 1995, p. 63-82.

XERRI, Eliana Gasparini; BARELLA, Sandra Maria Favero. **História, desenvolvimento e projeção de Vila Flores**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020.

Lista dos entrevistados:

BRISTOT, Andressa. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em janeiro de 2023.

BOCALON, Lenara Montanha. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em março de 2023.

BRISTOT, Elene Graciela Carbonera. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em janeiro de 2023.

CARBONERA, Vilmor. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em março de 2023.

CONTE, Mariza. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em janeiro de 2023.

DAROS, Camila. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em dezembro de 2022.

DETOGNI, Miraci de Lourdes Rastelli. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em março de 2023.

FRATA, Maria de Lurdes Piccetti. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em dezembro de 2022.

PERUZZO, Marilene Dal Magro. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em março de 2023.

RIGON, Lucinda Comaquio. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em julho de 2022.

SIMONATO, Lino Lydio. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em julho de 2022.

SIMONETTO, Dalva Rochelen Picoli. Entrevista concedida a Priscila Ghellere em agosto de 2022.

ANEXO 01 – DECRETO EXECUTIVO Nº 1.043, DE 03 DE MAIO DE 1999



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
GABINETE DO PREFEITO
VILA FLORES



DECRETO EXECUTIVO Nº 1.043, DE 03 DE MAIO DE 1999.

CRIA UMA UNIDADE ESCOLAR INFANTIL, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS

VILMOR CARBONERA, Prefeito Municipal de Vila Flores, no uso de das atribuições que são lhe conferidas pela Lei Orgânica Municipal

DECRETA:

Art. 1º. Fica criada a a partir desta data, uma unidade escolar municipal de ensino infantil, localizado no Bairro Vila Nova, Barro Preto, Vila Flores.

Art. 2º. - A escola criada denominar-se-á "ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL NOSTRI BAMBINI".

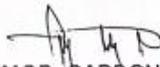
Art. 3º. - A referida escola funcionará em prédio próprio construído por esta Prefeitura.

Art. 4º. - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º. - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE VILA FLORES, aos 03 de maio de 1999.

Por determinação do Sr. Prefeito
03/05/99


VILMOR CARBONERA
PREFEITO MUNICIPAL

AVENIDA DAS FLORES, 170 - CENTRO
FONE/FAX: (054) 447-1313
CEP 95334-000 - VILA FLORES - RS



**ANEXO 2 – NOTA INFORMATIVA PARA DIVULGAÇÃO DE CONCURSO PARA
ESCOLHA DO NOME DA ESCOLA, EM ABRIL 1999**

	<p>REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL</p> <p>SECRETARIA DA EDUCAÇÃO</p> <p>VILA FLORES</p>	
---	--	---

Senhores Pais,

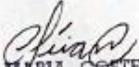
Estamos lançando o concurso para escolha do Nome Fantasia da Escola Municipal de Educação Infantil.
Como o seu filho faz parte da primeira turma, estamos oportunizando a sua participação nesta escolha.

PARTICIPE! DE A SUA OPINIÃO!

NOME _____

NOME _____

Vila Flores, 22 de abril de 1999.


CLEIA MARIA COSTELLA
Secretária de Educação
• Cultura

AVENIDA DAS FLORES, 170 - CENTRO
FONE/FAX: (054) 447-1313
VILA FLORES - RS 95334-000

**VILA FLORES**
A flor da serra gaúcha
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
RS. 972000